

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA INSTITUCIONAL**

MARIA JOSÉ SCARDUA

**“OUVIR COM ASPAS E CONTAR COM RETICÊNCIAS: AS HISTÓRIAS DE
VIDAS DE MILITANTES DE DIREITOS HUMANOS DO
ESTADO DO ESPÍRITO SANTO”**

Vitória/ES, 2013.

MARIA JOSÉ SCARDUA

**“OUVIR COM ASPAS E CONTAR COM RETICÊNCIAS: AS HISTÓRIAS DE
VIDAS DE MILITANTES DE DIREITOS HUMANOS DO
ESTADO DO ESPÍRITO SANTO”.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Institucional, No Centro de Ciências Humanas e Naturais.

Orientadora: **Elizabeth Maria Andrade Aragão**

Vitória/ES, 2013.

MARIA JOSÉ SCARDUA

**“OUVIR COM ASPAS E CONTAR COM RETICÊNCIAS: AS HISTÓRIAS DE
VIDAS DE MILITANTES DE DIREITOS HUMANOS DO
ESTADO DO ESPÍRITO SANTO”.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia Institucional na área de concentração de Processos Educacionais, História e Cidadania defendida e aprovada em ____/____/____.

Comissão Examinadora:

Prof.^a Dr.^a **ELIZABETH MARIA ANDRADE ARAGÃO**

Universidade Federal do Espírito Santo

Orientadora

Prof.^a Dr.^a **ANA PAULA FIGUEIREDO LOUZADA**

Universidade Federal do Espírito Santo

Membro Interno

Prof. Dr. **ALOISIO KROLHING**

Faculdade de Direito de Vitória/ES

Membro Externo

DEDICATÓRIA:

Dedico esse trabalho universitário a todos e todas as militantes na vida. Que se gastam, que se queimam, que se entregam, que lutam, mesmo com a dor da solidão da incompreensão e falta de solidariedade.

AGRADECIMENTOS:

*Vinícius de Moraes
Soneto de Fidelidade
Estoril, outubro, 1939*

*De tudo, ao meu amor serei atento
Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento.*

*Quero vivê-lo em cada vão momento
E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento*

*E assim, quando mais tarde me procure
Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe a solidão, fim de quem ama*

*Eu possa me dizer do amor (que tive)
Que seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure.*

O agradecimento aos amores que são imortais e que sou atenta. Com zelo às pessoas que me rodeiam e que encantam meu pensamento. Espalho meu canto de gratidão pelos quatros cantos da vida, com riso, pranto e contentamento. Pois mesmo que procure a morte, angústia e a solidão; o amor e a gratidão estão nessas linhas cheias de chamas.

Os dias de agradecimentos fazem meu olhar e pensamento ir ao longe. Pois a vida sem gratidão é uma história sem carinho e afeto. Esses dias da escrita me deixaram enamorada, cheia de olhares coloridos e saudosista, cheio de sons que me queimam inteira, cheia de toques que arrepiam o corpo, cheia de gostos dos mais diferentes e saborosos e cheia dos aromas mais improváveis e deliciosos.

Não quer dizer que não tem dor, lágrima, solidão, amargura ou deserto. Houve e há muitos, mas os agradecimentos também devem remeter às dificuldades. O diferente campo de atuação, a linguagem, as expectativas, o desemprego, a solidão, a dureza da inércia e apatia... Algumas superadas com o tempo e outras não! Mas o que seria da vida se não um eterno conflito e um mudar permanente?!

Agradeço imensamente:

À Deus, que tem participação essencial na minha sustentação espiritual!

Aos meus pais, José Evaristo e Eliete; pela vida, por acreditarem em mim e que mesmo no silêncio cotidiano me dão a força na presença e no olhar! Amo vocês!

À minha irmã Graziela e a sobrinha Teodora, pela certeza do amor e solidariedade que temos uma para com a outra. Amo vocês!

À minha avó, Eponina.

À Maria José Lacerda, que cuida de mim há tanto tempo; que se preocupa e sente minhas dores juntamente. Amo você!

À minha família ampliada: À Cristina – Crix, amiga de todas as horas, de todas as risadas e lágrimas, além dos nossos lanches e cafés. À Ericka, pelas discussões sobre marxismo e conjuntura política em confronto com a psicologia e pelas longas conversas deitadas no escuro. À Luana, por acreditar nas minhas verdades e nos shakes que bebemos juntas. À Grazi, que mesmo distante esteve perto. À Nina, pelo aprendizado e por ouvir minhas falas picantes sem preconceitos. À Luziane, pelo afeto e cuidado de sempre. À Flavia, que sempre se preocupou comigo e por nossas longas conversas. À Mariane, pela cumplicidade. À Mariana, pela motivação. À Carmen, por ter me dado o primeiro contato com a psicologia e pelas verdades ditas e vividas. Ao Luciano, pelas mensagens afetuosas e fala doce dos nossos almoços. Ao Cláudio, pela presença e companheirismo. Ao Bruno, que não está mais comigo. Enfim, a vocês minhas amigas e meus amigos que me apoiam, acolhem, acreditam e convivem comigo, pelo amor e chama imortais! Amo vocês abusivamente!

À UFES, personificado no PPGPSI pela experiência e pela capacidade de conhecer mais formas de agir e ser, pelos estudos.

À Professora Beth Aragão, pela motivação. À Professora Gilead Tavares, pela delicadeza dos olhares e falas. À Professora Ana Paula, pela disponibilidade. À Professora Maria Cristina, pela oportunidade inicial, generosidade e carinho sempre.

À Banca Examinadora nos membros componentes, nas pessoas da Professora Ana Paula e do Professor Aloisio, pela oportunidade de construírem esse trabalho e plantar no meu jardim do pensamento com questionamentos e apontamentos.

À Soninha, amiga carinhosa que mesmo antes dos estudos já me recebia com afeto e dedicação. E à Rosângela, pelos sorrisos e delicadeza.

Aos entrevistados, Marta, João Batista, Iriny, Isaias, Perly; que me deram a oportunidade de conhecer e contar as suas vidas e histórias aqui nesse trabalho acadêmico.

A todas as pessoas que atravessaram e atravessam minha vida. Afetando-me e me fazendo refletir ou repensar as formas de relações, de trabalho e da vida!

Finalmente, meu muito obrigada e gratidão eterna pelos cuidados e principalmente por acreditarem em mim!

“Temos o direito de sermos iguais quando a nossa diferença nos inferioriza; e temos o direito de ser diferentes quando a nossa igualdade nos descaracteriza. Daí a necessidade de uma igualdade que reconheça as diferenças e de uma diferença que não produza, alimente ou reproduza as desigualdades.”

Boaventura de Souza Santos.

RESUMO:

O estudo deste trabalho tem como base as experiências e as histórias de vidas de militantes de direitos humanos do Estado do Espírito Santo. Faz-se o caminho pelo fundamento e a importância do resgate da memória e das histórias de vidas de militantes históricos. Partindo da experiência dos que são oprimidos na militância de direitos humanos para que não seja esquecida a história na sociedade brasileira. A seguir é apresentada fundamentação teórico-situacional, que percorre a importância de se contar a história na preservação da memória e da não repetição das mazelas. Posteriormente, é feito um sobrevoo na história dos direitos humanos pelo mundo, na América Latina e no Brasil; para subsidiar as cinco histórias de vidas aqui contadas. Já as cinco histórias e experiências de vidas foram utilizadas a gravação e a seguir a transcrição; e como metodologia para contá-las, empregado a opção dos *flashs*, recortes daquilo que mais sobressaltou aos olhares, aos ouvidos e ao corpo.

Palavras chave: narrativa, história oral, história de vida, militância e direitos humanos.

ABSTRAT:

The study of this work is based on the experiences and stories of the lives of human rights activists in the state of Espírito Santo. It is the way the foundation and importance of the recovery of memory and the stories of the lives of historical militants. Based on the experience of those who are oppressed in militancy human rights not to be forgotten in the history of Brazilian society. The following is a theoretical and situational, which runs the importance of telling the story in the preservation of memory and non-repetition of ills. Later, it flew like a history of human rights in the world, in Latin America and Brazil, to subsidize the five life stories told here. Already five stories and life experiences were used to follow the recording and transcription; methodology and how to count them, the option of the employee flashes, cuts to what looks more startled, ears and body.

Key words: narrative, oral history, life history, activism and human rights.

SUMÁRIO:

| | |
|--|------------|
| • INTRODUÇÃO – Um panorama geral em passos pequeninos – “Guardei, sem ter porque, nem por razão, ou coisa outra qualquer, além de não saber como fazer, pra ter um jeito meu de me mostrar”! | 12 |
| 1) Caminhos desta história – Considerações teórico-situacionais – “Guardando a recordação, das terras onde passei, andando pelos sertões, e dos amigos que lá deixei”! | 16 |
| 2) Apresentação metodológica – “E é tão bonito quando a gente entende, que a gente é tanta gente onde quer que a gente vá”! | 24 |
| 3) Direitos Humanos no tempo e na história – “Há soldados armados, amados ou não, quase todos perdidos de armas na mão. Nos quartéis lhe ensinam: De morrer pela pátria e viver sem razão”! | 29 |
| 4) Uma militância de Direitos Humanos como um acontecimento na vida e na história – “Vem, vamos embora que esperar não é saber. Quem sabe faz a hora não espera acontecer”! | 42 |
| 5) Contar as vidas das e dos militantes de direitos humanos – “Que sonha com a volta do irmão do Henfil. Com tanta gente que partiu, num rabo de foguete. Chora! A nossa Pátria, mãe gentil, choram Marias e Clarisses, no solo do Brasil”! | 45 |
| a) Marta Falqueto | 48 |
| b) João Batista Herkenhoff | 64 |
| c) Iriny Lopes | 74 |
| d) Isaias Nascimento | 85 |
| e) Perly Cipriano | 102 |
| 6) CONCLUSÃO – O ponto de chegada, as histórias de vidas, a continuidade da militância e a transformação pelos que virão – “Quero lhe contar como eu vivi e tudo o que aconteceu comigo. Viver é melhor que sonhar, eu sei que o amor é uma coisa boa. Mas também sei que qualquer canto é menor do que a vida de qualquer pessoa”! | 119 |
| 7) Bibliografia | 123 |

- **INTRODUÇÃO – Um panorama geral em passos pequeninos –**
*“Guardei, sem ter porque, nem por razão, ou coisa outra qualquer,
além de não saber como fazer, pra ter um jeito meu de me mostrar”!*

*Pra você guardei o amor
Nando Reis*

*Pra você guardei o amor
Que nunca soube dar
O amor que tive e vi sem me deixar
Sentir sem conseguir provar
Sem entregar
E repartir*

*Pra você guardei o amor
Que sempre quis mostrar
O amor que vive em mim vem visitar
Sorrir, vem colorir, solar
Vem esquentar
E permitir*

*Quem acolher o que ele tem e traz
Quem entender o que ele diz
No giz do gesto o jeito pronto
Do piscar dos cílios
Que o convite do silêncio
Exibe em cada olhar*

*Guardei
Sem ter porque
Nem por razão
Ou coisa outra qualquer
Além de não saber como fazer
Pra ter um jeito meu de me mostrar*

*Achei
Vendo em você
Explicação
Nenhuma isso requer
Se o coração bater forte e arder
No fogo o gelo vai queimar*

*Pra você guardei o amor
Que aprendi vendo os meus pais
O amor que tive e recebi
E hoje posso dar livre e feliz
Céu cheiro e ar na cor que o arco-íris
Risca ao levar*

*Vou nascer de novo
Lápis, edifício, tevere, ponte
Desenhar no seu quadril
Meu lábios, beijam signos feitos sinos
Trilho a infância, terço o berço
Do seu lar*

*Guardei
Sem ter porque
Nem por razão
Ou coisa outra qualquer
Além de não saber como fazer
Pra ter um jeito meu de me mostrar*

*Achei
Vendo em você
Explicação
Nenhuma isso requer
Se o coração bater forte e arder
No fogo o gelo vai queimar*

*Pra você guardei o amor
Que nunca soube dar
O amor que tive e vi sem me deixar
Sentir sem conseguir provar
Sem entregar
E repartir*

*Quem acolher o que ele tem e traz
Quem entender o que ele diz
No giz do gesto o jeito pronto
Do piscar dos cílios
Que o convite do silêncio
Exibe em cada olhar*

*Guardei
Sem ter porque
Nem por razão
Ou coisa outra qualquer
Além de não saber como fazer
Pra ter um jeito meu de me mostrar*

*Achei
Vendo em você
Explicação
Nenhuma isso requer
Se o coração bater forte e arder
No fogo o gelo vai queimar*

Para você guardei meus primeiros passos com amor e para ter *um jeito meu de me mostrar* nesse trabalho universitário. Guardei o amor que nunca soube que daria a todos que tiverem proximidade com essas linhas.

Esse amor que não tem razão, nem tem porquê! Entretanto tem piscar dos cílios, tem família, têm pais, têm entregas, tem infância, tem lápis e muitas histórias, ... Cada uma que compartilhei aqui no fogo que queima a vida!

A marcha deste trabalho nasce dos encontros e desencontros com os direitos humanos na política pública e especialmente com militantes de direitos humanos do Estado do Espírito Santo. É o gelo que encontra o fogo do meu coração e me queima inteira.

Escolhemos vidas de cinco militantes históricos de direitos humanos do Estado do Espírito Santo para serem contadas e registradas. Além disso, queremos que a memória e a identidade das lutas que sustentaram as vidas e que avançaram nas políticas públicas e nas garantias de direitos não sejam esquecidas e ou mesmo aniquiladas.

Faz-se necessário saber o que foi a luta e vida, para que os caminhos atuais sejam direcionados e redirecionados, que no futuro possamos obter mais e mais direitos e direitos humanos; como os civis, políticos, sociais, culturais, ambientais, dentre outros, para cada cidadão e cidadã do Brasil e do mundo.

No primeiro capítulo o trabalho exhibe a importância da memória e do contar as histórias de lutas e as histórias de vidas; com fundamentação teórica dos autores escolhidos e dos caminhos que eles dão ao trabalho. A importância de conhecer e introduzir Walter Benjamin, Jeanne Marie Gagnebin e Michel Foucault para que a memória não se perca e que criemos novos discursos e novas formas de vida. Gagnebin em uma entrevista gravada define a importância desse trabalho para a memória de um povo, ao dizer que *“a memória é a essência da identidade de uma pessoa, de um povo, de uma cultura e de uma sociedade”*¹.

Esse jeito meu de me mostrar, também me leva a mostrar no segundo capítulo a feição que foi utilizada para contar cada história de vida. Uma dificuldade imensa se deu na forma e na escolha de um jeito! Então escolho o que o amor mais guardou em mim. Um amor que fez sorrir ou chorar nas passagens das histórias de vidas, que *guardei sem ter porque!*? Mas onde o coração bateu forte e ardeu! Entretanto essas histórias arderão em cada um de uma forma diferente e ainda caberia uma biografia de cada entrevistado.

Nos capítulos terceiro e quarto, sobrevoamos a história contemporânea dos direitos humanos. Essa história que tem seus passos por séculos, mas que só se denomina assim no século XX. Já no Brasil se define direitos humanos a partir da repressão do Estado, por uma ditadura militar que perdurou vinte e um anos. Com a degradação, tortura, desaparecimento e morte de milhares de brasileiros; deixando então uma marca profunda na sociedade e militância pelos direitos humanos.

Enfim, o *amor* que vive em cada entrevistado nos cinco pontos seguintes. Um jeito de cada um de se mostrar, o jeito de Marta Falqueto, o jeito de João Batista

¹ <http://www.youtube.com/watch?v=Dr7jJogxFfU>

Herkenhoff, o jeito de Iriny Lopes, o jeito de Isaias Nascimento e o jeito de Perly Cipriano. Os jeitos, as memórias, as lutas, as vidas, enfim; as histórias de vidas desses cinco grandes militantes de direitos humanos do nosso Estado.

Com todo esse amor contado, que não é mais guardado, que sai das caixas vivas das memórias de cada um dos cinco, que queimam o gelo das dificuldades vividas, das ausências, das faltas, das lágrimas. E finalizo o trabalho com a conclusão no capítulo sexto.

Esse capítulo não é o mais importante ou menos, ele só dá um *ponto e vírgula* na história de vida desses entrevistados, dos militantes espalhados por todos os cantos e também na minha; pois ela não se encerra nessas letras. Ela está para além! Elas afetaram, afetam e afetarão vidas! E para além do papel, que é necessário, são vivas! Estão vivas nas pessoas, na luta, nesse trabalho e em mim!

Esse percurso foi um jeito pessoal de contar e de fazer esse trabalho universitário. Mas que reverbera nos meus sentidos permanentemente e que vai continuar a me tocar de forma especial e preciosa! Espero que toque e afete cada um que o leia! É o amor que queima!

1. Caminhos desta história – Considerações teórico-situacionais –

“Guardando a recordação, das terras onde passei, andando pelos sertões, e dos amigos que lá deixei”!

*Vida de Viajante
Luiz Gonzaga*

*“Minha vida é andar, por este país
Pra ver se um dia, descanso feliz
Guardando a recordação, das terras onde passei
Andando pelos sertões, e dos amigos que lá deixei
Chuva e sol, poeira e carvão
Longe de casa, sigo o roteiro mais uma estação
E a alegria no coração*

*Minha vida é andar, por este país
Pra ver se um dia, descanso feliz
Guardando a recordação, das terras onde passei
Andando pelos sertões, e dos amigos que lá deixei
Mar e terra, inverno e verão
Mostro um sorriso, mostro alegria, mas eu mesmo não
E a saudade no coração.”*

O ‘discurso’ como Heródoto e Tucídides começaram a trabalhar, se assim poderia referir-me aos estudos dos pensadores de maneira tão íntima; onde mais tarde chamou-se de ‘história’, sendo esse de “o historiador” e aquele de “o pai da história”; trazem aspectos quanto à memória, a casualidade e o narrador. (Gagnebin, 2005, págs. 13). Pesquisar os discursos, a história, a memória, o fato, o rastro e as palavras são assim uma forma de ser um pouco historiador e ao contá-las um narrador. Contudo um historiador que subverte a história contada de forma oficial; mas que conta a história a partir das pessoas que as presenciaram e a viveram. Uma história que conta o que ficou individualmente para cada um deles, que deixou rastros sem mesmo perceber – um *“rastro autêntico [...] decompõe a ordem do mundo”*² e que fazem a revolução; pois muda todo um país, as pessoas, a política, ... e a mim!

Narrar histórias está no cotidiano das pessoas; contar ‘causos’ de suas vidas, das pessoas, da família, da vizinhança, suas dores, seus amores, suas estripulias, enfim; de suas lutas, ideias e sonhos. Sempre me apeteceu o corpo e os ouvidos as aulas de história, os filmes que retratavam momentos das pessoas e o caminhar do mundo; tenho a sensação de mergulhar naquele tempo, imergir naquela narrativa,

² GAGNEBIN, 2006, págs. 114.

mas principalmente fica a pergunta: o quê isso/aquilo se faz vivo na atualidade?! O que restou no cotidiano que tem a ver com aquele ou outro momento?!

A história do Brasil está dividida em Brasil Colônia, Brasil Império e Brasil República, de acordo com os livros de história estudados no ensino fundamental oficial. Há, contudo, outro Brasil que se fez antes e depois da ditadura. Aquele não contado; aquele que os livros oficiais não relatam. Como descobriremos esses *rastros* na atualidade?! Num pós-sistema ditatorial de governo, onde foi marcado por prisões e extermínio, silenciamento e proibições, exclusão e total falta de garantias dos direitos civis. Então recontaremos esse Brasil, que seguiu o caminho tortuoso e indigno da ditadura e seus traçados nas vidas das pessoas e de uma sociedade.

A ditadura militar no Brasil teve sua existência oficialmente declarada pelo período de 21 anos – 1964 a 1985, findando com o mandato do último presidente militar – João Batista de Oliveira Figueiredo. Essa transformação se deu a base de muita luta popular, onde diversos atores abraçaram a causa e reivindicavam a garantia dos direitos civis, o retorno dos exilados, a (re) construção de uma sociedade justa e social, o exercício pleno de um sistema democrático.

A militância passa a se chamar: “pelos direitos humanos”; fazendo uma referência a todos os direitos inseridos na *Declaração Universal dos Direitos Humanos*³ de 1948. A luta se fundamentava em diversos artigos da Declaração, mas principalmente o III – que garante o direito a vida e a liberdade, o artigo V – que refuta a tortura, o tratamento cruel, desumano e degradante, o artigo IX – que estabelece desde aquele tempo o devido processo legal⁴, onde ninguém deverá ser preso, detido ou exilado com o trânsito total de um julgamento, e por fim; mas sem enclausurar as bandeiras de lutas, o artigo XI – com a garantia da inocência até que um julgamento o absolva ou condene. Fazia e faz resistência ao Estado “soberano” na teoria clássica da soberania, que tem como atributo fundamental o direito de vida e de morte de quaisquer súditos!⁵

³ Declaração é possível encontrar no sítio do Ministério da Justiça/Governo Federal: http://portal.mj.gov.br/sedh/ct/legis_intern/ddh_bib_inter_universal.htm

⁴ <http://www.fdv.br/publicacoes/periodicos/revistadepoimentos/n10/6.pdf>

⁵ FOUCAULT, 2005, págs. 286.

Esses artigos específicos se aglomeravam na perspectiva de salvaguardar as vidas dos presos políticos e principalmente a não execução sumária, como seu maior exemplo a massacre do Araguaia. Naquele momento sem a presença de um Estado Democrático de Direito os familiares recorriam às igrejas e principalmente à Igreja Católica Apostólica Romana⁶ para reclamar as vidas dos seus, que militavam e que se rebelaram contra o regime militar.

O Estado foi gradativamente endurecendo e pesando a mãos nos seus Atos Institucionais ao longo do percurso. E ir de encontro a um Estado ditatorial, fez uma mudança na sociedade de forma que dividiu em dois grandes blocos: os a favor do Estado e os que eram contra – os comunistas. E mesmo agora, quase 30 anos de exercício pleno de uma democracia de direito ainda aquela luta é marcada, como se ouve falar: “*esse povo dos direitos humanos só quer saber de direito de preso e o direito de quem tá aqui fora?!⁷*” num sentido pejorativo e de pouca qualificação. A tentativa ainda hoje é de aniquilamento dos movimentos sociais de direitos humanos ou não, através da desqualificação ideológica das lutas; como a fala retrata. Muitas pessoas, na grande maioria; nem conhecem a história, nem a memória, nem a verdade dos fatos e principalmente as vidas desses sonhadores e lutadores, enfim; desses ***militantes de diretos humanos⁸***. Que contribuíram para a mudança democrática, de direito e social do Brasil.

A ideia é não somente contar cada história de vida e de militância permanente, diária; é trazer à luz, é não deixar que elas se percam, ou seja, aniquiladas. É o que Gagnebin (2006, págs. 46-47) nos traz, quando cita a tentativa de aniquilamento do que aconteceu em *Auschwitz⁹* pelos alemães. Os oficiais ao conhecimento da notícia que perderam em Estaligrado/Rússia ordenam que os próprios judeus e outros presos desenterrassem os mortos e juntamente com os documentos, os incinerassem. Os alemães querem então: “aniquilar um povo inteiro, a ‘solução final’

⁶ Diversos Bispos faziam buscas em presídios de presos, pois os familiares recorriam à Igreja. Com expoentes como Arcebispo Dom Paulo Evaristo Arns e Dom Helder Câmara.

⁷ Fala específica do pai da mestrandia – José Evaristo Scardua, ao assistir uma notícia de jornal televisivo.

⁸ Grifo nosso.

⁹ Auschwitz-Birkenau – campo de concentração localizado na Polônia e de maior símbolo do genocídio da II Guerra Mundial.

pretendiam também destruir toda uma face da história e memória”¹⁰. Apagar a memória através da aniquilação de quaisquer rastros que possam se fazer entender àquele momento da história mundial. Benjamin ao se reportar a Brecht, no poema “Apague os rastros”¹¹, demonstra o que acontecera após a II Grande Guerra diretamente:

*“Cuide, quando pensar em morrer
Para que não haja sepultura revelando onde jaz
Com uma clara inscrição a lhe denunciar
E o ano de sua morte a lhe entregar
Mais uma vez:
Apague os rastros!
(Assim me foi ensinado.)”*

Reportando – nos daí, veremos aqui no Brasil desde a redemocratização o mesmo intencionar no pós Ditadura. Até hoje ainda não tivemos a aberturas dos documentos e muitos desaparecidos, muitas famílias ainda sem enterrar os seus! E quem conta a história desses que mesmo hoje militam pelos direitos humanos?! Ou querem que mesmo o silenciamento, a perda do rumo e da oralidade? Entretanto,

“ao juntar os rastros/restos que sobram da vida e da história oficiais, poetas, artistas e mesmo historiadores, na visão de Benjamin, não efetuam somente um ritual de protesto. Também cumpre a tarefa silenciosa, anônima mas imprescindível, do narrador autêntico, [...]. Hoje não existe mais nenhuma certeza de salvação, ainda menos de Paraíso. No entanto, podemos – e talvez mesmo devamos – continuar a decifrar os rastros e a recolher os restos.”¹²

Nessa intenção de decifrar os rastros que foram deixados no caminhar destes militantes de direitos humanos e recolher os restos que ainda se frutificam, que criaram asas e voam alto! Memórias atravessadas por dores, paixões, dificuldades, dentre outros. Na magnitude de ouvir! Estar com os ouvidos atentos, a face reluzia no contar e recontar das lembranças e das memórias. Faziam sentir vibrações no corpo pelas vidas extraordinárias à frente. Ao sentirem que “[...] vida é a criação dos sentidos para a própria vida, linhas de resistência, desejo de alteridade”¹³; fazia pensar nas linhas de resistência e desejo de alteridade que essa militância em prol dos direitos humanos fez e faz com cada pessoa que já se aproximou em algum

¹⁰ GAGNEBIN, 2006.

¹¹ GAGNEBIN, 2006, págs. 52.

¹² GAGNEBIN, 2006, págs. 118.

¹³ DOMINGUES, 2010, págs, 37.

momento dessa militância. Reportou-me à Secretaria de Cidadania e Direitos Humanos¹⁴ e minha militância partidária.

Mesmo, mais de uma geração depois do fim do Governo Militar Brasileiro, não foi contada a partir dos que viveram esse período em contraponto a história oficial. Para contá-la e recontá-la não se precisa ter testemunhado; é o que Gangnebin ao citar Benjamin nos recorda que para “articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘tal como ele propriamente foi’. Significa apoderar-se de lembrança tal como ela cintila num instante de perigo”¹⁵, e a partir de então contá-la a partir do que toca o narrador.

Contar o percurso dos direitos humanos pode se dar por diversos caminhos, contudo o escolhido neste trabalho é o da “*verdade do passado que*¹⁶ *remete mais a uma ética da ação presente que a uma problemática da adequação [...] entre ‘palavras’ e ‘fatos’*”¹⁷. Esses e essas militantes de direitos humanos de uma maneira ou de outra ainda continuam a exercer funções de militância ou nos movimentos sociais, ou na política pública institucionalizada ou por fim, na própria política eletiva.

Esta dissertação quer, por fim “contar os acontecimentos passados, conservar a memória, resgatar o passado, lutar contra o esquecimento” (GAGNEBIN, 2005, págs. 15) dos Direitos Humanos no Espírito Santo e das vidas de militância em direitos humanos de: Marta Falqueto, João Batista Herkenhoff, Iriny Lopes, Isaias Nascimento e Perly Cipriano.

A riqueza dessas histórias e dessas vidas cheias de produção de singularização¹⁸; está nas percepções cristalinas dos modos de produção capitalísticos do Brasil, pois naquele momento o Estado garantia que o capital econômico-financeiro fizesse um alargamento do neoliberalismo, no mercado, na cultura e também dentro da máquina estatal. Construindo uma cultura de equivalência de produção e consumo,

¹⁴ Secretaria Municipal de Cidadania e Direitos Humanos do município de Vitória/ES, período de gestão 2005-2012 – Gestão Petista do Prefeito João Carlos Coser.

¹⁵ GAGNEBIN, 2006, págs. 40.

¹⁶ A conjunção que foi inclusão nossa.

¹⁷ GAGNEBIN, 2006, págs. 39.

¹⁸ GUATTARI, 2010, págs. 22-23.

construindo sujeitos normalizados nos corpos, na horizontalidade da produção da subjetividade social e inconsciente. Produzindo uma subjetivação hegemônica da cultura que são arraigados em toda a sociedade até a atualidade. O contraponto são as vidas dos militantes de direitos humanos que se gastaram para que todas as vidas pulsassem, sempre motivados pela transformação social, enraizada na solidariedade. Aquilo que sonhou tão fraternalmente Guattari:

“Eu oporia a essa máquina de produção de subjetivação a ideia de que é possível desenvolver modos de subjetivação singulares, aquilo que poderíamos chamar de ‘processos de singularização’: uma maneira de recusar todos esses modos de encodificações preestabelecidos, todos esses modos de manipulação e de telecomando, recusá-los para construir modos de sensibilidade, modos de relação com o outro, modos de produção, modos de criatividade que produzam uma subjetividade singular. Uma singularização existencial que coincida com o desejo, com um gosto de viver, com uma vontade de construir o mundo no qual nos encontramos, com a instauração de dispositivos para mudar os tipos de sociedade, os tipos de valores que não nossos¹⁹.”

As vidas foram sendo produzidas nas singularização e na subjetivação em todo território nacional. E tempo passou... E em 1985 o fim do militarismo; em 1988 a promulgação da chamada Constituição Cidadã – Constituição da República Federativa do Brasil; em 1989 tivemos as primeiras eleições diretas no pós-ditadura; em 1994 tivemos mudança da moeda – símbolo nacional pela última vez; em 2003 a chegada de sindicalista Luis Ignácio Lula da Silva à Presidência da República; superamos uma quebra das principais bolsas de valores do mundo – a americana e a européia; ...; em 2011 presenciamos a chegada da primeira mulher à Presidente da República – Dilma Rouseff; dentre outros grandes marcos na história recente brasileira e mundial.

Apesar disso o que esses últimos doze anos de políticas sociais implantadas no país fizeram, não houve notícia de quem já tenha feito algo parecido na nossa história. O grande medo que as mídias televisivas e jornalísticas de forma geral, diziam... A chegada de um “analfabeto” ao Palácio do Planalto seria o fim do país. E contra todas as expectativas, passamos por uma quase bancarrota mundial sem grandes dificuldades. E a partir de então a institucionalização de políticas afirmativas.

¹⁹ *Idem* 39.

Ao chegar ao Palácio do Planalto em 2003, o então Presidente da República, cria as Secretarias de Política para as Mulheres, de Promoção da Igualdade Racial e De Direitos Humanos. Reconhecendo categoricamente a desigualdade entre homens e mulheres e a violência que isso traz para a parte vulnerável dessa relação dicotômica, caso da Secretaria de Mulheres. Reconhecendo da mesma forma a desigualdade racial na sociedade brasileira; que gera exclusão e violação dos direitos fundamentais; uma dívida histórica de 300 anos de escravidão e com as outras comunidades tradicionais. E por fim, não menos importante; trouxe para dentro da política pública a responsabilidade de um olhar transversal em direitos humanos em todas as políticas públicas sociais ou não; além da discussão dos movimentos de direitos humanos pela verdade e pela memória do período nebuloso de escuridão da ditadura.

A inversão do aniquilamento daquela história de 21 anos de ditadura governamental que matou, torturou, exilou pessoas, vilipendiou corpos, dentre outros; porque as suas ideologias socialistas não iam de acordo com o militarismo e o neoliberalismo. Deu-se e dará pela luta dos direitos humanos pelos movimentos sociais e pela resposta que o Estado dá ao implantar políticas públicas de direitos humanos, será também “lutar contra o esquecimento e a denegação é também lutar contra a repetição do horror” (GAGNEBIN, 2006, págs. 47).

Ao institucionalizar políticas públicas e ao fortalecerem-se os grupos de produção de singularidades, na perspectiva de todas as garantias da pessoa humana; produzimos novos modos de vidas. Entretanto cotidianamente a sociedade está cada dia mais virtual, perdendo a tradição da experiência e das lutas é o que traz Gagnebin, quando cita o texto de Benjamin *Experiência e pobreza*, em constatar:

“*Verfall der Erfahrung* o declínio da experiência, isto é no sentido forte e substancial do termo, [...], que repousa sobre a tradição compartilhada por uma comunidade humana, tradição retomada e transformada, em cada geração, na continuidade de uma palavra transmitida de pai para filho. A importância desta tradição, no sentido concreto de transmissão e de transmissibilidade, [...] mas sim uma preciosa *experiência*, e que sua riqueza lhes advém dessa experiência.²⁰”

²⁰ GAGNEBIN, 2006, págs. 50.

A dureza, crueldade, aniquilação do humano vivida pela sociedade brasileira, fez com que perdêssemos a *experiência* e gerando *pobreza* na produção de subjetivação social! Uma geração marcada pela forma repressora, truculenta, nada democrática e muito menos de direito ficou perdida, pobre, normalizada! Nesse processo surgiram diversas formas de resistir, uma delas foi à luta pelos direitos daqueles que estavam ainda vivos e localizáveis! Advindo de diversas frentes populares *molares e moleculares*²¹, que hora se aproximavam hora se distanciavam. Movimentos de forças e grupos foram formando vidas e histórias, memórias e narrativas, afetando e deixando-se afetar até chegarem aos dias atuais.

²¹ GUATTARRI, 2010, págs. 149.

2. Apresentação metodológica – “E é tão bonito quando a gente entende, que a gente é tanta gente onde quer que a gente vá”!

*Caminhos do Coração
Gonzaguinha*

*Há muito tempo que eu saí de casa
Há muito tempo que eu caí na estrada
Há muito tempo que eu estou na vida
Foi assim que eu quis, e assim eu sou feliz*

*Principalmente por poder voltar
A todos os lugares onde já cheguei
Pois lá deixei um prato de comida
Um abraço amigo, um canto prá dormir e sonhar*

*E aprendi que se depende sempre
De tanta, muita, diferente gente
Toda pessoa sempre é as marcas
Das lições diárias de outras tantas pessoas*

*E é tão bonito quando a gente entende
Que a gente é tanta gente onde quer que a gente vá
E é tão bonito quando a gente sente
Que nunca está sozinho por mais que pense estar*

*É tão bonito quando a gente pisa firme
Nessas linhas que estão nas palmas de nossas mãos
É tão bonito quando a gente vai à vida
Nos caminhos onde bate, bem mais forte o coração
E aprendi ...
Final:
O coração, o coração*

Tratar do coração, do coração! Tratar da memória é tratar da verdade que nos cerca e que por muitas vezes não enxergamos ou nem a conhecemos. Para isso contar a história de vida de militantes de direitos humanos do nosso Estado se faz necessário. Gagnebin diz que “*para esboçar uma definição daquilo que, neste contexto, chamamos de verdadeiro, [...] não devemos analisar primeiramente essa preocupação, esse cuidado, essa ‘vontade da verdade’ que nos move?*”²² Uma vontade de verdade que vivo e que viveram e vivem esses cinco entrevistados, uma vontade de verdade que os e as moveu pela vida inteira. Que fez com que “*tatuassem*” em seus corpos a militância, a lavoura, a igreja, o interior, a cidade, os sindicatos, os conselhos, a família, as dores, os amores, a mudança social, os sistemas judiciário, legislativo e executivo; enfim, a luta pela vida digna para cada ser humano.

Histórias de vidas muitas vezes invisibilizadas, silenciadas, ignoradas; na contramão da história opressora e de um Estado e sociedade que visam lucro. Contudo eles

²² GAGNEBIN, 2006, págs. 39.

existem, persistem e como diz Lobo: “Os *invisíveis da história*, no entanto, sempre estiveram lá”²³ e ainda estão!

Muitas vezes com a reputação maculada, marcada por uma má fama, com adjetivos como “*contraventor*”, “*comunista*”, “*baderneiro*” ou até mesmo “*vagabundo*”, é o fardo que muitos militantes de direitos humanos tiveram que carregar pelos anos. Tal reputação falsamente veiculada de “*feitos abomináveis*”.

A organização estatal ditadora, violentadora, que oprime a sociedade, o poder opressor também tem essa faceta: a desqualificação da luta pelo viés da moralidade binária do bem e do mal. Quem, por fim, se interessa pelos infames?! Já que eles são tão maus! Vidas fadadas a serem malditas! Lilia Lobo no seu livro “Os infames da história” começa em sua apresentação com a indicação de que os “infames” não devem ser esquecidos, fadados ao anonimato, perdidos no fundo do baú, conforme recorte texto, a seguir:

“Os invisíveis da história, no entanto, sempre estiveram lá, nas poucas inscrições em que foi registrada a rápida passagem de suas existências por alguém que muito apressadamente se ocupou deles; dos feitos sem glória dessa gente sem fama, malposta, maldita e sempre malfadada. São infames não porque seus feitos foram abomináveis – há traidores como Joaquim Silvério dos Reis e assassinos como “Fera da Penha” que ficaram famosos, têm lugar garantido na memória de todos. Se, ao contrário, as inúmeras vidas infames estão fadadas ao anonimato e principalmente ao esquecimento, **então o que faz ressurgir uma das outras?** Elas não têm a linha contínua de permanência das histórias grandiloquentes que se repetem nas “lendas douradas” (Foucault, s/d1, p. 100) dos livros didáticos. Sua lenda é invertida, turva, interrompida, perdido no fundo do baú das coisas inúteis.”²⁴

Ao contrário do que a opressão do poder faz e fez aos militantes de direitos humanos, escolhi fazer ressurgir a riqueza das suas lutas, ideologias e vidas; para que a ignonímia se transforme em glória. Que fiquem presentes em nossas memórias e para o reconhecimento da importante contribuição que os entrevistados deram e ainda dão para o Estado do Espírito Santo. Deixemos por fim, a invisibilidade, o anonimato, a má fama para trás!

²³ LOBO, 2008, págs. 17.

²⁴ LOBO, 2008, págs. 17-18. Grifo nosso.

Cada história de vida que nos remete à atualidade, através de ações éticas e que fez e faz mudança social. Que fez e faz mudança em Vitória e no Espírito Santo; é “a multiplicidade de agenciamentos da subjetivação: a subjetivação é essencialmente fabricada e modelada no registro social”²⁵ como diz Guattari; enfim, as vidas transformadas e transformadoras. Ou como disse Gonzaguinha na letra acima: “E aprendi que depende sempre de tanta, muita, diferente gente. Toda pessoa sempre é as marcas das ligações diárias de outras tantas pessoas”!

A vontade da verdade, a ética e a transformação social, me moveu a essas pessoas incríveis que me contaram pedaços das suas histórias de vida, suas militâncias encerradas ou continuadas até os dias atuais, dos seus amores, das suas dores, dentre outros; enfim, do que os moveu e move. Para efeito da dissetação, optei por contar seguindo a ordem cronológica das próprias entrevistas... Essas histórias foram colhidas de Marta Falqueto, João Batista Herkenhoff, Iriny Lopes, Isaias Nascimento e Perly Cipriano, respectivamente.

Ao pensar uma forma de contar essas vidas surgiram várias possibilidades, tais como: categorizar, retirar pontos incomuns, criar personagens, entretanto seriam retirar de todas as histórias de vidas e das memórias de nossos entrevistados suas potências e seus heroísmos. Para tanto é o trabalho de “*lutar contra o esquecimento, mantendo a lembrança cintilante da glória dos heróis, isto é, fundamentalmente, lutar contra a morte e a ausência pela palavra viva e rememorativa*”²⁶ de cada militante que aqui é entrevistado.

É também, ao contar a veracidade de cada vida; lutar contra a repetição dos horrores, das dores, das torturas, das desigualdades sociais, dentre outras que os movimentos de direitos humanos lutaram e ainda lutam pelo país e pelo mundo. Essa é uma forma de continuar tentando manter nossas liberdades, nossos direitos adquiridos, os avanços nas garantias individuais, e finalmente, nos caminhos da construção constante de uma democracia. Não quer dizer que pararemos de nos mover, de nos tocar, de nos solidarizar e nos organizarmos. Pois muito ainda há de ser garantido e conquistado nesse Estado e País!

²⁵ GUATTARI, 2010, págs. 40.

²⁶ GAGNEBIN, 2006, págs. 45. Grifo nosso.

O resgate das histórias de cada entrevistado foi contado em função daquilo que mais me tocou na vida de cada militante, considerando sua vida pessoal e a luta pelos direitos humanos. Ou seja, a montagem da exposição de trechos das entrevistas se deu a partir da ótica da pesquisadora. Optei por apresentar *flashes*, recortes, nas falas de cada um, daquilo que mais sobressaiu aos meus ouvidos, olhos, pele e, porque não dizer, ao coração. Dentro desse prisma devemos considerar que esse processo se vincula necessariamente a uma escolha muito subjetiva, pois cada pessoa sentiria ou sentirá tocada por algum fato da vida desses militantes que podem ser completamente diversos aos escolhidos. Cada pessoa que tivesse esse trabalho em suas mãos escolheria de forma diferente como contar essas histórias; tamanha é a riqueza de cada uma.

Vale ressaltar ainda a grande importância de uma pesquisa qualitativa na certeza da motivação característica de cada operador do corpo de uma dissertação. É como diria Roberto Carlos: “*Eu tenho tanto a lhe falar, mas com palavras não sei dizer*”²⁷ tudo que cabe ou que ultrapassa, tudo que atravessa ou que alcançou, daquilo que ressoa e daquilo que é intenso na vida e luta de qualquer um dos nossos entrevistados.

As intensidades estão para cada um militante, para a pesquisadora e para quem vir a conhecer suas vidas e lutas; Remi Hess, discursa sobre isso em seu livro – “*Produzir sua obra: O momento da tese*”. Quando relata que tanto no sentido da participação na história pelos militantes, como no sentimento de me expressar através deles dentro do trabalho universitário, são dimensões que entrecruzam. E esse produto final vai se entrecruzar com as vidas dos leitores.

Na história, o particular se torna público e vice-versa. É transformação, emoção e o coração de contar e conhecer cada vida nesse trabalho acadêmico, com sentimentos e implicações dos pólos – dos entrevistados, da pesquisadora e dos que lêem ou lerão esses recortes ou flashes. É o que Hess explana:

“A história reenvia à História que, por sua vez, esclarece o privado, o particular e o emancipa do seu caráter local para transformá-lo num

²⁷ Parte da letra da música: Como é grande o meu amor por você – Composição de Roberto Carlos.

documento antropológico. Esse duplo movimento é portador de uma dimensão educativa, por um lado. Para o leitor que compreende os eventos históricos ou as correntes de ideias através do que um autor recita, por outro lado o autor, ele próprio que, fazendo sua história, compreende sua vida na dimensão de sua historicidade.”²⁸

A historicidade de vidas bate ao coração! Diz o poeta Gonzaguinha: “*É tão bonito quando a gente pisa firme, nessas linhas que estão nas palmas de nossas mãos. É tão bonito quando a gente vai à vida nos caminhos onde bate bem mais forte o coração*”! O pulso ainda pulsa e o coração ainda bate forte, ao rememorar cada momento de escuta atenta que tive com Marta, João Batista, Iriny, Isaias e Perly. A emoção de pisar em terras e colheitas que muitos e cada um deles sememou... É essa emoção das reticências da escuta que compartilharei com cada leitor desse pequeno manuscrito.

Cabendo tantos pólos e visões nesse *modus* de confecção dessas linhas, entendo ser um trabalho que não cabe em si, como diria Djavan. Caberiam sim, cinco grandes livros de histórias de vidas... Sem a infâmia nos relatos, pelo contrário; existe sim a certeza de vidas comprometidas com a solidariedade, com projetos de igualdade e o gastar-se pelos ideais de liberdades!

²⁸ HESS, 2005, págs. 11-12.

3. Direitos Humanos no tempo e na história – “Há soldados armados, amados ou não, quase todos perdidos de armas na mão. Nos quartéis lhe ensinam: De morrer pela pátria e viver sem razão”!

*Pra não dizer que não falei de flores
Geraldo Vandré*

*Caminhando e cantando
E seguindo a canção
Somos todos iguais
Braços dados ou não
Nas escolas, nas ruas
Campos, construções
Caminhando e cantando
E seguindo a canção*

*Vem, vamos embora
Que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora
Não espera acontecer*

*Pelos campos há fome
Em grandes plantações
Pelas ruas marchando
Indecisos cordões
Ainda fazem da flor
Seu mais forte refrão
E acreditam nas flores
Vencendo o canhão*

*Vem, vamos embora
Que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora
Não espera acontecer*

*Há soldados armados
Amados ou não
Quase todos perdidos
De armas na mão
Nos quartéis lhe ensinam
Uma antiga lição:
De morrer pela pátria
E viver sem razão*

*Vem, vamos embora
Que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora
Não espera acontecer*

*Nas escolas, nas ruas
Campos, construções
Somos todos soldados
Armados ou não
Caminhando e cantando
E seguindo a canção
Somos todos iguais
Braços dados ou não
Os amores na mente
As flores no chão
A certeza na frente
A história na mão
Caminhando e cantando
E seguindo a canção
Aprendendo e ensinando
Uma nova lição*

*Vem, vamos embora
Que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora*

Ao pensar na luta pelos direitos humanos, devemos compreender o contexto mundial que reverberou e reverbera em todos os cantos do mundo ocidental até a atualidade. Às vezes com mais e outras com menos intensidade. Esse pensamento possibilitou modificações à sociedade, potencializou e potencializa transformações no mundo cultural, político, social e por fim, jurídico; ao limitar o poder do Estado em face ao *ser humano*.

No pós Segunda Guerra Mundial – 1939-1945, o emblemático Tribunal de Nuremberg²⁹, relata os julgamentos de oficiais que ocuparam altos cargos no Terceiro Reich, no cumprimento de leis nazistas, como: confiscos de bens, esterilizações, torturas, experimentos médicos com seres humanos, pena de morte, deportação, banimento; com total normalidade. A sentença condenatória dos oficiais por cumprirem leis nacionais que degradava o ser humano, marca um novo momento histórico dos direitos do homem. “Os direitos do homem estão acima dos direitos do Estado” (MARMELESTEIN, 2009, págs. 9), sendo a partir daí, limitador do poder do Estado pelo reconhecimento à dignidade da pessoa humana e transformando o papel do governante, do executor da lei, do Estado.

Assim em 1948 inaugurou-se

“o direito internacional dos direitos humanos (até então não havia nenhum documento internacional que se dedicasse ao assunto com tanta abrangência e importância) e, por outro, fundou a concepção contemporânea de direitos humanos que, ambiciosamente, visa integrar os direitos civis e políticos, que vinham se desenvolvendo desde o século XVIII (especialmente após a Declaração francesa de 1789), aos chamados direitos econômicos, sociais e culturais, demandados nos séculos XIX e XX pelo movimento operário (e que se instalaram definitivamente na cena mundial após a Declaração russa de 1918). O cerne da Declaração de 1948 consiste no reconhecimento de que compõem o âmbito dos direitos humanos todas as dimensões que disserem respeito à vida com dignidade – portanto, em direito, deixam de fazer sentido qualquer contradição, ou hierarquia, ou “sucessão” cronológica ou supostamente lógica entre os valores da liberdade (direitos civis e políticos) e da igualdade (direitos

²⁹ “Um dos mais interessantes processos julgados pelo Tribunal de Nuremberg foi dramatizado no filme ‘Julgamento de Nuremberg’ (Judgement at Nuremberg), de Stanley Kramer, lançado em 1961.” “Os vencedores da Segunda Guerra Mundial, criaram, na cidade de Nuremberg, um Tribunal especificamente para julgar os crimes contra a humanidade praticados pelos nazistas. A escolha de Nuremberg para sediar os julgamentos não foi por acaso, já que foi na referida cidade que foram aprovadas as leis nazistas”. (MARMELESTEIN, 2009, págs. 6).

econômicos, sociais e culturais). Sob o olhar jurídico, os direitos humanos passaram a configurar uma *unidade universal, indivisível, interdependente e inter-relacionada*.” (TRINDADE, 2011, págs. 193).

Sabendo que a “Declaração de 1948 foi uma ‘recomendação’ da Assembléia Geral da ONU aos Estados – um compromisso moral, embora solene, mas não uma lei” (TRINDADE, 2011, págs. 194), ela se torna um importante marco que define um novo olhar e o reconhecimento à dignidade da pessoa humana e da militância e luta por todos os direitos estabelecidos na Declaração Universal dos Direitos Humanos. Então,

“a noção de direitos humanos universais conduziu igualmente à ponderação de que o próprio indivíduo, como sujeito de direito, deve ter os seus direitos humanos protegidos também na esfera internacional, e não apenas por tribunais e aparelhos nacionais. Assim, de meados do século XX para cá, além de cerca de uma centena de instrumentos internacionais (entre declarações e tratados mais específicos), surgiram também instituições e mecanismos internacionais de proteção dos direitos humanos, quase sempre criados por tratados internacionais. [...] Merecem destaque, por sua importância, a Corte Europeia e a Corte Interamericana de Direitos Humanos.” (TRINDADE, 2011, págs. 196)

Contudo tais leis e instâncias não impediram que o hemisfério norte ocidental do planeta continuasse pelos anos seguintes com a forma parasitosa de colonização do hemisfério sul do planeta, arrastando por séculos a drenagem de riquezas e bens e proporcionalmente com a subjulgação dos referidos povos por aqueles. Entretanto, com as independências de várias colônias no hemisfério sul fervilhando pelos anos 1950 e 1960, um novo modo de controle deveria começar com efetiva urgência. Novos mercados e novos olhares se voltaram mais uma vez para o hemisfério sul do planeta.

Nessas décadas, podemos aterrizar na América Latina, em especial a América do Sul, onde fervilhava uma onda de movimentos de esquerda que se identificavam com os países do bloco socialista no mundo, tais como União das Repúblicas Socialistas Soviéticas/URSS comandada pela atual Rússia. A América do Sul tomava-se por ideais socialistas e comunistas. A classe de intelectuais e artística se enveredaram pelos caminhos e influenciaram jovens e estudantes principalmente nas regiões sudeste e sul do país. Entretanto nesse movimento de esquerda se

deflagra na contrapartida da direita, que se transformou em repressão dura dos regimes militares de grande influência diplomática norte-americana.

Chegando ao Brasil em 1964, na ditadura do Presidente Costa e Silva, os contornos da ditadura brasileira tiveram um “*modus operandi*” similares a alguns países latino-americanos. Trouxe mimetismo com as ditaduras de Pinochet no Chile e de Videla na Argentina. Caracterizada especificamente por “dissolução das instituições representativas, falência ou crise aguda dos partidos políticos tradicionais, militarização da vida política e social em geral, ou seja, [...] o crescente poderio, econômico, social e político, a partir das décadas de 1950-1960, da instituição militar.” (COGGIOLA, 2001, págs. 11).

O Brasil com sua magnitude geográfica, demográfica e econômica foi alvo de grande pressão internacional pelos Estados Unidos para que aderisse a luta: “mundo livre *versus* comunismo” (COGGIOLA, 2001, págs. 11). Como diz Coggiola, com a ‘honrosa’ tarefa de:

“[...] restaurar no Brasil a ordem econômica e financeira e tomar urgentes medidas destinadas a drenar o bolsão comunista, cuja purulência já se havia infiltrado não só na cúpula do governo, como nas suas dependências administrativas.”³⁰

O Brasil demandava, naquele momento, de mudanças profundas nas estruturas estatal e social. Uma

“pressão dos sindicatos pelas “reformas de base”, as das Ligas Agrárias comandadas por Francisco Julião pela reforma agrária e a de uma CPI (Comissão Parlamentar de Inquérito) para investigar os ganhos das empresas multinacionais instaladas no país, em especial a Volkswagem. O quadro sindical-camponês ameaçava escapar ao controle do governo de João Goulart, Jango, resultante da crise política que levara à renúncia, em 1961, do presidente Jânio Quadros.”³¹

Nesse contexto, as regras da vida política brasileira foi inteiramente sendo transformada e principalmente controlada pelos Atos Institucionais. Os militares justificavam o ato, pela alegação de que havia uma ameaça comunista, afirmando ter eclodido no caso uma contrarrevolução, fortemente contestada principalmente

³⁰ COGGIOLA, 2001, págs. 13.

³¹ *Idem* 51.

pela *historiografia marxista*. Esse momento foi marcado pela extrema dureza do *Exército Brasileiro* e de sua determinação “em tomar o poder do país”. Apoiado por países influentes como a França e com o aporte de uma *doutrina de segurança nacional* ao modelo da política do comércio exterior americano.

Em 09 de abril de 1964 o primeiro dos Atos Institucionais, o chamado AI – 1, deixa o prelúdio do que seriam os *Anos de Chumbo*, determina o fim do governo de João Goulart, a harmonia entre os três poderes, a possibilidade de um governo baseado na Constituição Federal de 1946 e, por fim, a morte do regime democrático, através medidas concedendo poderes ao Executivo de controle exarcebado e, quem sabe, o mais violador, a meu ver: suspendendo as garantias constitucionais. Podemos sistematizar em:

“eleição indireta para presidente da República; *quorum* de maioria absoluta para aprovação de emendas constitucionais enviadas pelo Executivo e prazo de trinta dias, no máximo, para sua votação; decurso de prazo para projetos de lei enviados pelo Executivo: trinta dias para votação, caso contrário eram considerados aprovados; exclusividade do Executivo para projetos de lei que criassem ou aumentassem a despesa pública; Poder concedido ao Executivo para decretar estado de sítio sem audiência prévia do Congresso, que seria ouvido apenas 48 horas após a decretação da medida; suspensão por seis meses das garantias constitucionais ou legais da vitalidade e estabilidade (atingindo, portanto o funcionalismo e a magistratura); os três ministros militares – e posteriormente o presidente da República, eleito indiretamente pelo Congresso – poderiam cassar mandatos legislativos federais e suspender direitos políticos por dez anos, sem apelação judicial.”³²

No ano de 1965, em 27 de outubro, o Ato Institucional número 2 (AI – 2) ampliou os poderes presidenciais e cria uma atribuição de competência para uma Justiça Militar podendo, a partir de então, julgar civis que supostamente cometeram ou acusados por cometerem crimes em face da Segurança Nacional e extinguiu os partidos políticos, podendo a partir daí se organizarem em dois blocos ou partidos políticos – a ARENA (aliança Renovadora Nacional) e o MDB (Movimento Democrático Brasileiro).

Nesse momento houve a instalação dos Inquéritos Policiais Militares – IPM, para diligenciar em face dos que cometessem crimes contra o Estado iniciando as

³² COGGIOLA, 2001, págs. 16.

perseguições aos “adversários do regime” com prisões e torturas. Começando o terror, a dor e desespero, tanto dos militantes quanto dos seus familiares, amigos, companheiros, etc. Criou-se, ainda, o Serviço Nacional de Informação – SNI, que tinha a função de coletar e analisar informações e contra-informações sobre a subversão interna que afetava a Segurança Nacional, com interesse também na desmobilização dos movimentos organizados, principalmente os estudantis e do campo. A região nordeste foi varrida pelo grande número de organizações com afinidades e contato às Ligas Camponesas.

Em 31 de janeiro de 1966 o General Humberto de Alencar Castelo Branco é eleito o novo Presidente do regime. Sua primeira ação como Chefe do Poder Executivo é criar um grupo coeso com seus próximos da Escola Superior de Guerra, chamado Grupo Castelista. Teve um mandato voltado a fazer a reforma econômica capitalista, expurgando qualquer resquício comunista e socialista possíveis. Lança, logo de início, o Programa de Ação Econômica de Governo – PAEG, que pretendia como meta a melhoria das empresas públicas, corte de subsídios de produtos básicos e claro aumento da arrecadação dos impostos. O contexto do Governo de João Goulart pode-se dizer que era deveras precário, com um êxodo do campo para as cidades e a necessidade de uma reforma no Estado.

Ainda em 1966, em 5 de fevereiro, os militares baixam o terceiro Ato Institucional, o AI – 3. Como a meta é sempre ampliação do poder ditatorial, gradativamente também se aumenta a dureza e a limitação de direitos. Parafraseando a física, são forças inversamente proporcionais. Adotam as eleições indiretas também para os governadores e seus vices nos Estados federados, nas Assembléias Legislativas em votação pública e nominal, com maioria absoluta e, por fim, a nomeação dos prefeitos das capitais pelos governadores.

Nos anos 1968 e 1969, por toda a América Latina surge uma grande onda de mobilizações populares - do México à Argentina que desestabiliza os governos militares que na contrapartida endurecem ainda mais seus regimes. No hemisfério norte também tem uma onda de manifestações. Na França, a luta pela transformação do sistema educacional; nos Estados Unidos as mobilizações contra

a Guerra do Vietnã, a luta feminista pela liberação sexual e afirmação do espaço da mulher. Nesse espírito que reverbera sonoridades no Brasil, no plano cultural há a efervescência de mobilização social, que pensava em colocar a “imaginação no poder” (FAUSTO, 1996, págs. 477).

No Rio de Janeiro acontecem as mobilizações pelas ruas, em março de 1968 quando um grupo protestava contra a baixa qualidade da alimentação oferecida aos estudantes pobres no restaurante Calabouço é morto Edson Luís, estudante secundarista pelas mãos e ação da Polícia Militar. Amplia-se a mobilização - agora não só com estudantes – com a presença de artistas, intelectuais, Igreja Católica e a classe média carioca que culmina na passeata de 25 de junho de 1968 com participação de 100 mil pessoas – conhecida pela Passeata dos Cem Mil. (FAUSTO, 1996, págs. 478).

Por todo o Brasil eclodem movimentos de resistência influenciados pela Revolução Cubana e pelo aparecimento de guerrilhas por toda a América Latina com Ernesto ‘Che’ Guevara e o livro “Revolução na revolução” de 1967 que defendia a perspectiva que somente a luta armada extinguiria o Regime Militar e libertaria toda a América Latina do jugo dos países do eixo norte. Ao romper com o PCB – Partido Comunista Brasileiro por não pactuar da luta armada, Carlos Marighella funda a ALN – Aliança de Libertação Nacional. E por todos os lugares se organizam grupos de resistência e ‘guerrilha’ como o MR-8 – Movimento Revolucionário 8 de Outubro, a VPR – Vanguarda Popular Militar, como também movimentos sindicais, do campo, dentre outros.

Nesse contexto é mais uma vez instituído ‘direitos’ aos militares para ampliar seus domínios. Em 13 de dezembro de 1968, como forma de atacar os movimentos grevistas de Contagem/MG e Osasco/SP, foi instituído o Ato Institucional número 5 (AI – 5). Primeiríssima decisão nesse Ato foi o fechamento do Congresso Nacional, pois esse se negou a suspender as imunidades parlamentares.

O Ato foi para Fausto³³ “o instrumento de uma revolução dentro da revolução ou, se quiserem, de uma contra-revolução dentro da contra-revolução”. Nesse acontecimento o regime ditatorial passa ao estágio máximo de poder, pois o presidente da República pôde fechar o Congresso Nacional, as Assembléias Legislativas e as Câmaras Municipais; intervir nos estados, municípios e territórios com nomeações de interventores. Um novo ciclo também foi o das cassações de mandatos eletivos federais, estaduais e municipais, além de suspensão de direitos políticos dos civis; um expurgar o mal demitindo e aposentando servidores públicos com tendências subversivas; suspensão da garantia do *habeas corpus* de crimes contra a Segurança Nacional, contra a ordem econômica e contra a economia popular; nos tribunais militares permaneceriam os julgamentos a civis acusados de crimes contra a citada Segurança Nacional. Adentraria, então, no período da censura aos meios de comunicação e da moléstia que é a tortura executada pelo Estado Brasileiro como forma metodológica de ação contra o ser humano. O AI – 5, com sua brutalidade, reafirmava a dificuldade do Governo em dialogar e justificava a revolução armada para os movimentos de revolucionários.

Em agosto de 1969, com a saída de Costa e Silva da presidência, as Forças Armadas (Exército, Marinha e Aeronáutica) montaram um colegiado para governança pelos Atos Institucionais de número 12 e 13. Essa junta militar respondeu com mais repressão e tortura ao crescimento da esquerda no país. Em contrapartida, manifestantes de esquerda iniciam uma onda de seqüestros ao corpo diplomático e em troca pediam a libertação de seus companheiros. O mais emblemático foi o seqüestro do embaixador dos Estados Unidos que possibilitou a libertação de quinze presos políticos que foram transportados para o México. Iniciam – se os banimentos, pelos fundamentos do AI-13, dos “que se tornam inconvenientes, nocivos ou perigosos à Segurança Nacional” e a pena de morte pelo AI-14, para os casos de “guerra externa, psicológica adversa, revolucionária ou subversiva”. (FAUSTO, 1996, págs. 481).

Isso nos lembra Michel Foucault, no livro ‘*Em a Defesa da Sociedade*’, quando define o efeito do Estado sob a vida dos súditos:

³³ FAUSTO, 1996, págs. 480.

“O efeito do poder soberano sobre a vida só se exerce a partir do momento em que o soberano pode matar. [...] Em última análise, o direito de matar é que detém efetivamente em si a própria essência desse direito de vida e de morte: é porque o soberano pode matar que ele exerce seu direito sobre a vida. [...] O direito de soberania é, portanto, o de fazer morrer ou de deixar viver. E depois, este novo direito é que se instala: o direito de fazer viver e de deixar morrer.” (págs. 286-287).

Incrivelmente, a Marinha é a que mais evidencia a prática da tortura, através do Centro de Informações da Marinha (Cenimar), no ano de 1969. No ano seguinte, o Exército se sobressai com a Operação Bandeirantes (Oban) de São Paulo. A OBAN cede lugar aos DOI-CODI – Destacamento de Operações e Informações - e do Centro de Operação de Defesa Interna, que tiveram sedes em vários estados brasileiros, se tornando os principais territórios da tortura praticada pelo Estado Brasileiro. Ampliam-se as prisões de civis revolucionários construindo o sistema punitivo de retirada de direitos e garantias individuais, combinado com a tortura e conjugando nas prisões e penitenciárias.

No contexto latino-americano, eclodem ditaduras sanguinárias como a brasileira, sempre fundamentadas e direcionadas pelo governo norte-americano. Em 1973 no Chile e Uruguai e em 1976 é na Argentina, ainda sob o fundamento da salvaguarda da Segurança Nacional e “desenvolvimento econômico” (COIMBRA, 1985, págs. 19).

Entre 30 de outubro de 1969 e 15 de março de 1974, foi o período de comando do país do General Emílio Garrastazu Médici e seu vice o Ex-Ministro da Marinha Augusto Rademaker, com a marca de ter sido o mais repressivo da história brasileira. Conhecido por todos como General Médici, o gaúcho e linha-dura agia como o ex-presidente Costa e Silva, amigos íntimos desde 1950. O General Médici foi chefe do Serviço Nacional de Informações do governo anterior. A repressão do Governo Médici teve sua eficácia resplandecente no fim dos grupos armados urbanos. Carlos Marighella foi morto nesse período em uma emboscada em novembro de 1969, delatada pela via da tortura - a VPR é reduzida a zero até 1971. Lamarca também foi morto, em setembro de 1971 no sertão da Bahia, pelas mesmas vias da tortura corroborada pela ‘repugnância’ da classe média brasileira aos movimentos de resistência, mais uma vez influenciada pelo marketing americano da peste do comunismo.

Restou um foco de resistência da luta armada à ditadura militar no leste do Pará às margens do Rio Araguaia, próximo ao Marabá. Cerca de setenta revolucionários se estabeleceram nesta área onde surgiu uma comunidade que se juntou com a população de camponeses, permitindo a transferência do conhecimento de cultivo e cuidados com a saúde. Esta sociedade comunista foi destituída em 1975, mas o Governo conhecia sua existência desde 1972. Foi uma execração deste grupo do PC do B – Partido Comunista do Brasil.

A tortura e o tratamento desumano que o Brasil atravessou ao longo de sua história teve início com a Coroa Portuguesa e concedida aos donatários das Capitânicas Hereditárias, com os métodos para *castigar, disciplinar, como a demonstração de poderio*,³⁴ a fim de subjugar os indígenas, posteriormente utilizada em face da população negra contrabandeada do continente africano; contra os movimentos libertários independentistas; contra os rebeldes de todos os tempos; contra os anarquistas, comunistas e socialistas. Ela tem o objetivo de

“ferir o corpo e a alma da pessoa. Provocar intensa dor física e moral, de modo que o torturado se sinta dominado, subjugado, humilhado. É um sentimento de dor profunda, de angústia. A tortura é prática exclusiva do homem, os animais não a praticam. Os animais matam para saciar a fome ou para se protegerem.”³⁵

O outro interesse do Estado na tortura é a confissão de crimes. Pois assim ele poderia e poderá punir e exercer seu poderio sob os ditos ‘criminosos’. Nilmário Miranda em sua obra *Por que Direitos Humanos*, cita o filósofo César Beccaria para que entendamos o processo utilizado na ditadura militar brasileira para subjugar os presos políticos. Pois Beccaria condena a tortura para confissão de crimes e a chama de a ‘prostituta das provas’ quando explicita:

“A tortura coloca o inocente em pior situação do que o culpado. Se o inocente confessa o crime, é condenado. Se é julgado inocente, sofreu uma pena indevida. O culpado, se conseguiu resistir, não confessa e é absolvido.”

De todos os casos de desaparecimento e mortes, um caso é emblemático e marca a história brasileira deste período. A do jornalista Vladimir Herzog da TV Cultura, que

³⁴ MIRANDA, 2006, págs. 138.

³⁵ *Idem* 55.

convocado a apresentar-se ao DOI-CODI em São Paulo é torturado até a morte. Com a justificativa de suicídio por enforcamento pelo Estado brasileiro, comove a sociedade. Em janeiro de 1976 acontece outro ‘*suicídio por enforcamento*’, agora do metalúrgico Manuel Fiel Filho também no espaço do DOI-CODI/SP.

O nome ‘*movimento de direitos humanos*’ no Brasil surge em contraposição às atrocidades cometidas pelo Estado nos Anos de Chumbo da ditadura militar. O primeiro foi o

“Movimento Feminino pela Anistia. Formado por mulheres valorosas, mães, esposas e parentes de presos, torturados, mortos e desaparecidos políticos, o Movimento Feminino pela Anistia denunciou as violações de Direitos Humanos e ergueu a bandeira da Anistia, além da punição para os crimes cometidos pelos agentes do Estado.

Também a Arquidiocese de São Paulo assumiu a liderança da luta contra a tortura, em favor dos Direitos Humanos, dos perseguidos políticos. Outras igrejas, como a Metodista, sobretudo no Sul, posicionaram-se muito corajosamente pelos Direitos Humanos. O reverendo Jaime Wright (irmão de Paulo Stuart Wright, desaparecido político desde 1971) também se destacou. Em todo o País, um grupo de advogados de presos políticos conquistou respeito e admiração públicos. Não raro eram presos e ameaçados por exercerem dignamente sua profissão.

Havia também uma entidade chamada Clamor, ligada à Arquidiocese de São Paulo, que acolhia foragidos, os exilados, os clandestinos do Cone Sul, já que o terror do Estado tinha alcançado dimensões nunca vistas na Argentina, no Chile, no Uruguai, no Paraguai e na Bolívia. Todos recorriam ao Dom Paulo Evaristo Arns. No Nordeste, Dom Helder Câmara se agigantou na luta contra a tirania.

Por meio da resistência nos próprios cárceres, presos políticos procuravam documentar as atrocidades do regime militar. Ao chegarem às prisões relatavam o que tinham sofrido ou testemunhado, e os relatórios eram enviados para fora dos cárceres e do País. Se sabiam de alguma coisa sobre presos ou perseguidos, essas pessoas relatavam quem, quando e onde ocorreram as torturas. O Estado brasileiro foi até levado ao Tribunal Bertrand-Russel, um tribunal moral que julgou e condenou a ditadura no País. Nesse período da ditadura, a simples menção ao termo Direitos Humanos já soava como contestação ao regime.”³⁶

Em 1978 o governo instaurou um grupo de trabalho para pensar as liberdades públicas composto pelo partido político Movimento Democrático Brasileiro – MDB, pela Associação Brasileira de Imprensa – ABI e pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB. Em outubro do mesmo ano o Congresso Nacional aprova a emenda e em 1º de janeiro de 1979 entra em vigor, com o restabelecimento de garantias que o AI – 5 havia suprimido. A partir de 1979 os cidadãos voltariam a se manifestar, com liberdade relativa e a imprensa não permaneceria mais sob o cajado

³⁶ MIRANDA, 2006, págs. 34.

da censura. As eleições do ano anterior tiveram participação de militantes como: movimentos estudantis, sindicalistas, membros da Igreja Católica participantes das Comunidades Eclesiais de Base (CEB's), Comissão Pastoral da Terra (CPT), advogados, movimento operário, dentre outros. Essa militância entra em contato com o povo que passa, a saber, da política de oposição do MDB e criam-se afinidades. Esses foram os primeiros passos da grande mobilização brasileira pela redemocratização e pelas “Diretas Já”.

Em 1978, foi eleito João Batista Figueiredo com posse em 1979. Ele se depara com o comando maior do país numa crise econômica e com a função de continuar a liberação do Estado. Inicia assim o ano assumindo a luta pela anistia e logo promulgada a Lei em 1979³⁷, tirando a titularidade da oposição e da militância de direitos humanos.

Ainda em 1979 o Congresso Nacional aprova a Lei Orgânica dos Partidos extinguindo o ARENA e o MDB, com a obrigatoriedade de ter a nomenclatura “Partido” nos seus nomes. O ARENA passa então à Partido Democrático Social e o MDB à Partido do Movimento Democrático Brasileiro, instaurando a pluralidade partidária. Surge, a partir dos sindicalismos urbano e rural, somados a setores da Igreja, intelectuais e classe média profissional, o Partido dos Trabalhadores (PT). Numa corrente sindicalista do ABC Paulista do partido é que aparece a figura de Lula – Luiz Ignácio Lula da Silva. Surge também o Partido Popular – PP, uma camada conservadora de oposição ao governo, um agrupamento da burguesia que queria uma democratização sem muita abertura, com Trancredo Neves filiado, e que, mais tarde se dissolve e incorpora-se ao PMDB.

Figueiredo manteve o calendário de eleições para 1982. Em novembro desse ano, 48 (quarenta e oito) milhões de brasileiros foram às urnas para eleger diretamente de vereadores a governadores, depois de 17 (dezessete) anos. Na Câmara dos Deputados o PMDB também vence com 200 (duzentas) cadeiras das 235 (duzentas e trinta e cinco), na lanterna vem o PT com 8 (oito) cadeiras. O Partido dos Trabalhadores em 1983 inicia o movimento pelas eleições diretas para Presidente

³⁷ Lei nº 6.683 de agosto de 1979 – Lei da Anistia.

da República. Aconchegam-se aos braços de toda a militância do PT os partidos: PMDB e PDT, as centrais sindicais: CUT, Conferência Nacional dos Trabalhadores – Conclat e outras organizações e fazem uma manifestação na cidade de São Paulo arrastando as massas petistas. Em janeiro de 1984, o Presidente do PMDB – Ulysses Guimarães - abarca a campanha e daí para frente o movimento de *Diretas Já* ultrapassa os partidos políticos se tornando um grande levante da população brasileira, gravada em nossas mentes até os dias atuais.

Tancredo Neves e José Sarney vencem as eleições para Presidência da República em 1985, ainda com eleições indiretas. Esse momento é a demarcação do fim da dinastia militar no Brasil. O presidente civil possuía muitas qualidades, tais como: honestidade, equilíbrio e coerência, mas desde o resultado em 15 de janeiro já se sentia doente e decide “*deixar a doença para depois da posse*”. No dia anterior a sua posse, dia 14 de março, adoece e iniciam as sucessivas cirurgias em Brasília e posteriormente em São Paulo, vindo a falecer aos 21 dias de abril. No dia 15 de março, dia da posse de Tancredo, quem sobe a rampa do Palácio da Alvorada é seu vice José Sarney do PMDB.

Depois desses 21 (vinte e um) anos de ditadura militar brasileira as vítimas fatais são incontadas pelo regime de segurança que possibilitava sigilo, mas provavelmente chegue a casa dos milhares, pois a repressão militar somente se dá com maior furor durante o governo do General Médici.

4. Uma militância de Direitos Humanos como um acontecimento na vida e na história – *“Vem, vamos embora que esperar não é saber. Quem sabe faz a hora não espera acontecer”!*

Para tanto, a militância pelos Direitos Humanos no Brasil tem uma relação muito estreita com direitos das pessoas presas, em alusão aos tempos de tortura à presos políticos. Entretanto é um tempo que não devemos esquecer e precisamos rememorar-lo cotidianamente. Esse horror faz parte da construção da história brasileira e principalmente da militância de direitos humanos, pois a luta, militâncias e vidas contadas, conforme diz Thompson são para que o “valor histórico do passado lembrado propicie informação significativa e também transmita a consciência individual e coletiva” (1992, págs. 195).

Ao conhecermos a luta pela dignidade humana no Brasil, a partir do fato histórico da ditadura, denominada de *‘direitos humanos’* entendemos que a militância de direitos humanos se dá na junção do momento histórico, do âmbito social e na cultura da localidade, comunidade e toda a sociedade.

Em cada período histórico da humanidade, desde a idade antiga até os tempos atuais, tivemos focos de lutas por direitos e garantias na humanidade. A luta por direitos humanitários faz parte da história da humanidade e se dá como diz Paul Veyne no texto de Hélio Rebello Cardoso³⁸, na perspectiva do acontecimento, ou seja:

“Não há história do “homem”, mas **apenas eventos que o singularizam com o passar do tempo**; não há história da “guerra” entendida como fenômeno submetido a uma lei, a história contará esta ou aquela guerra. Os diversos acontecimentos sejam eles relativos ao homem ou à guerra, não podem ser tomados como efeitos periféricos de algo que permaneceria como “fundo uniforme”. A história, para Veyne, não se preocupa com esta unidade intangível: o homem, a guerra, a não ser que tais noções genéricas sejam substituídas por elaborações conceituais mais complexas.”

As militâncias em seus diversos recortes e temas não são uniformes, são acontecimentos e não se repetirão, pois cada vida é uma unicidade e uma

³⁸ Texto: “Acontecimento e História: Pensamento de Deleuze e Problemas Epistemológicos das Ciências Humanas”, págs. 106. <http://www.scielo.br/pdf/trans/v28n2/29417.pdf>.

completude. Esses acontecimentos-militâncias geram as mudanças na sociedade, na luta, na militância coletiva e individual, enfim, se dão assim na história. E o movimento de direitos humanos se organizou naquele momento a partir do acontecimento da luta pela anistia, redemocratização, liberdade, dentre outros, em face do regime ditatorial.

Para Cardoso, um período da história se dá em dois movimentos interpenetráveis, são eles:

“o aspecto molar (multiplicidade métrica) e o aspecto molecular (multiplicidade não-métrica). O primeiro deles apresenta um movimento composto por “classes ou segmentos” (macro-história); o segundo movimento é o composto por “fluxos ou massas” (micro-história)”³⁹.

A militância nominada de direitos humanos que floresceu na resistência ao regime ditatorial seria o aspecto molar e os movimentos internos de vidas de militantes seriam o aspecto molecular. Indicado assim, cada *acontecimento* seria cada militância molecular quando um fator se dá na vida e na história.

Na perspectiva da efervescência pela redemocratização do país e denúncias às torturas e morte, no caminho dos direitos humanos após a anistia e a eleição de Tancredo Neves, o dito *acontecimento* gera a

“explosão libertária com o nascimento do movimento operário no fim da década de 1970, de movimentos populares urbanos, com enorme variedade, com uma riqueza extraordinária de temática e de redes. De movimentos em defesa de minorias, das mulheres, das crianças e dos adolescentes, de movimentos anti-racistas, contra toda forma de discriminação, pelo direito das pessoas com deficiência, pelas lutas antimanicomiais e muitos outros. Em todo o País, emergem veículos da imprensa alternativa que lutam pelo direito das populações periféricas, da classe trabalhadora e pelas liberdades democráticas.”⁴⁰

O interesse é na demonstração da multiplicidade de formas de militâncias de direitos humanos que se deram a partir de uma marcação no tempo histórico. Como diz Cardoso:

³⁹ Texto: “Acontecimento e História: Pensamento de Deleuze e Problemas Epistemológicos das Ciências Humanas”, págs. 114. <http://www.scielo.br/pdf/trans/v28n2/29417.pdf>

⁴⁰ MIRANDA, 2006, págs. 36.

“Para Veyne, o que definitivamente individualiza um acontecimento é o fato de que ele acontece em um determinado momento. Isto significa que, mesmo considerando dois acontecimentos idênticos do ponto de vista material, eles permanecem irreduzíveis do ponto de vista temporal: dois acontecimentos que se repetem identicamente são, ainda, diferentes. Segundo as palavras de Veyne, não nos interessamos por ‘um acontecimento por ele mesmo, fora do tempo, como uma espécie de bibelô...’ Essa caracterização do acontecimento se dá pelo destaque da diferença temporal.

Porque a história não se repete, o fato de ela se ocupar exatamente com as variações ligadas à temporalidade é que faz dela ‘uma narrativa de acontecimentos’.

[...] Além disso, a individualização do acontecimento pela dimensão temporal mostra que não existe um corte entre a história humana e a história natural.”⁴¹

Essa junção da temporalidade, da história humana penetrada na história natural se constitui na *prática* que cada vida militante. Naquele momento da ditadura se definiu e chamou-se de militância de direitos humanos e isso não retira todas as práticas militantes acontecidas em cada momento da história. Que se transforma e evolui. É o que um dos entrevistados, na entrevista desse trabalho, nos diz:

“Eu sou, acho que eu nasci condenado a ser otimista. Eu sei que não é fácil mas... **Direitos humanos tem que ser uma coisa nossa.** A gente tem que saber lá na praça, eu sinto, direitos humanos às vezes é... É preciso conversar com eles... Então direitos humanos faz isso... É, é a ideia é que vai emergindo nas pessoas um grau de consciência. De organização pra ele mesmo se tornar independente. **Eu acho que isso é uma utopia, mas essa é a utopia que nós temos pra... Eu sou gramsciano... Gramsci fala pra gente dizer: ‘Pessimista na hora de avaliar e otimista na ação’. E Goethe falava: ‘A teoria é cinzenta e a vida é verdejante’.** De vez em quando tem uma desgraça... Tá tudo um caos, o mundo acabou. A gente tá desesperado, daí um pouquinho você vê uma criança no meio da rua rindo, né?! Você leva um susto, você começa a rir como a criança, né?! Às vezes até um passarinho passa perto cantando... Então a gente tem que ter um pouco de... Eu sei que tem que ter, tem que avaliar de maneira sempre crítica. **Tem muito por fazer, mas precisa também tá examinando de maneira, vamos dizer os avanços. Então, os Direitos Humanos tem que obrigar a gente a pensar muito...**” (ENTREVISTADO 5)

⁴¹ Texto: “Acontecimento e História: Pensamento de Deleuze e Problemas Epistemológicos das Ciências Humanas”, págs. 108. <http://www.scielo.br/pdf/trans/v28n2/29417.pdf>

5. Contar as vidas das e dos militantes de direitos humanos – “Que sonha com a volta do irmão do Henfil. Com tanta gente que partiu, num rabo de foguete. Chora! A nossa Pátria, mãe gentil, choram Marias e Clarisses, no solo do Brasil”!

*O bêbado e a equilibrista
João Bosco e Aldir Blanc*

*Caía a tarde feito um viaduto
E um bêbado trajando luto
Me lembrou Carlitos*

*A lua
Tal qual a dona do bordel
Pedia a cada estrela fria
Um brilho de aluguel*

*E nuvens!
Lá no mata-borrão do céu
Chupavam manchas torturadas
Que sufoco!
Louco!
O bêbado com chapéu-coco
Fazia irreverências mil
Prá noite do Brasil
Meu Brasil*

*Que sonha com a volta
Do irmão do Henfil
Com tanta gente que partiu
Num rabo de foguete
Chora!
A nossa Pátria
Mãe gentil
Choram Marias
E Clarisses
No solo do Brasil*

*Mas sei, que uma dor
Assim pungente
Não há de ser inutilmente
A esperança...*

*Dança na corda bamba
De sombrinha
E em cada passo
Dessa linha
Pode se machucar...*

*Azar
A esperança equilibrista
Sabe que o show
De todo artista
Tem que continuar...*

As histórias de vidas dos militantes de direitos humanos. Divididas com a pesquisadora e todos que lerem esse trabalho acadêmico. O contar da sua vida de militante e das marcas que são fortes. A ordem escolhida foi a cronologia das entrevistas.

Marta Falqueto conta para todos o que é ser uma militante de direitos humanos e sua atuação em programa de proteção aos defensores de direitos humanos. Em convênio com a Secretaria Nacional de Direitos Humanos/PR e com a Secretaria Estadual de Assistência Social e Direitos Humanos/ES.

Ao iniciar a entrevista, no espaço do Centro de Defesa de Direitos Humanos/CDDH e num fim de tarde, ela logo me comunica que está num atendimento a um defensor do interior do Estado e precisará sempre atender ao telefone caso toque. A vida que tem urgência e não pára!

João Batista Herkenhoff, Juiz de Direito aposentado do sistema judiciário do Estado do Espírito Santo. E primeiro Presidente da Comissão de Justiça e Paz do Espírito Santo – Igreja Católica no período da ditadura militar no país.

As histórias contadas, as perseguições, as dores, o filho, a esposa, os anos vividos, a aposentadoria, a escrita... Enfim, a memória de um militante dos direitos humanos do Estado do Espírito Santo.

A vida e a luta de Iriny Lopes– Deputada Federal pelo Partido dos Trabalhadores, militante de da setorial de Direitos Humanos e grande participação no movimento do *Reage Espírito Santo*, onde esteve sob escolta da polícia federal indicada pela Organização dos Estados Americanos.

Na sala de estar da casa da Iriny, numa tarde onde ela estava adoentada e bastante incomodada, contudo o fato de já ter desmarcado algumas vezes a entrevista a fazer quer realiza-lá mesmo com estado físico não saudável.

Isaias Nascimento, militante desde a infância, os direitos humanos sempre estiveram no ideal do entrevistado. Para tanto, trabalha em Programa de Proteção às Vítimas e Testemunhas Ameaçadas do Estado do Espírito Santo.

Depois de um período de tentativas de contato com a contribuição da Professora Beth. Conseguimos marcar e nos encontrar para essa conversa/entrevista tão intensa e tão reveladora.

Em meio aos telefonemas e aos cigarros fumados, uma história de vida cheia de profundas marcações e luta pela dignidade humana.

E por fim, Perly Cipriano. A entrevista foi marcada do espaço físico da Secretaria Estadual de Assistência e Direitos Humanos. Atualmente Subsecretário de Direitos Humanos do Governo do Estado do Espírito Santo.

Um a conversa com tempo determinado, pelas responsabilidades que o cargo lhe exigem. Com um sorriso simples e fala mansa iniciamos a entrevista, conhecendo a história de vida de Perly...

A riqueza e as verdades de cada história aqui narradas. Na certeza da luta permanente pelos direitos, pelas garantias, pela dignidade humana. As dificuldades e dores, que não fizeram com que eles desistirem da vida, da fé no homem, da sociedade; enfim, do país.

a) Marta Falqueto:

Seu percurso se inicia nos movimentos religiosos com os fundamentos da teologia da libertação da Igreja Católica Apostólica Romana, um movimento que se deu na localidade e em todo o território nacional, ela conta assim:

“Estou coordenadora de um programa, né?! Porque desde que nasceu o CDDH que eu to aí nessa... Às vezes me afasto um pouco depois retorno e tal. Mas, é... a luta nossa em defesa da vida e da dignidade humana, dos militantes da época dos anos setenta, principalmente os ligados à igreja, tem é... A sua base na teologia da libertação que usava o método de reflexão sobre a realidade, é ver, o método se chamava *ver, julgar e agir*, e a gente sentava em pequenos grupos estudava, né?! Fazia o levantamento, a contextualização da realidade que estava se vivendo tanto ali local como a relação dessa realidade com todo o contexto é municipal, estadual e nacional, daí fazia um estudo da, das, textos religiosos, né?! Da da bíblia que ilustrassem aquela realidade de acordo com com o... a realidade ali. Então a gente buscava na bíblia textos semelhantes com aquela realidade pra refletir qual que era a especificidade atual e aquela especificidade que acontecia naquela época e daí traçava ações para mudar essa realidade porque a gente entendia que é... **todos tem direito à vida plena**, como diz inclusive o Evangelho de João 10, versículo 10, “*Eu vim para que todos tenham vida, vida em abundância, vida em plenitude*”, então esse era o que norteava e norteia a luta dos direitos humanos aqui do Centro de Defesa de Direitos Humanos da Serra até hoje, então sempre que a gente encontrava situações de violações de direitos, se tentava e tenta buscar os órgãos pra responder e reparar aquela violação.”

O período que viveu esses tempos iniciais foi o trágico tempo da ditadura no país. Com os silenciamentos e todas as formas de dificuldades de expressão. Entretanto surgem caminhos de resistência que deram as mãos a Igreja e as comissões que eram criadas:

“Porém, nós vivíamos na época da ditadura militar que isso era assim muito complicado de expor tranquilamente, então existia, nós falamos que a nossa mãe nessa nessa jornada é a CJP – Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de Vitória que além de ser a Comissão de Justiça e Paz ela criou subcomissões que tinha Comissão de Saúde, Moradia e Comissão de Educação, e eu fazia parte no primeiro momento da Comissão de Saúde, então a gente trabalhou muito assim fazendo levantamento da realidade com pesquisa, com banco de dados que a gente fez na época pra ver qual que era a realidade da saúde, qual que era a, o tratamento dado pelos órgãos públicos para essa questão de saneamento básico, de posto de saúde, de... questão de saúde pública e também a saúde no sentido pessoal de cada um também. Esse, essa pesquisa resultou no final dos anos, no início dos anos oitenta, numa grande assembleia em praça pública na Serra com mais de duas mil pessoas quando foi se exposto né?! Os dados que foram levantados.”

Desses dados coletados, dá-se o primeiro ato público que adveio desse movimento para ocupação do espaço público:

“Com uma assembléia com a presença do prefeito municipal na época José Maria Feu Rosa de onde as lideranças então expuseram toda a realidade e não permitiram que ele falasse. Então assim, foi um ato de demo democracia que não era nem permitido na época, porque ainda estávamos na época da ditadura. Mas que a gente conseguiu fazer com a vigilância, né?! Das lideranças pra que não acontecesse nenhum ato de violência e foi um ato que não não teve nenhum, nenhum atrito de violência e demos um prazo pra ele de noventa dias pra responder concretamente o que seria feito para os moradores da Serra é... Concretamente diante daquela reivindicação que eram dados que tinham... Eram reais porque tinham sido feito, tinha sido feita uma pesquisa minuciosa de casa em casa. Naquela época não tinha tantos mil habitantes como hoje, mas foram escolhidos alguns bairros da Serra e a gente foi mesmo de casa em casa fazer essa pesquisa, muitos pesquisadores também porque era gente do povo comum que fazia, tinha um questionário, né?! Que ia lá e assinalava, depois a tabulação também fomos nós que ajudamos a a comissão fazer, essa comissão era composta de médicos da do Hospital das Clínicas né?! Que, que assessoravam a gente pra fazer esse trabalho e aí... Então essa foi uma questão trabalhada então, a gente nem sabia que tava fazendo já aí defesa dos direitos humanos né?! Que não tinha essa discussão.”

Início dos anos 80, o encontro com a discussão dos direitos humanos em conjunto com os centros de defesa de direitos humanos:

“Nesse mesmo ano, no ano de oitenta e dois, oitenta e um, 1981, aconteceu o seguinte, no Rio de Janeiro e em alguns lugares do Brasil já existiam centros de defesa de direitos humanos, aí eles resolveram começar a fazer encontros desses centros de defesa. Então tinha acontecido em Petrópolis em 1980 e 1981 aconteceu aqui em Vitória e foi a partir deste encontro que a gente falou *‘não... então precisamos criar’*, porque a CJP sozinha, Comissão de Justiça e Paz, e mais as comissões de moradia, educação e saúde não davam conta de atender todas as demandas do Estado. Então que cada município buscasse criar seu seu organismo de defesa de direitos. Aí então, com isso, com o encontro que teve aqui em Vitória, nós ficamos animadas, foi em janeiro o encontro, quando foi em março a gente já tava criando nosso centro de defesa que na época era uma comissão de direitos humanos e era um grupo... Quem criou esse, esse, essa comissão de direitos humanos, inter-religioso, então tinha a igreja católica, luterana, metodista e presbiteriana. A gente sentou e tal, tinha acontecido um acidente na *Atlantic Venner*⁴², acidente de trabalho, tinha esmagado duas mulheres, mortas na prensa, na prensa de fazer compensado, e o dono da empresa virou pras outras mulheres que estavam trabalhando, que começaram a passar mal, teve uma que desmaiou, falou assim, *‘olha, elas foram, a vida de vocês continua então vocês não tem o direito de parar, continuem trabalhando’*. Então, tudo isso, fora os mutilados que tinha gente que... Se quebrasse um pedaço de madeira e batesse, então teve gente que ficou cega, teve gente que... E tal, a *Atlantic Venner* pra nós foi um modelo de empresa que negava direitos e que violava direitos, sem contar a remuneração, eram precaríssimas as condições de trabalho. Aí a gente então foi se reunir pra discutir essa realidade, *‘alguém tem que ser a voz desse povo que não tem quem fale por eles’*. Então eles não conseguiam se organizar em sindicato nem nada.”

⁴² Atlantic Venner do Brasil S/A- Indústria de Madeira – Localizada em Serra/ES.

A criação da Comissão de Direitos Humanos e os tipos de atendimentos:

“Nós criamos então a Comissão de Direitos Humanos e aí então tinha três. É a realidade que a gente avaliava tinha três graves violações diretas à pessoa, era a violência dentro das delegacias, que havia muita violência de tortura e espancamento até a morte, era a violência no trabalho; a violência na, não eram quatro, a violência de uma forma geral que era muito grave pra nós receber notícia de que haviam sido mortas. Três pessoas por semana que era, hoje é três por dia quando não é mais né?!”

Primeiro grande caso do Centro de Defesa, que se deparou com o extermínio e desaparecimento de crianças e jovens pobres:

“Estava acontecendo era desaparecimento de criança e adolescente, que *tavam* sendo exterminados. Que assim, grupos de crianças que estavam brincando e que desaparecia dois três de uma vez. E aí muito tempo depois a gente descobriu que elas eram recolhidas, levadas pra outros estados, pro sul, pro norte do Rio de Janeiro, pro sul da Bahia e eram... Umas eram mortas, outras eram soltas lá e a gente descobriu porque algumas sobreviveram a essa situação, então era, havia um extermínio de criança e adolescente que depois mais tarde surgiu até uma CPI – Comissão Parlamentar Inquérito, que o Aloísio Kroling⁴³ veio presidir essa CPI que tem uma vasta documentação. O CDDH tem documentação sobre isso guardada aí da CPI.”

Com o tempo, surgiram outras formas de defender os direitos humanos e outros movimentos sociais específicos, que se comunicavam e se agrupavam em certas lutas e se distanciavam em outras. É o momento pós-êxodo rural e das ocupações irregulares, que se deram nos anos setenta que aconteceram por todo o Brasil; inflando as cidades e fomentando a criação das associações e novos movimentos começam a se organizar e lutar por direitos humanos dos mais diversos:

“Eram as associações de moradores que foram se organizando e é... Com isso né?! Então era uma outra luta que era travada na defesa dos direitos sociais, culturais, ambientais de uma forma geral. Porque a Serra, nos anos setenta tinha a... O número de trinta e cinco mil habitantes, nos anos oitenta já foi pra noventa e poucos mil e hoje tem quatrocentos mil. Então ela teve um crescimento desordenado, sem nenhum planejamento, então havia muita ocupação urbana e muita reintegração de posse que a a, o pedido de reintegração de posse geralmente era feito pela própria prefeitura, e aí a gente tinha que ir lá garantir que essas pessoas não fossem despejadas de seus barracos. E se fazia cordão humano na frente das máquinas pra que as casas não fossem derrubadas. [...] Na época de ditadura que a gente enfrentou as reintegrações de posse de Cariacica, Vila Velha, Serra e Vitória, nem naquela época, que era época de ditadura, a gente viu tanta violência, porque se fizesse um cordão humano as máquinas paravam.”

⁴³<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?metodo=apresentar&id=K4757558E8>

O telefone toca, e a entrevista é paralisada. Assunto de atendimento do CDDH. Voltamos a falar do paralelo da atualidade com os tempos outros vividos. O contexto de enchimento populacional da cidade de Serra e as artimanhas das elites para angariar mais e mais bens:

“Como eu tava dizendo é... Tá, o crescimento populacional desordenado, primeiro, as pessoas saíram do interior, pra vir pra cidade porque havia uma propaganda enorme dizendo que aqui conseguia bom emprego, né?! Conseguia tudo, vir pra cidade era a solução dos problemas do homem do campo que não tinha nada, que era meeiro, que era empregado no campo e isso era uma questão. A outra, o outro motivo que fez o povo sair da roça foi plantio do eucalipto⁴⁴, a empresa precisando de terra pro eucalipto é... Conseguia fazer com que as pessoas vendessem sua terra por pouco ou nada porque eles colocavam pessoas pra fazer esse trabalho de de convencimento das pessoas pra sair. Que diziam ‘*vocês não tem nada e tal, então vende sua terra e vai pra cidade que lá você vai conseguir*’ essa é uma, uma, uma questão que é colocada na época. E a outra questão era os grandes empresários, e os fazendeiros que queriam ampliar seu sua área territorial que soltava o gado na na plantação, que quebrava a cerca, que fazia o ‘*escambau*’ pra que a pessoa desistisse de morar na naquele pedacinho de terra e vendesse por pouco ou nada e fosse embora pra outro canto. Com o ‘*boom*’ industrial e as grandes empresas chegando pro município da Serra, então essa situação de povo desenraizado que é o que eu avalio como motivo de da violência que, por exemplo, eu morei na roça até os dezoito anos...”

A vida e a história de Marta, que a forjou na luta e para ela! O interior e os sonhos da entrevistada que, nunca desistiu dos estudos e desde sempre reivindica direitos seus e posteriormente de todos:

“Em vários lugares, eu nasci em Rio Bananal, morei por ali naquela região até os sete anos, depois fui pro município que hoje é Marilândia, mas que era Colatina, e morei mais sete anos, e aí... [...] Bom, aí, por que também que a gente saiu do interior e foi vindo cada vez mais pra região metropolitana, porque aí lá onde a gente morava só tinha até a quarta série, e eu queria estudar. O meu pai dizia que filho homem podia sair pra ficar fora, filha mulher não. Mas eu queria estudar, então eu ficava ‘*então dá um jeito, eu quero estudar, eu quero estudar*’, então nós viemos pra Fundão, aí morei em Fundão mais oito anos, e aí moramos em dois lugares, quatro anos em Timbuí e quatro anos em Fundão, na sede do município. Depois eu vim pra Serra e to aqui até hoje. E aí é... Nessa... Que desde pequena eu reivindiquei direitos né?! Porque eu achava que era de todo mundo, não podia ser só de um, ou do homem ou da mulher, **pra mim direito tinha que ser direito pra todo mundo**⁴⁵. Então assim, é uma coisa que já é minha mesmo, né?! Desde sete anos quando eu aprendi a ler que eu perguntei pra minha avó se eu precisava fazer tudo àquilo que tava escrito na, no livro sagrado. Que nem era bíblia que naquela época até bíblia o povo não podia ter, ela disse que sim. Aí eu falei ‘*ih, então eu não quero mais ler não*’ e eu lia pra ela porque ela era analfabeta né?! Ela ‘*não, lê, depois você vai crescer e você vai ver que não é tão difícil assim*’, bom, tá bom. Só que eu tinha pego gosto pela leitura né?! E curiosa, querendo saber de tudo aí um belo dia quando eu vi tanta gente, que **aí também eu**

⁴⁴ Região de Aracruz – município do ES onde está localizada a antiga Aracruz Celulose e atualmente a Fibria: <http://www.fibria.com.br/pt/>

⁴⁵ Grifo nosso.

só fui saber e conhecer um pouco mais dessa realidade do mundo depois⁴⁶ que nós mudamos pra região aqui de Fundão, Timbuí, porque lá onde a gente morava era tudo muito pequeno; tudo... As pessoas... O mínimo... Tinha uma família ou outra que não tinha condições de sobrevivência, que era uma situação mais precária, mas lá a gente tinha comida de pouca, não era de muitas diversidades mas tinha e dava pra viver...”

A família e as memórias do ciclo de relacionamentos íntimos:

“A minha família é grande, somos doze irmãos, sou a mais velha das mulheres, tem três rapazes, dois homens antes de mim e depois o último também é um menino, porque meu pai e minha mãe queriam encerrar a produção com um homem.”

Como a vinda para a *Cidade Grande*, reafirma a luta e se encontra com a identificação pela militância de direitos humanos, desde sempre entranhada no corpo. Percebida nos anos vividos e nas dores das experiências:

“Falo que é interessante isso, mas aí é... E aí quando eu vim pra cidade, que eu comecei a conviver com muito mais gente e a... Que um dia cheguei e falei assim ‘*nossa, eu queria ganhar na loteria pra comprar uma grande fazenda e botar todos os pobre lá dentro, pra eles terem...*’ Uma coisa assim que era um pensamento que veio na minha cabeça e que me marcou aqui. Então com esse, com essa sensação de que a gente tinha que ajudar a resolver os problemas do mundo, foi que eu fui n?! É na medida que eu ia refletindo sobre... Nesse, nesse, nessa metodologia de ajudar e agir cada vez mais me interessando e fiquei. Então eu falo assim que é... **Fazer direitos humanos você não faz por profissão, você só faz se fizer opção, porque tem momento na vida que a situação é tão...Tão... Exige tanto de você, que se você não fez opção por aquilo você abandona e vai embora**⁴⁷. Não tem salário que justifica determinadas situações que quem faz defesa de direitos humanos passa, entendeu, então assim, e sempre muito no voluntariado né?!”

Algumas ações participadas pelos anos de militância e a vivência aprendida na experimentação dos conflitos e da vida; a retificação das datas de criação dos Centros de Defesa:

“É... E aí a gente participou de várias ações que foram cada vez mais... Então tinha a questão da reintegração de posse que a gente, por exemplo, quando o pessoal foi despejado de Nova Rosa da Penha, Cariacica, que ficaram... Itanhenga é... Como que era o outro nome lá, não lembro... Que o pessoal ficou hospedado dentro da Catedral Metropolitana de Vitória⁴⁸... Éramos nós que íamos pra lá, revezando, uns ficavam durante o dia dando atendimento e outros a noite. Então a gente passava a noite pra, pra cuidar das crianças que ficavam doentes, recolher material de alimentação, essas coisas, de roupas, tudo isso. É... Teve uma grande enchente em 1979. Que atingiu o estado inteiro e a gente além de ir nos bairros onde as pessoas *tavam* com água dentro de casa, ajudar a retirar as pessoas de lá e levar pra um lugar seguro e recolher os alimentos e depois... Tudo isso era feito nessa pastoral

⁴⁶ Grifo nosso.

⁴⁷ Grifo nosso.

⁴⁸ Foi quando houve uma grande enchente em 1979 e umas 5.000 pessoas ficaram dentro da Catedral Metropolitana de Vitória e posteriormente o Governador do Estado os alocou em Nova Rosa da Penha – Cariacica/ES.

arquidiocesana. Então assim, a gente criava grupos de trabalho que iam separar calçados, roupas, remédios, tudo que chegava, alimentação, foram lotados vários caminhões pra levar pra Colatina. Porque a situação mais grave foi em Colatina naquela época. Então, assim, daí a construção civil entrou em greve, na época de ditadura. Então a gente tinha um grupo que era tipo segurança, pra vigiar se tava a par... Se tava chegando algum, alguma repressão. Outros que iam cuidar da alimentação, outros... Então... **E isso é uma experiência que vai dando pra gente embasamento pra enfrentar né?! Tudo o que vem, inclusive essa situação que você presenciou assim negociação que... Eu nunca fiz curso de mediação de conflito, mas que a gente tem condição de chegar num lugar separando um conflito, mediar e e dissolver o conflito**⁴⁹. Isso por quê? Por causa da experiência que a gente foi vivendo no dia-a-dia aí. Aí como eu disse, o CDDH nasceu então é... Na verdade, eu falei 1982, mas ele nasceu em 1984, né?! Teve a sua é... Assembléia de fundação e tudo mais em março de 1984, em 1982 foi o primeiro encontro é... Retificando as datas... 1982 foi o primeiro encontro no Rio de Janeiro, em 1984 aqui e em 1986 em Olinda e foi onde foi instituído inclusive com carta de fundação do movimento nacional. E o CDDH então nasceu aqui em 1984.”

A gravidez e a experiência de uma filha na vida da militante. Cheia de marcações de tempos e de afetos, da deficiência e do amor:

“1984, foi o ano que inclusive minha filha mais velha, eu fiquei grávida. Já tava grávida nesse período e ela nasceu. E ela nasceu com deficiência e é... Assim, mas ficou muito marcado pra mim tudo isso por causa desse experiência nova com a realidade da minha filha que não tinha chance de vida, nenhuma. E hoje tá aí com vinte e sete indo pra vinte e oito anos já... Então assim, são experiências que a gente vai vivendo que só quem vive sabe o que significa né?! Mas muito importante também pra mim.”

Neste momento da entrevista eu a indago sobre seus sentimentos entranhados nessas experiências de vida particular e de militância. A resposta é assim:

“É porque fazer direitos humanos é isso também... Tem que ter muito **sentimento, muito sentimento de de carinho de...** Tem, **você tem que saber com quem tem que brigar, porque tem...**⁵⁰ Você não vai achar que quem faz direitos humanos não briga?! Muito pelo contrário, briga muito, brigar no sentido assim de fazer com que aquele tema principal. Importante para que as pessoas sejam respeitadas aconteça né?! Eu poderia simplesmente ter dito pra pessoa que me ligou hoje aqui que eu não tava sabendo de nada e deixar pra lá. Mas quem está nessa área não sabe deixar pra lá até que não vê um fim. Uma solução dada pra determinado problema, por quê?!”

O que é a defesa de uma pessoa? O que é importante é a vida, os direitos que qualquer pessoa tem. E a que ponto se pode chegar?!

“**Porque pra nós não importa quem está tendo o direito violado, o que importa é a vida daquela pessoa, então se a pessoa cometeu algum crime e ela tá sendo é violado seus direitos pelo Estado ou por outras pessoas nós defendemos a vida da pessoa.**⁵¹ Não o ato que aquela pessoa cometeu, se ele é um detento ou... Entendeu?! Assim, essa é uma questão que a gente faz questão também de deixar bem claro, que se eu tiver que defender os seus direitos. **Mas se pra isso eu tiver**

⁴⁹ Grifo nosso.

⁵⁰ Grifo nosso.

⁵¹ Grifo nosso.

que exigir de você um comportamento, que talvez isso pode parecer pra pessoa que tá precisando uma bronca, a gente faz, porque pra nós... Bom, tem pessoas que a gente tem dificuldade, tem de ter raça né?! Pessoas que violou muitos direitos a gente vai com uma certa resistência pra negociar... Mas é como eu tava dizendo a vida pra nós é que é importante. E vida não é simplesmente... Uma vida, vida respeitada com direitos garantidos e tudo mais.”

O momento de participação popular e formação para as massas. As ruas e estradas percorridas a pé, as dificuldades que se fazem nas formações anuais *das e para* as pessoas... Discussão dos direitos humanos:

Bom, quando nasceu o Centro de Defesa, então a gente começou a... Já com o levantamento da realidade que a gente tinha, a dar capacitação pra formação. Era da primeira quinta-feira do mês de abril até, todas as quintas; até a última do mês de julho. Então, eu nunca fiz as contas de quantas quintas-feiras dá, mas era esse período que era dado de formação... Dezesseis encontros... Nesses encontros, o que dava menos, dava setenta pessoas. E o que que era feito pra garantir que essas pessoas viessem?! Além delas estarem também com sede de participar de de ter conhecimento?! Era garantido a passagem do do ônibus, por que?! As pessoas vinham depois do trabalho, e eram todas pessoas que não tinham um um rendimento que pudesse custear sua militância no total... Então ela dava o tempo dela, mas as despesas que decorriam disso com transporte, que seja bem claro isso... Era garantido pela igreja, então as igrejas faziam uns projetos e conseguiam um dinheiro pra dar o transporte e às vezes um café com com biscoito que a gente... E o suco de caju e o cream craker, a gente falava assim, *'como escapar de ti (risos) é sempre a mesma coisa'*... E eram nas igrejas ou escolas que a gente conseguia esse espaço, então era... Passei muito aqui nessa igreja São José (Carapina⁵²) que era mais central... Era mais fácil de vir porque como não tinha ônibus nos bairros. Então por exemplo, se eu tinha que ir numa reunião em Laranjeiras⁵³ eu descia do ônibus. E se eu viesse da Serra, eu descia do ônibus ali naquele posto que dá entrada pra Laranjeiras e ia a pé pra lá... E voltava pra pegar o ônibus ali a pé também. Então a gente fazia muito isso, a gente ia pros bairros fazer reunião à noite... Andava de um bairro pra outro, distancias enormes, a pé, em grupos né?! Não tinha, ninguém fazia mal pra nós, então a gente é, é tinha é um ao outro... Era muito gostoso fazer isso também, entendeu?! Raramente a gente ficava chateado de ter que fazer todo esse essa essa... Essa trajetória ali... Parece hoje pra quem ouve a história que pode parecer difícil... E que no Brasil ainda tem muitos lugares que as pessoas fazem assim, tá!? **Bom, que mais que é importante colocar assim que impulsionou... Bom, como eu disse, então aí foi criado o movimento nacional, a organização, a articulação com movimento nacional com carta e tudo, em 1986 em Olinda. Porque aí já em vários estados do Brasil tinha, né?! Essas instituições, e aí foi feito um encontro lá. A partir daí então ficou a cada dois anos, até hoje tem um encontro é nacional das entidades de direitos humanos.**”⁵⁴

A efervescência dos primórdios e da construção de um coletivo, que se sustentava no encontro, na escuta, na troca, enfim; na vida. A mobilização, a movimentação, as organizações, a Igreja – Teologia da Libertação, as lutas, as dores, as agressões, ...

⁵² Bairro da Serra/ES.

⁵³ Bairro da Serra/ES.

⁵⁴ Grifo nosso.

“Mas aí com o tempo as pessoas mudam e teve morte de alguns sindicalistas, teve a morte do Paulo... Da menina cristã, que a gente chamava de purinha... E aí foi desanimando as pessoas. Foram deixando pra lá e como não tinha como liberar, naquela época não tinha como liberar ninguém pra ficar ali na sede então ficava muito complicado. Bom, aí nós fomos então, aqui em Vitória; o movimento de direitos humanos. Ele era assim articular, essa articulação, ela ficou mais forte no final do, a partir de 1986... É depois desse encontro nacional que criou mesmo o movimento chamado Direitos Humanos... **Começou dos anos noventa e tal que ficou mais forte.** Como a gente fazia reuniões é, assim, mais aqui na região metropolitana cada dois ou três meses e no Estado de cada, acho que era quatro meses por aí... Não lembro bem de quanto em quanto tempo. A gente chegou a fazer reuniões mensais, um período, mas foi ficando muito custoso e a gente começou a não conseguir mais essa verba de custear as passagens. **Então eu até avalio que os movimentos, o pico dos movimentos, foi o pico aonde se lutava pela democratização do país né?! Ao acabar com a ditadura militar, então as Diretas Já foi também muito importante, que na verdade foi o movimento bem forte né?! De 1984 a gente criou os CDDHs é... A luta da criação das centrais sindicais, ah muitos sindicatos, dois sindicatos pelo menos a gente entende que nasceram com o CDDH da Serra.** Foi o sindicato dos Trabalhadores da Madeira e o Sindicato do... O de Cimento, Cal e Gesso que é o Cintracal... **Então assim, eram pessoas que faziam parte dos centros de defesa e que lá nas bases da dos trabalhadores começaram a discutir e é... Criaram seus sindicatos, que antes ficava tudo ligado ao Sindicato da Construção Civil né?! Que como eles não tinham eles se organizavam junto com o pessoal da construção civil. Depois nasceram outros sindicatos, mas aí acho que não teve tanto a nossa influência não, nasceu o Sindimar. Esse outros aí já foram desses outros sindicatos que foram... Aí sempre houve assim uma, uma mobilização muito boa. Aí vieram as greves gerais. Na época das greves gerais as entidades de direitos humanos elas davam um suporte assim de estrutura, como? Ficava alguém no telefone pra fazer articulações com as autoridades, caso houvesse alguma perseguição, alguma... Alguma violência da polícia, que chegasse pra acabar com o movimento, por exemplo, naquela greve geral onde é... Onde o pessoal é... Fechou toda a BR aqui até quase na Serra sede e tudo que vários nossos companheiros foram massacrados pela polícia, pancada pra todo lado. Tarcísio Vargas, Brice Bragatto, Gilmar Ferreira, muita gente apanhou da polícia naquela naquela atividade, naquelas ações da greve e... E aí assim muita liderança que era mais de Igreja do que dos movimentos sociais elas partiam da Igreja, falo da Igreja assim desse movimento de Teologia da Libertação que a gente chamava de Fé e Política.**⁵⁵Então eles eram impulsionados pela reflexão do evangelho à luz da luta do dia-a-dia e ia mesmo, eles ajudavam a furar pneu de ônibus pra garantir que a greve continuasse pra frente, faziam cordões humanos pra que... Paravam os ônibus e entravam pra tirar os trabalhadores e era um movimento... Olha, São Paulo teve né?! Porque a imprensa dava repercussão mais pros outros estados onde acontecia... Pelo tamanho do Estado do Espírito Santo e pelo tamanho de São Paulo né?! Eu acho que a proporção, proporcional, era equivalente e isso energizava a gente, então topava qualquer horário que tivesse que sair, a gente saía de madrugada pra pregar nos postes os papéis com as nossas propostas de ação. Era proibido fazer e a gente fazia de madrugada, pra pichar os muros, então hoje quando a polícia fica querendo comprar... Como que é? Manguirão⁵⁶ pra acabar com o movimento eu falo ‘caramba o que que ia acontecer com a gente se tivesse tido naquela época, né?!’, essas coisas...”

As noites e os dias, a primeira filha, as reuniões, as lutas...

⁵⁵ Grifo nosso.

⁵⁶ No Governo de Paulo Hartung, o Secretário de Segurança Pública, Rodney Miranda indicou a compra de um caminhão-pipa para dispersar multidões com jatos d'água, chamado Manguirão.

“Tava de novo, tava de novo e era muito raro ficar uma noite em casa, tanto que depois que a Marina nasceu e nasceu com deficiência. Eu fiquei um período afastada cuidando dela um ano. E depois quando que eu, que ela começou a ficar melhor... Eu comecei a ir na ativa diretamente de novo... **Aí meu pai falou um dia que eu não gostava da minha filha, que eu deixava ela com eles pra sair à noite.** Falei como é que é? Ah, ela é problema, então ficar em casa? Então tá. Peguei uma... Arranjei uma... Ela tinha uma bolsa bonitinha de carregar as coisas, arranjei um... Um pedacinho de colchão, assim, de de espuma forrei bonitinho, botava dentro da, enrolava, botava na bolsa, levava, chegava lá botava ela em cima daquilo, nunca mais deixei ela em casa... Aonde a gente fosse. Aí, mas não tenho nenhuma bronca do meu pai por causa disso não... Acho que foi bom ele ter falado aquilo porque ela hoje é apaixonada por todo mundo que ela conheceu e conviveu naquela época. Ela encontra pessoas que tem dez quinze anos que ela não vê e faz a maior festa porque ainda, né?! E ela é uma pessoa muito querida e é isso pra mim ela é meu anjo da guarda... Eu falo com a minha família que ela é meu anjo da guarda. Mas aí é... Não tinha sábado, não tinha domingo, a gente escolhia os feriados pra poder fazer nossa nossa capacitação. Pra não perder tempo, né?! Bom, aí a gente fazia encontros, fazia muita capacitação, discutia o que que?! Eram esses planos de grandes empresas, como é que isso vinha, que tipo de sociedade nós queremos, o título da formação era essa. E pra discutir isso a gente discutia política, geografia, história.”

Quem participava das formações e discussões como formadores era a academia...
As utopias e os sonhos, as políticas públicas sociais e personificação de políticas públicas de direitos humanos, rastros da ditadura na segurança pública...

“Então, aí é que tá uma questão que hoje eu até, hoje não, desde que eu, desde um tempo atrás que eu às vezes fico questionando. Havia uma parceria da academia que os professores universitários, que suscitavam nos estudantes a necessidade de participação. Então assim, vinha aqueles que vinham pra fazer estudo, mas que acabavam se apaixonando e ficando, eu acho que todos que vieram. Porque tinham um trabalho pra fazer acabou ficando e ajudava. **E aí juntava o conhecimento que tinha da academia com o conhecimento popular e isso ia fluindo, entendeu?** O serviço social não tem tantos anos assim né?! De de instituído no... E aí, isso era uma novidade que também os estudantes dessa área (Serviço Social) tinha que buscar o que fazer, né?! E aí, vinha todo mundo com uma garra pra cima. Então teve gente que foi estudar o movimento dos sem terra, outros de moradia, outros da da saúde, cada um, e isso... (...) de Hartung, de Cesar Colnago⁵⁷ de é... Que eles eram do DCE. E aí tinha uma relação muito forte do das organizações de estudantes com as organizações sociais. Então se nós fossemos fazer um ato público na Serra eles ajudavam a mobilizar. A gente fazia uns mosquitinhos assim que era era feito na... No mimeógrafo e a gente ia lá, rodava, rodava e cortava e saía e colocando nas casas de noite. Na hora que desse e o povo lia e lia né?! E assim, essa, e muita coisa nós aprendemos com os estudantes e com os professores deles. Então, essa parceria que havia, inclusive nós chegamos a **traçar termo mesmo de parceria entre... E aí foi criada a PROEx na UFES.** Os primeiros cursos nossos a assessoria tudo era, o professor Antonio Degeós da UFES. Desde aquela época até hoje é nosso presidente de ética quando a gente quer dar um curso pra liderança popular. Tem outros hoje mas ele ainda... É aquele homem quietinho e tal, Dilvo Peruzzo que eu não sei se você ouviu falar dele na UFES?! Dilvo Peruzzo na verdade, tinha um movimento chamado... Ceape?! Ah, não lembro mais, sei que é de ação popular... **E aí que eles é faziam formação; então, tinha o Dilvo, tinha mais um amigo lá, Aloísio Kroling, né?!** A esposa do Dilvo, do Dilvo que hoje é a a comunicadora social, professora de comunicação social mais renomada do Brasil. Estão morando em São Paulo hoje, então que era a Cecília Peruzzo, então esse povo... Nanda era estudante no início.

⁵⁷ Antes militantes estudantis, hoje governistas de direita e a bem do interesse individual.

Depois passou Pedro Bussinger e outros mais, um monte, muitos metalúrgicos. Metalúrgicos tinham muita capacidade de conhecimento, tinha muita formação né?! Então esse povo, os padres, religiosos, e pastores dessas diversas igrejas. Então esses eram os os nossos instrutores, nossos... Muitos padres, né?! Que... Freis e tal **que vieram também com esse desejo de de a gente instituir uma nova sociedade, esse era nosso, nossa... Nossa utopia, chegar numa construção de sociedade onde não houvesse ninguém que tivesse que passar fome, frio, não ter... Entendeu?** Então a briga era por condições de trabalho digna, salário justo, moradia digna, atendimento à saúde... **O SUS é resultado dessa mobilização social eu inclusive cheguei a participar de duas assembleias nacionais do movimento saúde e olha muito do que tem hoje foi construído na... Nesse formato, eu falo que o SUS é um exemplo que o Brasil tem condições de criar políticas discutidas na base da sociedade, assim como o SUAS também é um pouco isso né?! E agora o SUS, porque é mais difícil porque a questão da segurança pública é muito complicada.** Agora uma questão importante, naquela época a gente nunca imaginava agregar a discussão de segurança pública como direito humano, isso é muito recente... É, é do ano 2000 pra cá, antes disso a gente discutia até violência, mas a gente discutia violência como uma questão que o Estado sozinho tinha que resolver... Nós começamos a passar... A fazer parte dessa, de também trazer proposta, de também exigir mais que a gente tinha que participar na na elaboração dessa política de dois mil pra cá. **Antes disso... Por causa da... Da ditadura, da repressão vivida na ditadura e do medo da polícia que se tinha, tinha muito medo, nunca se confiava na polícia. Militante de de das questões de direitos humanos né?! E sociais. Antes de confiar desconfiava muito pra passar a confiar e aí também como que é o processo da confiança? Com pessoas, não com a instituição. Partir do momento que se fosse criando confiança nas pessoas em algumas pessoas que estavam dentro desses órgãos é que se começou então a... É... E acho que até hoje depende muito da pessoa que tá nesses órgãos pra gerir algumas coisas, não que a sociedade não queira discutir também como era naquela época por medo, mas porque é... Há há pessoas na segurança pública que não entenderam ainda a importância de da sociedade participar, até hoje nós temos dificuldades com a segurança pública em alguns setores, a gente tem pessoas que nem o coronel agora⁵⁸, que a gente já conhecia de outras... Que aí a gente consegue fazer uma uma... Consegue dar aula de direitos humanos pra capacitação, consegue ir participando de de da estrutura... Aí vai fazendo sugestão, vai tentando furar os bloqueios. Na, na Conferência de Segurança, nunca imaginava que ia participar de uma Conferência de Segurança Pública⁵⁹. Quando é que me interessei muito pela área de segurança pública? Quando a gente começou a discutir a questão do desarmamento, que era uma bandeira nossa. Mas com quem que a gente ia discutir isso? Que foi onde que a gente descobriu que dentro da polícia militar, lá dentro das polícias também tinha esse interesse.”**

A luta e as denúncias, as mudanças e os movimentos. Os conselhos e a participação democrática do povo. A visão malévola da mídia quando o assunto é direitos humanos...

“E aí eu penso que a luta dos direitos humanos ela foi muito centro de... **Até certo tempo, de denúncia, a gente denunciava né?! Só, e depois que o Conselho Estadual de Direitos Humanos foi criado, também ficou muito tempo só com denúncia, mas depois a gente foi começando, porque era uma reflexão que era feita dentro do dos encontros do movimento nacional, a... E dos Conselhos, aí**

⁵⁸ Contato com o Coronel para encaminhar o atendimento que fazia no momento da entrevista.

⁵⁹ Em 2009, o então Presidente Luiz Ignácio convoca a Conferência Nacional de Segurança Pública, cãs as etapas estaduais e municipais.

que a gente também quando na Constituição é lutou pra ter a participação democrática na criação dos conselhos paritários. Aí a gente começou a ir pros Conselhos e os Conselhos você tinha que ter proposta, se não você não ficava. E aí nós começamos a discutir dentro das organizações as propostas pra levar pros Conselhos né?! E aí, porque eu acredito que esse processo da democracia nós, esse processo democrático ele não tá pronto, ele... Nós conquistamos alguns algumas formas de democracia dentro da legislação que é o controle social através dos Conselhos e tal, mas a democracia ela não pode... As pessoas não podem entender democracia como apenas o direito de votar e ser votado, essa participação democrática na gestão do Estado ela tem que ser cada vez mais discutida, elaborada e respeitada. E tudo isso a gente fez dentro das dos estudos da nossa... Nosso debate no dia-a-dia dentro das lutas dos direitos humanos entendeu?! Que é uma coisa que é parece hoje em dia ter sido deixada de lado. Mas não é verdade porque a gente pode até estar se encontrando menos, mas toda vez que se encontra o debate permanece o mesmo, né?! Aprimorar a participação democrática e é... **Tentar garantir cada vez mais espaços democráticos que valorizem a participação do cidadão e da cidadã cada dia mais.** E essa... Essa luta pelos direitos humanos você vê gente todo dia na... Eu me lembro que no final, meio, final dos anos 1990, assim nós tínhamos umas bandeiras de luta, era formação, comunicação, as duas principais bandeiras de luta nossa por quê? Sempre tivemos e temos até hoje problema com a comunicação, tanto interna quanto externa né?! **Da forma como a mídia trata a questão dos direitos humanos e da dificuldade de uma comunicação mais eficaz no nosso meio.** Depois, passou-se daí a ter outras outras bandeiras, questão de gênero, questão de raça, né?! Então elas foram...”

As lutas das mulheres e os movimentos organizados por temáticas... Banco de dados sobre a violência que o Movimento Nacional de Direitos Humanos pensa e organiza programas de proteção.

“Acho que antes um pouquinho, 1996 eu acho que começou a questão de gênero, nós temos até livros publicados, nos anos 1990, também nós começamos a verificar que o índice de violência era muito grande no Brasil e a gente tinha que medir isso. Então o Movimento de Direitos Humanos criou um banco de dados nacional; **onde os estados recolhiam as informações dos, de dois principais jornais todos os dias, botava no tape, criava um programa de computador onde a gente lançava esses dados que chegavam lá imediatamente no no central do movimento em Brasília.** E dava pra fazer dados estatísticos e hoje nós, esse programa não existe mais no Brasil, mas alguns estados preservaram e continuam fazendo esse estudo por média. Aqui que a gente fazia parceria com alguns órgãos pra poder dar conta, que quando a gente tava tentando fazer sozinho a gente não conseguiu. Aí a gente fez a parceria com a SEJUS na época que tinha, que o Perly.⁶⁰ Era secretário e com a UFES que era a Pró-Reitoria de Extensão e depois o Neve que abarcou isso e a gente tinha pessoas que faziam. Antes eram pessoas nossas que faziam esse levantamento, depois o Nevi⁶¹ busca estagiários dentro da UFES e faz isso, né?! Nós chegamos a fazer o mapa da violência através da participação da Claudia Zanotelli, a professora engenheira que coordenou esse banco de dados muito tempo, depois... Acho que depois do do Pedro Bussinger, teve uma época que era o Pedro Bussinger, depois foi a professora da engenharia.... Hoje é outra professora da engenharia que tá nessa coordenação. E tudo isso, pra que?! Aí com isso foi sugerido a criação dos programas de proteção... **Os programas de proteção também era uma luta dos direitos humanos, mas aí eu falo uma luta dos direitos humanos não quer dizer especificamente que era a entidade chamada Centro de Defesa dos Direitos**

⁶⁰ Perly Cipriano é outro entrevistado desse trabalho acadêmico.

⁶¹ Núcleo de estudos da violência do Programa de Pós do Serviço Social/Ufes.

Humanos, era um movimento, movimento popular de menino de rua, é pastorais, sindicatos, pessoas que com a mesma afinidade sentavam pra discutir. E aí as entidades ligadas ao movimento de direitos humanos entenderam que se não fosse a gestão desses programas feita por alguém da sociedade civil eles não iam pra frente. Então a gente começou então: 'e agora, quem vai fazer isso? Nós temos condições, temos capacidade pra isso?' E aí então começamos a trabalhar a possibilidade de fazer isso. E o PROVITA⁶² aqui no estado já vai fazer ele tem treze anos, né?! e é o mais respeitado no Brasil... É, ele foi elogiado pelo pela SEJEU/Tribunal de Contas da União pela prestação de contas, pela capacidade de fazer relatórios, pelo atendimento. Então assim, da uma certa, só que aí qual que era o nosso objetivo? **Ajudar no combate à impunidade, que a gente entende que a violência cresce na medida que as pessoas vão achando que vão ficar impunes e vão cometendo violência.** Aí depois disso aí, tá, Provita... Foi difícil a implementação do Provita porque o estado não conseguia entender o papel desse programa, tá?! Aí quando foi no ano 2003 resolve-se criar o PPCAAM⁶³. Aí PPCAAM nossa quanto nós apanhamos com o PPCAAM... Aí tá, em 2005, então cria o Programa de Proteção aos Defensores de Direitos Humanos/PPDDH. Aí desse, nós estamos apanhando até hoje. Até porque a diversidade, a diferença que tem do Programa de Proteção... Programa de Proteção à Criança e Adolescente para o Programa de Defensores é exatamente... Oposto, o Programa de Proteção a Testemunhas, você retira imediatamente a pessoa do local e ela nunca mais retorna. O PPCAAM pode até retornar, mas a primeira medida também é a retirada e o dos Defensores veio pra garantir que o militante de direitos humanos continue mesmo sob ameaça; mesmo sob risco atuando na sua região. E o Estado tem que dar proteção. Sendo que o militante de direitos humanos geralmente é quem denuncia a violação de direitos e as improbidades administrativas e as corrupções e etc. Como é que esse Estado que é quem tá sendo denunci... denunciado por essas pessoas vai dar proteção a essas pessoas?! É um desafio muito grande, nós temos uma dificuldade muito grande pro Estado entender qual é o papel dele nessa história. Porque ele acha que defensor de direitos humanos... Que eles não conhecem, porque também tem essa dificuldade né?! Muitos órgãos aqui do estado não reconhecem o papel dos militantes de direitos humanos que... A população reconhece muito pouco... E aí uma das nossas bandeiras de lutas, assim, prioritárias e a gente toda vez que tem reunião cobra. É uma campanha nacional sobre o que são esses direitos humanos?! Pra que as pessoas entendam então que quem faz a defesa dos direitos humanos não tá defendendo bandido. Porque quando a gente tá lutando por um posto de saúde adequado às necessidades da população daquele bairro tá fazendo defesa de direitos humanos, quando a gente tá é... Lutando por melhores condições de trabalho e salário é... Lazer, cultura, tudo isso é direitos humanos... Então quando as pessoas participam das nossas explicações do que que são os direitos humanos elas pronto. É outra coisa, só que isso se dá num contexto muito pouco representativo que a gente fala... A gente fala com poucas..."

As dificuldades de entendimento das necessidades dos programas de proteção e de cada atendimento têm sua especificidade. A luta de forças entre Estado e Defesa dos Direitos Humanos:

A dificuldade do programa de... Então, nós estamos... Assim, a gente tava indo até muito bem, bem engrenado, com a... Novo governo que cria a Secretaria que inclui a Secretaria de Direitos Humanos, que não existia, é... E inclui nessa secretaria os programas de proteção, sem fazer a transição. Então houve um um... Como se a gente ficasse órfão, né?! Um período grande do ano passado. Nós temos na Secretaria de Segurança um desembargador que entende que

⁶² Programa de Proteção às Vítimas e Testemunhas Ameaçadas.

⁶³ Programa de Proteção às Crianças e Adolescentes Ameaçados de Morte.

segurança pública que os órgãos, polícias, tem que funcionar de acordo com a necessidade da sociedade e respeitando, ninguém sendo corrupto e tal, etc... Só que isso leva tempo, pode ser que um dia a gente conquiste isso, mas até lá, tem pessoas ameaçadas, tem pessoas vulnerabilizadas. Tem pessoas sendo criminalizadas que a gente precisa trabalhar. E a gente tem essa dificuldade de entendimento. Ele dá ordem pra um Subsecretário nos atender e a gente quando chega com a demanda que eles dizem que ele não tem modelo pra seguir. Eles não querem sentar conosco pra discutir modelo porque no programa... Os defensores de direitos humanos depende de cada um... Um plano específico para a proteção. Tem uns que precisam de escolta, mas tem outro que precisa de que seja é... A polícia local faça algumas rondas próximo a sua casa, que a Prefeitura instale postes de energia, postes com energia, com luz, né?! Que ilumine o bairro, então assim de cada um é um método diferente, um precisa de seis policiais pra fazer a escolta, outro com um por dia é suficiente porque a ameaça... A proteção é mais pra garantir que ela que a pessoa não vai fazer nada. Porque tem alguém vigiando, tem alguém cuidando e por aí a fora. **Mas, então na Secretaria as pessoas não tão muito interesse. Na Secretaria de Segurança não tão muitos interessados nessa questão que eu tenho impressão que o PROVITA e o PPCAAM...**"

As contradições entre os direitos humanos e as políticas econômicas e de mercado. O crime organizado no Estado e a associação paramilitar. O Ministério Público Federal como único parceiro no Governo e os organismos internacionais. O ego e a arrogância que desarticula o bem coletivo.

"Tem efetividade, o defensor de direitos humanos ele... A efetivação da da sua luta vai se dar na história, não é no dia seguinte. Que você vai ver resultado... Algumas ações sim, dependendo do que tá pleiteando. Você já vê imediatamente, mas outras não... Então é uma dificuldade muito grande, inclusive a Presidente Dilma chegou a nos desafiar, dizer 'quero ver esse programa...' Olha... Porque o que, eu falei com a Ministra do Direitos Humanos quando ela foi apresentada pra nós. **Que pra nós era muito difícil entender um governo que institui um programa de proteção a defensores e institui um PAC ao mesmo tempo.** O Programa de Aceleração do Crescimento, e é nessas grandes obras o maior índice de defensores de direitos humanos ameaçados. Quando briga contra a construção de uma Belo Monte. [...] Nas grandes usinas que estão sendo implantadas, que tão tirando uma multidão, os ribeirinhos, e as lideranças que se opõem a isso ficam todas ameaçadas. Algumas morreram e por aí a fora, né?! Então pra mim o desafio não é... Pra nós só é pra o governo de uma forma geral, porque esses programas, o Programa de Proteção de Defensores de Direitos Humanos foi instituído por uma cobrança internacional. Tava se matando muito defensores de direitos humanos no Brasil e a gente sai pra fora mesmo. No Brasil a gente vai barganhar e não consegue, né?! **Então, o Comitê Latino Americano de Defensores de Direitos Humanos acionou a OEA. Que acionou o governo brasileiro e disse 'olha, tem que criar alguma política aí pra defender essas pessoas'** e foi onde que... Isso foi ainda no período do Fernando Henrique, mas quando Lula chega ele fala pro Secretário 'ó, vê se você discute junto com a sociedade aí uma forma de criar um programa de proteção'. E aí foi onde a gente começou a discutir mais precisamente isso. Durante o governo do Fernando Henrique a gente conseguia colocar escoltar pessoas e tudo, mas a gente tinha que fazer uma briga internacionalmente que isso era sempre sob medida cautelar que... **A Iriny⁶⁴ teve proteção assim. A Aparecida Denadai⁶⁵ teve proteção assim. Marcelo Denadai⁶⁶ antes de morrer tinha tido essa proteção, então... Acabou entrando**

⁶⁴ Iriny Lopes, deputada federal, outra entrevistada desse trabalho acadêmico.

⁶⁵ Deputada Estadual ameaçada de morte.

⁶⁶ Irmão da Deputada Estadual morto em 2002, pelo crime organizado no Estado do Espírito Santo.

no Programa de Proteção à Testemunha, né?! Que a situação dele era tão grave que ele teve que sair daqui, mas então, tudo isso, com as quantidade de morte que tinha acontecido aqui, a questão da da... Outra luta importante do movimento dos direitos humanos aqui no Espírito Santo, foi pela dissolução da Escuderia Detetive Lecoq⁶⁷, a luta contra o crime organizado, então, assim... E a gente contava sempre com algumas autoridades ajudando a gente a refletir, sempre a gente contava com alguém que ajudasse a gente a refletir passos a serem dados. Seja no Ministério Público Federal, seja de alguns órgãos estaduais, sozinho, sozinho, sozinho, sozinho a gente discutia... Antes de chegar até as autoridades a gente tinha toda a estratégia montada. E depois as autoridades é que ajudava a abrir um caminho aqui, outro ali, onde a gente tinha que ir, mas... **Eu acho que a sociedade civil no Espírito Santo ela não tem um número de lideranças que se... E as lideranças elas também não ficam assim querendo ser... Personalidade e tal. Mas a gente tem dado conta da demanda no sentido de buscar solução pros problemas, né?! Então, nós entramos com... A Anistia Internacional era sempre nossa parceira a gente dava, antes... Até que não tinha internet, né?! Era uma ligação que eles davam um jeito de a gente fazer, eles também faziam contato, tinham sempre representante no Brasil também. Então a anistia Internacional foi muito importante pra nós aqui no Espírito Santo com... Principalmente no combate à violência prisional, sistema prisional.”**

As marcas deixadas no tempo e na memória da entrevistada; a criação do Centro de Defesa da Serra, as mortes, o acidente, os anos bissextos, as durezas de quem é de luta, os olhares dos outros das nossas dores, enfim...

“Além de ser o momento da **criação do movimento da, do nosso Centro de Defesa da Serra, foi o ano das Diretas Já**, tudo ali era movimento. Era uma energia que fluía pra todo lado, essa era uma questão. Depois eu estava me preparando pra ir fazer um curso em São Paulo, de seis meses, pra... Pra assumir determinados postos de liderança que a gente naquela época tinha isso, né?! **Acabei não podendo ir quando eu descobri que tava grávida** e aí foi outra pessoa e tal, e... Então assim, esse ano de 1984 pra mim foi muito marcante, mas eu tenho um problema, só com os anos bissextos... É, é... Todo ano bissexto eu não sei por que. Que isso me marcou que todo ano acontece muita coisa importante. Mas todo ano bissexto aconteceram coisas muito fortes pra mim, a partir, principalmente a partir do momento que eu comecei a prestar a atenção nisso. Então eu comecei a prestar atenção mais nessa questão é... **Em... 1980, no ano 1980... A minha irmã mais nova morreu de aneurisma, então assim, amanheceu com dor de cabeça e meia hora depois estava morta, lá no início do ano, em abril, dia nove de abril, aí naquele ano... Em janeiro tinha morrido minha tia, mas ela já tava doente e tal, aí tinha morrido minha tia, minha irmã né?! Aí um mês certinho morreu uma prima, depois daí poucos meses morreu um primo, no Rio. A minha prima aqui e meu primo no Rio, e em dezembro, dia treze de dezembro nasceu um sobrinho que por negligência médica passou da hora de nascer três dias e morreu. Então o ano 1980 eu sei contar a história dele quase o tempo todo, foi o ano que eu tava... Foi o primeiro ano que eu estudei pra fazer o vestibular, e eu não passei, claro. Aí meu irmão chegou pra mim aborrecido, né?! Porque ele tinha ajudado pagar o pré-vestibular e eu não passei, aí eu nunca vou esquecer o que eu disse pra ele, falei ‘é tudo isso que aconteceu na nossa família esse ano só atingiu a vocês, né?! Eu sou uma pessoa de pedra, né?! Não atinge nada’. E aí foi onde ele começou a prestar... Que eles sempre achavam... Como eu sempre fui a brigona, que eu não tivesse sentimento... Aí, a partir daquele ano, a gente sempre... Continua brigando muito, eu e meus irmãos, porque eles tinham uma visão política totalmente oposta a minha,**

⁶⁷ Organização paramilitar com caráter de extermínio que tinha registro civil no Estado do Espírito Santo. <http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u34494.shtml>

tanto que no ano que Lula foi candidato com Collor eles faziam propaganda pro Collor... [...] Em 1984 nasce a Marina, tem Diretas Já e nasce a Marina com problema, então assim, tiveram as coisas boas, mas também tiveram... Que pra mim hoje é boa, mas naquela época foi um choque danado, né?! **Não era casada, produção independente, que eu era muito doida mesmo, hoje eu falo com as meninas assim, eu era muito...** Até porque eu, depois que eu descobri que tava grávida eu descobri que meu namorado usava muita droga, a ponto de um dia ter ficado em abstinência. [...] Aí tá, quando, isso foi em 1984, quando foi em 1988, no mês de janeiro, nós fomos visitar um casal de amigos lá em... Esqueci o bairro agora, em Vila Velha, que tava se mudando pra Itália. **Aí nós fomos despedir deles aí na volta nós sofremos um acidente. Ele quebrou duas vértebras do pescoço, a minha filha teve... Sofreu um trauma craniano, ficou em coma oito dias, quebrou a perna direita e ficou engessada três meses... E eu fiquei um ano em tratamento, fiz quatro cirurgias, tenho platina.** Só que assim os médicos ficaram bobos de ver que ele quebrou o pescoço e não morreu. Que naquele mesmo dia do acidente um outro jovem foi pular num rio, bateu com a cabeça e morreu. Então ele falou assim 'olha, se você tá vivo é porque sua função aqui na terra ainda não acabou'. Bom, aí lá e vem e tal, passou. **Quando foi em 1992 eu sofri um outro acidente. Rasgou meu rosto todinho, levei sessenta e dois pontos no rosto.** Eu tava vindo da Serra pra casa que eu já morava aqui, minha irmã tava vindo me trazer, um cara atravessa com o carro na pista na frente dela. Ela teve que pisar no freio, a gente nem tinha cinto de segurança no carro naquela época, quanto mais usar... Aí no que ela freou o impacto me levantou pra cima eu quebrei o vidro... O pára-brisa e no que eu levei e que eu quebrei. Naquilo que eu voltei, que foi tão rápido, que quando eu voltei o vidro foi me cortando... Aí, graças a Deus tava minha mãe, minha filha, minha irmã, minha sobrinha no carro, e só eu que... Ah sim, nesse outro acidente, que aconteceu isso comigo e com a minha filha, minha irmã e meu cunhado e outra pessoa que tava no carro sofreram uns cortezinhos de vidro... De caco de vidro, não tiveram nada. Aí 1992, eu falei assim, com os padres aqui que trabalhavam aqui 'gente pelo amor de Deus eu tenho que riscar os anos bissexto da minha vida, não dá! Os anos bissexto né?! Quando foi 1996, no dia primeiro de janeiro de 1996; eu falei 'eu não quero que nada mais aconteça na minha vida que marque demais! Só que eu acho que ainda aconteceu, que foi a... Uma companheira, que cuidava do nosso banco de dados, que sofreu um acidente, Maria Luíza Menezes que inclusive dá nome ao nosso salão lá no CDDH. Voltando de um curso que ela tava dando pros Sem Terra, pela UFES lá em São Mateus. Chegando cansadíssima bate o carro aqui na subida de Nova Carapina e morreu na semana... Aí, falei 'Caraca, o troço continua'. Em 2000 morreu o cunhado, o sogro, o sogro tava doente então não dá nem pra... Mas meu cunhado foi de ataque cardíaco fulminante. 'É o bicho continua'. Em 2004 um sobrinho com vinte e sete anos, andando de bicicleta, indo de bicicleta de Nova Carapina pra Jardim Limoeiro ele atropela uma pessoa cai de costas, bate com a cabeça. Fica oito dias em coma e morre, aí nesse... Em quinze dias morreram três, ele, uma tia e um primo, um outro primo. Aí, aí eu já tinha feito uns cursos de florais, então eu tinha também aprendido a a dissolver essas coisas que eu acabava atraindo pra mim, né?! E também que são coisas que marcam comigo porque eu prestei atenção. Se fosse outras não prestava a atenção, não tinha marcado isso. Então em 2004 e 2008, já aconteceram grandes fatos na minha vida. E esse ano (2012) até agora também assim. **Acho que todo dia acontecem coisas importantes na vida da gente, mas coisas que marcassem assim profundamente...**"

O que é do íntimo que se mistura com a militância e com os ideais e tudo mais... O nascimento da segunda filha e os estudos...

"Em 1995 nasceu minha, minha segunda filha, nossa, foi bom demais. Ela é muito linda, já ta com dezessete anos... É assim, parecida comigo, no corpo, agora a mistura de pai e mãe na pele; porque ele... Eu sou meio branca, então ela ficou um

um... Tem os cabelos castanhos, os olhos claros mas a pele com a possibilidade de ficar mais morena do que eu, né?! Porque eu sou branca demais e é assim é uma menina que já tá fazendo jornalismo, muito dengosa... [...] Moro ali em Manoel Plaza/Serra. E aí como que tem gente que reclama daquele bairro, eu nunca tive nenhuma dificuldade, nunca, e peço a Deus que continue protegendo... Tem vinte e um anos, vinte e um anos que eu moro ali e pretendo ficar muitos... [...] Eu fui fazer biblioteconomia, eu só consegui ir pra academia depois, agora em 2005, que eu fiz vestibular passei e até com estímulo da minha família. Minha cunhada falou assim pelo amor de Deus mulher, vai fazer uma faculdade. Até te ajudo a pagar uma particular se você não conseguir passar na UFES. Porque você tem potencial e ninguém reconhece no caso por você não ter um curso superior. Bom lá vou eu então... Essa coisa assim, se tava apagadinho lá dentro acende, né?! Sempre quis, né?! Aí pensei 'caraca, agora faço o que?' Serviço social, já tá cheio de assistente social fazendo defesa de direitos humanos por aí, Psicologia não vou dar conta, bem que eu gostaria, mas não vou dar conta, Direito eu não quero! [...] Aí... Você conheceu Ana Paula Azevedo? Uma grandona que tinha... Do Sintufes? Que era bibliotecária. E ela tinha... Ela fazia um trabalho num escritório de advocacia de organizar documentos pra eles apresentarem os processos lá, que eu era encantada, ela fez um documentário... Aí eu falei assim... Acho que vou tentar biblioteconomia! E é a noite, né?! Menina... Fui fazer a inscrição na última hora... [...] Fiz as provas e nem esquentei a cabeça! Lula filho do Isaias liga e diz o resultado assim: **'pô, além de passar, de quarenta passou em décimo quinto lugar'** [...] A realização foi ótimo, muito importante, depois... Meu marido fazia... Meu marido estudou o primeiro grau e segundo grau tudo com supletivo e sozinho... E passar no vestibular e fazer ciências políticas e se formar... É muito forte isso pra mim, então eu valorizo muito isso, entendeu?!"

b) João Batista Herkenhoff:

A origem, a família, a religião, o que define os direitos humanos para cada um e para o entrevistado, por fim, os primeiros passos na militância:

“Então vamos ver, né?! Primeiramente eu acho que eu tenho a dizer pra você que eu sou de Cachoeiro de Itapemirim... Nasci, é nasci em Cachoeiro de Itapemirim, né?! É... Meu pai... Descendente de alemães... Herkenhoff... Descendente de alemães... É minha mãe nasceu em Pernambuco, né?! Nós somos uma irmandade de dez irmãos; eu sou o mais novo, né?! Então vivi minha infância em Cachoeiro, adolescência em Cachoeiro, depois fiz o curso de Direito em Vitória, né?! Na na universidade... Na UFES, né?! É profissionalmente primeiro fui advogado. Depois, depois fui promotor de justiça por muito pouco tempo e depois fui juiz de direito por muitos e muitos anos, né?! E me aposentei como juiz de direito, né?! É... Agora vamos dizer, qual a minha história com relação a direitos humanos, né?! Eu acho que a minha história de direitos humanos começa pela minha própria formação religiosa, né?! Eu fui educado é... Dentro de uma família católica, mas de um catolicismo de vida, não um catolicismo de culto, né?! Eu acho que foi sempre assim um catolicismo de vida, né?! Eu recebi dos meus pais a ideia de que o cristianismo se exercita não na igreja, mas na sociedade, né?! No mundo, né?! Então acho que essa foi a grande lição que eu recebi, né?! **Então acho que a semente da minha ideia de direitos humanos foi a minha própria formação religiosa, né?! Quer dizer eu vejo, por exemplo, uma profunda identidade entre o cristianismo e os direitos humanos, não é?! E não só o cristianismo, né?! Eu acho que outras religiões... Outros troncos religiosos também estão ligados aos direitos humanos, né?! Acho que é um preconceito e uma vaidade achar que somente da árvore cristã é que nascem essas ideias de ética, direitos humanos, acho que não... Acho que outros... Outros troncos religiosos também é... Apresentam essa raiz é... Humanística, né?! Mas de minha parte foi o cristianismo, né?! Foi o cristianismo, né?!**

O trabalho humanitário, a ética da consciência de quem se preocupa com sua conduta:

“Agora é... Também acho que é bastante exato eu te dizer que no exercício profissional também sempre tive a ideia de ligar o meu trabalho a direitos humanos, né?! Como advogado achando que a defesa é sempre importante, né?! Toda pessoa merece defesa, né?! No crime, por exemplo, toda pessoa merece defesa, né?! Sempre, como advogado sempre encontrará alguma coisa a favor daquela pessoa. Se não for pra absolver pode ser pelo menos pra minorar a culpa, né?! Ninguém é tão, tão ruim que não tenha nada a favor, né?! Então acho que o advogado tem que fazer esse trabalho, às vezes, às vezes é impossível uma... Buscar uma... A absolvição, às vezes é até de má técnica o advogado pretender a absolvição. [...] Então às vezes não é a absolvição, mas buscar alguma coisa a favor daquela pessoa, né?! O advogado sempre está ao lado daquele que ele defende, né?! E a justiça é feita dessa oposição entre acusador e defensor, né?! Isso não só no crime como no cível também, né?! No cível se tem uma cobrança um é credor e o outro é devedor, né?! E... E há o choque entre o credor e o devedor dentro da justiça, né?! Se é um desquite ou um divórcio há um choque entre o marido e a esposa, né?! Quer dizer o... O direito é feito de antagonismo, né?! Então o advogado não é imparcial, né?! Quem é imparcial é o juiz, né?! O advogado não é imparcial, o advogado tá sempre de um lado, né?! A ética do advogado determina que ele seja fiel ao seu cliente, né?! Essa é a ética do advogado, né?! Já a ética do juiz é outra. A

ética do juiz é que ele seja imparcial, né?! Porque ele é o fiel da balança, né?! **Eu acho que na, na minha vida como advogado eu acho que eu sempre procurei ser fiel aos meus clientes, né?! Sempre me empenhei nas defesas, né?! E como juiz também eu acho que sempre fui imparcial, né?! Minha consciência não me acusa de ter feito voluntariamente nenhuma injustiça, eu posso ter feito alguma injustiça por erro por falibilidade humana, né?! E às vezes até mesmo motivado por um falso testemunho, né... E às vezes o juiz se engana acreditando naquele testemunho falso, né?! Então se ele fizer sua sentença com falso testemunho a sentença é injusta, né?! Então não quer dizer que eu nunca tenha dado sentença injusta, né?! Mas eu nunca dei é... Conscientemente uma sentença injusta, entendeu? Sempre eu procurei é que minhas, que minhas sentenças fossem justas, né?! Sempre busquei a justiça e nem falar... Deus me livre corrupção, Deus me livre, né?! Hoje, hoje quando ouço falar juiz corrupto, poxa, chego a ter mal estar, né?! De tão absurdo que é a possibilidade de um juiz corrupto. Eu te disse, eu sempre fui religioso, né?! E quando eu era juiz eu sempre fazia uma oração a Deus ‘meu Deus se algum dia eu tiver de ser um juiz corrupto eu vos peço Senhor meu Deus que eu morra na véspera’.”**

O valor moral que maca a vida, a profissão, as escolhas e os desejos. O representante da ‘justiça’, o “*dizedor*” do direito e da verdade. Como ser esse personagem, ou seria esse sujeito?! Enfim, o perfil do que deve ser um aplicar do direito pelo entrevistado:

“Todo dia, né?! ‘Que eu morra na véspera’, porque simplesmente Deus me livre, né?! Juiz corrupto é... Pior que Fernandinho beira-mar, eu acho que se colocar lado a lado um juiz corrupto e Fernandinho beira-mar, diante de um juiz corrupto Fernandinho beira-mar é um santo, né?! É claro, né?! Ele não pode ser corrupto que ele é o, ele é o julgador, né?! Constituído pelo Estado pra fazer justiça, né?! E aí também você vai encontrar nisso um fundo religioso, né?! Que você vai encontrar na Bíblia, no velho testamento, né?! ‘Estabelecerei juízes em todas as portas’, em... No profeta Isaac você vai encontrar isso, né?! ‘Estabelecerei juízes’, ‘estabelecerás’, né?! ‘Estabelecerás juízes em todas as portas para que julguem o povo com retidão de justiça’. Então lá no velho testamento, você lê no profeta a ordem de Deus. Para que fosse estabelecidos juízes em todas as portas, né?! **Em todas as portas no sentido que hoje nós teríamos em todas as comarcas... Em todos os Estados, em todos os países, né?! Mas na Bíblia, tá em todas as portas, em todas as portas. ‘Estabelecerás juízes e magistrados em todas as portas para que julgue o povo com retidão de justiça’. Então a missão do juiz é julgar o povo com retidão de justiça. Acho que a primeira ideia de direitos humanos, que eu tive foi essa ideia né?! Do próprio exercício da profissão!”**

O início da Comissão de Justiça e Paz, o aceite do convite...

“Agora depois, eu vim a ser um dos fundadores e o primeiro membro da Comissão de Justiça e Paz – CJP da Arquidiocese de Vitória. Eu fui convidado para esse cargo pelo bispo de então, Dom Luiz Gonzaga Fernandes. Pelo bispo Dom Luiz Gonzaga Fernandes com aprovação de Dom João Batista da Motta e Albuquerque que era o arcebispo, né?! Eu fui o primeiro convidado e aceitei, né?! Eu aceitei, né?! ‘Tá bem, aceito’. E aí... Depois que eu fui escolhido a Comissão de Justiça e Paz, foi se

organizando e foram anunciando e escolhidos os outros membros. A segunda pessoa foi a Vera Nacif, né?! E depois vieram os outros, formaram aquela equipe. E depois dos meus companheiros...”

A missão da Comissão de justiça e Paz. Os silenciados e quem os darão voz! E quem escolhe os excluídos também é excluído!

“A parceria, a primeira, a primeira o primeiro projeto seria a comissão, né?! Um corpo de cristãos, né?! Que lutaria pela justiça e pelos direitos humanos. Seria dentro da cidade, dentro da sociedade uma voz pela justiça. Esse era o projeto, né?! Uma voz pela justiça; sobretudo em defesa daqueles que não tinham voz. Daqueles que não tinham voz, porque os que têm voz se defendem! O mais difícil é justamente aquele que não tem voz, o pobre não tem voz! Então a Comissão de Justiça e Paz o projeto é justamente estar do lado principalmente daqueles que não tinham voz. Isso daí foi, puxa vida, esse negócio de data, não sou bom de data não, eu não sou muito bom em data não. Eu acho que 1900... 1970... 1976 talvez... Eu não sou muito bom de data não! Mas foi em plena ditadura... Isso é claro que foi, durante a ditadura, né?! Evidente... O golpe de estado no Brasil foi em 1964... Foi depois do golpe de estado, né?! Agora eu não me lembro bem se foi 1975... 1976... 1977... **E aí começou a Comissão de Justiça e Paz... Me escolheram presidente. Por causa de ser escolhido presidente eu respondi um processo no Tribunal de Justiça/ES.”**

O que os desembargadores pensavam sobre a atuação do entrevistado?! E o processo administrativo. A perseguição pelos iguais. A inviolabilidade da consciência!

“É... Na época os desembargadores achavam que um magistrado não podia ser Presidente de uma Comissão de Justiça e Paz, né?! Eles se baseavam, basearam essa... Esse entendimento num artigo lá da lei orgânica da magistratura, que proíbe que o magistrado faça Presidência né?! Eles não entenderam que a Comissão de Justiça e Paz, de associações, né?! Eles não entenderam, não quiseram entender que a Comissão de Justiça e Paz não era uma associação, era um órgão de igreja e não uma associação. Porque havia a proibição de um juiz ser presidente de um clube, né?! Muito bem, um pouco estranho, né?! Um juiz ser presidente de um clube de futebol, por exemplo, né?! Clube de futebol é... Presidente de um clube de futebol ou mesmo presidente de um clube social, né?! Que também é uma coisa ruim, um juiz presidente de um clube é... Da alta sociedade, né?! Então fica parecendo que aquele juiz só pensa nos ricos... De modo que... Esse tipo de presidência também não é... Não fica bem pra um juiz, né?! Mas a Comissão de Justiça e Paz é outra coisa, não é associação. A Comissão de Justiça e Paz era uma instituição de igreja, né?! E aí eles não entenderam isso e acharam que era absurdo, eu respondi um processo, né?! No dia que eu recebi a intimação para o processo, para a audiência. Eu telefonei pro bispo, né?! Eu telefonei pra Dom Luiz, hoje é falecido. Depois de ser bispo de Vitória, ele foi lá para Campina Grande, que o estado dele é aquele lá, né?! Ele é lá da Paraíba. **Eu telefono pra Dom Luiz, e digo ‘Dom Luiz, eu to sendo intimado aqui pelo Conselho Superior da Magistratura Estadual Disciplinar’. Era disciplinar que processava juiz corrupto, essas coisas, né?! ‘Então, eu to sendo chamado para responder a um processo perante o Conselho Superior da Magistratura por ser presidente da Comissão de Justiça e Paz.** Então eu queria perguntar ao senhor o que o senhor me aconselha’. Ele falou ‘João, João Batista, abra o evangelho e leia aquela passagem *‘quando fordes chamado a tribunal por causa do meu nome não vos preocupeis com o que haveis de dizer, o espírito vos soprará’*. Aí eu li, né?! O evangelho, e pensei ‘se o bispo diz que eu to preparado tendo lido isso eu to preparado, vão embora’. Aí fui lá pro tribunal, né?! Chego ao tribunal e o processo era

em segredo de justiça. Nem minha mulher pode saber do processo, até depois que acabou. Aí fecharam as portas todas, né?! Eu fiquei lá como um réu sentado na cadeira, os desembargadores todos de toga preta e eu lá embaixo com um réu. **Aí me perguntaram ‘Dr. Herkenhoff, o senhor é membro e presidente, membro e presidente dessa Comissão de Justiça e Paz, que fica toda hora é... Criticando o governo, criticando até o poder judiciário. A Comissão de Justiça e Paz critica até o poder judiciário, como é que o senhor se sente? O senhor como magistrado, fazendo parte de uma instituição que ataca o próprio poder de que o senhor é membro, o senhor aceita uma coisa dessa?’** Eu falei ‘bem eu sou juiz, procuro ser um bom juiz, mas eu sou também cristão. E eu faço parte da Comissão de Justiça e Paz como cristão. Eu acho que está absolutamente dentro da finalidade de uma Comissão de Justiça e Paz, lutar pela justiça e denunciar a injustiça. Então se por acaso a Comissão de Justiça e Paz denuncia uma injustiça eu acho que é missão da Comissão de Justiça e Paz fazer isso, né?!’. Aí... Começaram a discutir e eu fui salvo... Ah sim, eu aleguei principalmente em minha defesa. Eu disse ‘olha, Vossas Excelências podem achar que eu to errado, que eu não to fazendo uma coisa certa; mas uma coisa eu digo a Vossas Excelências eu faço isso porque a minha consciência me impõe. E eu, em minha defesa, eu levanto o princípio da inviolabilidade da consciência, é isso que eu tenho em minha defesa, a minha consciência é inviolável’. Aí começaram a votação, né?! E quem me salvou foi o desembargador Homero Mafra, pai do Homero Mafra que é presidente da OAB, né?!”

A posse da terra pelos ‘posseiros’, as ‘esquisitices’ de um juiz na defesa dos menos favorecidos. A justiça ou a injustiça! A incerteza das garantias retiradas pelos Atos Institucionais.

“O Homero Mafra me defendeu porque ele falou assim ‘olha, eu concordo com os nobres colegas quando censuram o Dr. João Batista Herkenhoff. **Ele tem se metido aí nuns processos muito estranhos, defendendo aí gente que invade terra’. Gente que invade terra era... Defesa dos posseiros, né?! Aqueles que iam buscar um pedaço de chão pra construir um barraco, né?! E vinha a justiça e queria botar pra fora, né?! As vezes umas terras até abandonadas, né?! Tinha muita gente que comprava terra esperando a valorização, né?! Comprava a terra e deixava a terra lá de qualquer jeito, esperando apenas que a terra valorizasse... Mas sem fazer nada na terra... Aí o pessoal pobre precisando de morar ia lá e fazia um barraco, né?! Então aquele que era proprietário pegava um título de propriedade, ia na justiça e botava pra fora, né?! Botava pra fora trezentas famílias de uma vez só, né?! Então a Comissão de Justiça e Paz ficava do lado dos que eram posto pra fora. Aí a Comissão de Justiça e Paz ficava do lado dos posseiros. E aí colocava advogado pra não deixar haver a, haver a... **A expulsão, né?!** E as vezes colocando em cheque o próprio título imobiliário, né?! ‘Esse título aqui não tá correto, esse título aqui não vale’, né?! Enfim, procurando sempre uma brecha pra derrubar a expulsão. Daquela porção de família, né?! E os desembargadores não entendiam nada disso. Diziam ‘puxa, esse camarada é um desordeiro, é um comunista...’ Mas o Homero falou o seguinte, falou ‘olha, nós podemos concordar que tudo isso é verdade, o Herkenhoff. **Pode ser tudo que vossas excelências estão achando. Agora ele falou uma coisa que é certa, a consciência é inviolável. Então ainda que esteja tudo contra o que ele faz... Uma coisa nós temos que reconhecer, a consciência é inviolável.** E isso não é de hoje não, isso a Revolução Francesa já dizia. Então acho que por causa da consciência ser inviolável nós não podemos punir o Dr. Herkenhoff...’ A punição, na época podia ser talvez sei lá, acho que até demissão. Na época da ditadura não havia lei... A lei era o que a propriedade pública quisesse, não tinha garantia nada disso, né?! Era uma época em que os juízes perderam até as garantias, né?! Perderam a**

vitaliciedade. Até ministros do Supremo Tribunal foram aposentados compulsoriamente, como por exemplo, é... Vários ministros do Supremo, Hermes Lima, por exemplo. Hermes Lima foi aposentado compulsoriamente, porque o Ato Institucional dava aos generais o direito de aposentar compulsoriamente. Então nesse período não tinha, eu não tinha nem garantia... Eu podia ter sido compulsoriamente aposentado ou excluído... O Homero me salvo e o processo foi arquivado e hoje eu estou aposentado.”

Como vivemos numa democracia com direitos e garantias, que mesmo violados, podemos e devemos buscar garanti-los, não imaginamos as dificuldades passadas nos tempos outros... A liberdade!

“As pessoas de hoje tinham que saber disso pra valorizar o que tá aí, né?! Valorizar a democracia, né?! Porque com todas as falhas, com todos os erros, com tudo de ruim que há no Brasil hoje... Hoje há a liberdade, a liberdade é uma coisa de muito valor... E houve um tempo que não havia liberdade...”

O papel social da Igreja, as Comissões pelo Brasil. Os enfrentamentos, as mortes...
A contribuição das Comissões de Justiça e Paz para a democratização do país.

“A Comissão de Justiça e Paz foi uma coisa muito importante dentro do Estado, né?”
E dentro do país, que não havia só no Espírito Santo... **Havia a Comissão Nacional de Justiça e Paz e havia Comissão de Justiça e Paz em vários Estados, mas não em todos os Estados. E em alguns estados funcionou, né?! Funcionou por exemplo em Pernambuco, em São Paulo, né?! Esse movimento, desse movimento nacional que contribui pro fim da ditadura também, né?! Foi a voz assim do povo! Foi, foi muito importante tanto em nível nacional como aqui mesmo no Espírito Santo, né?! A Comissão de Justiça e Paz teve um papel extremamente importante na vida brasileira. Teve um papel muito importante na reconquista da democracia, né?! A Comissão de Justiça e Paz, vamos dizer era a face atuante da Igreja, dessa Igreja que é... Entendia que tinha que ter um papel social, papel político e não só a Igreja de sacristia, né?! A Igreja de sacristia, de rezar, essa não incomodava... Essa ficou lá... Até pode rezar a vontade, né?! O que incomodava era em nome do evangelho lutar pela justiça, né?! E em nome do evangelho dirá, dizer ao torturador ‘não te é lícito’. Pegar a Bíblia na mão e ler esse versículo pra ele... Então o que incomodava era Dom Paulo Evaristo Harnes comparecer perante o Exército e dizer ‘Vossas Excelências estão torturando e eu protesto!’ Isso era que incomodava, incomodava muito e os militares não tiveram coragem de assassinar um bispo, né?! Não tiveram coragem, mesmo Dom Hélder Câmara, não tiveram coragem de assassinar... Mas mataram o padre que era secretário do Dom Hélder. Ele foi assassinado, o padre que era secretário... Foi um recado pra Dom Hélder, né?! Como quem diz ‘Não, não assassinamos o senhor porque o senhor é famoso no mundo inteiro... A gente assassinar o senhor é uma coisa complicada, né?! Mas nós estamos assassinando o seu, o seu padre pra mostrar que nossa vontade era matar o senhor...’ E mataram... Eu conhecia muitos deles, pelas reuniões nacionais... Conheci Dom Hélder, né?! Dom Hélder era uma figura admirável... Puxa vida! Eu me lembro que quando eu visitei Dom Hélder, eu falei ‘Dom Hélder, puxa vida, o senhor passou por tanto perigo, né?! Aí ele falou, ele mostrou a cabeça, me lembro dessa cena, né?! Ele mostrou a cabeça dele, quase careca, né?! Com poucos cabelos, aí fez assim e falou ‘João Batista, tá vendo esses cabelos?! Nenhum cabelo cai da minha cabeça sem que Deus permita! Então eu não tenho medo de nada. Deus... Me proteje, né?!’ Conheci Dom Hélder, uma**

figura admirável, grandiosa, grandiosa... Tive contato com esse povo todo, né?! Que a Comissão de Justiça e Paz se ligava a essa gente toda, na verdade era uma corrente, né?! **Uma corrente nacional, então... Se comunicava ajudando uns aos outros, né?! E pra aumentar a força do movimento, né?! Todos juntos, né?! Aumenta a força, né?! A ditadura sabia que se mexesse com um tava mexendo com todos, aquele não tava sozinho... Ele tava ligado a muitos outros, então se tocasse a mão naquele os outros todos estariam solidários, né?! Então foi isso... Tá vendo o Maria José foi isso, né?! Foi isso, uma coisa, uma fase bonita da vida, né?! E a gente fica feliz de ter de ter participado de tudo isso, né?!**

A maior dor e a maior batalha contra o poder da ditadura que violenta a dignidade e a intimidade. Que violentou tantos por todo o país... Que violenta os amores e o amor de um pai para com seu filho. As ameaças que o João Batista sofreu...

“Não ter abandonado essa luta me deixa feliz... Mas o maior sofrimento pessoal que eu tive, o meu sofrimento pessoal, né?! O maior sofrimento pessoal que eu tive foi ameaça de sequestro de meu filho único, né?! Mas era... É, naquela época... Eu só tenho um filho... Que hoje é casado, inclusive me deu uma netinha, né?! Nasceu há quatro meses, né?! Esse filho na ocasião era pequeno, né?! Na verdade a ameaça não era pra fazer o sequestro, né?! Era mais a ameaça psicológica, né?! Do terror psicológico, né?! Então eu recebi ameaça psicológica... ‘Se o senhor continuar falando nós vamos sequestrar seu filho’, por telefone né?! Naquele tempo também a tecnologia não permitia saber quem... Isso tudo mudou, né?! Hoje a pessoa te telefona dá pra saber quem te telefonou... Então a ameaça era telefônica ‘**Oh Dr. Herkenhoff, o senhor tá falando demais... Se o senhor continuar o seu filho vai ser seqüestrado...**’ Aquilo foi... **Puxa vida, puxa vida! (Nesse momento paramos a entrevista, pois o entrevistado chora... E depois retorna!) Meu filho ter sido ameaçado, né?! O que o meu filho tinha a ver comigo?! Uma criança, uma criança... ‘Mas se o senhor continuar nós vamos sequestrar seu filho’... Nenhuma ameaça foi tão terrível como essa... Mas eu não abandonei a luta não, né?! Falei ‘Não, Deus não vai permitir... Deus não vai permitir, eles não tocarão no meu filho porque Deus não vai permitir’, né?! Mas na ocasião foi um sofrimento grande, o maior sofrimento que eu tive... Foi o maior peso pelo meu compromisso com a Comissão de Justiça e Paz, né?! Mas tudo isso passou, né?! O bom é que a gente pensa ‘puxa, tudo isso passou, tudo isso passou, tô aqui vivo com setenta e seis anos... Meu filho tá aí, casado, agora eu tenho uma netinha... Então tudo passou, tudo isso passou, né?!’ E aí depois de tudo passado a gente agradece a Deus ter sido fiel... Agradece a Deus não ter... Agradeço a Deus não ter fugido e ter continuado, né?! Tive cuidados... Meu filho, mudei de escola, a primeira coisa que eu fiz foi mudar de escola... Ele estudava numa escola de muro baixo, eu falei ‘não, ele tem que ir pra uma escola de muro alto’... E eu mandei pro Sacre Coeur que tinha muro... Mais defendido, a primeira coisa que eu fiz foi ele mudar de escola, né?! Estudava numa escola da Praia do Canto, não tinha muro nenhum, completamente vulnerável, né?! Falei ‘não, em vista dessa ameaça, não vou deixar o Gustavo estudar nessa escola não...’.”**

A vida que encontra caminhos e que muda as direções... A vida familiar continua e a escrita, o gosto pela escrita...

“Tudo foi pra frente... E a gente tá aí, né?! Hoje, nessa idade, graças a Deus! Minha mulher sempre do meu lado... Ela agora tá dando uma cochiladinha, dormiu mal essa noite, tá dando uma cochiladinha, né?! Mas sempre do meu lado, me apoiando, né?! E a gente então fazendo, acreditando nessas coisas, escrevendo, sempre

escrevendo, né?! Eu publiquei... Publiquei quarenta e... Quarenta e três livros, né?! (O entrevistado me presenteou com um livro, nesse momento da entrevista) Aqui tem uma lista, né?! Mas teve outro... Logo no início tem uma lista... Aqui, você vai ver aqui uma lista de livro... Vamos ver onde que tá a lista, deve tá em algum lugar... São quarenta e três, eu acho quarenta e dois ou quarenta e três agora, né?! Então sempre gostei muito de escrever, sempre, sempre, né?! E aí esses livros circulavam por aí a fora... Aí tem um fato assim pra tirar esse mal estar da lembrança do sequestro do filho... Vou lembrar de uma coisa engraçada... Eu tava dando uma palestra em Fortaleza, aí na hora que eu terminei a palestra... Aproximou-se um jovem e falou 'mas Dr. Herkenhoff que prazer eu estou tendo de apertar a sua mão, eu pensei que o senhor era morto'... (risos) Na cabeça dele, como ele via que quase tudo que era pessoa que escreveu livro era morto, né?! Ele associou na cabeça dele que quem escreve livro é um morto! Respondi 'Que morto nada camarada, vem aqui, me dá um abraço, segura minha mão, olha aqui, não sou morto não, eu tô vivo'... Eu achei muito engraçado, né?! Confundi tudo e na maior naturalidade do mundo, na maior simplicidade, né?! Quase que com inocência, né?! Mas então Maria José, é isso Maria José, eu acho que é isso ...

A ação da Comissão de Justiça e Paz eram as violações de direitos humanos... A importância da participação da sociedade civil no controle das ações do Estado...

“Nos processos que a Comissão atuava eram de tudo, de qualquer violação de direitos humanos, né?! É... Abuso contra preso... Tinha muito... E chegava através de familiares, né?! Mal trato a preso... Tortura de presos, né?! Sumiu muita gente no Estado... Muita tortura... Esses despejos coletivos, né?! E outras violências, né?! Violência contra idosos, violência contra criança, é... Enfim, desrespeito à pessoa humana, né?! Desrespeito aos seres humanos... Então tudo que era de respeito à pessoa humana, a Comissão de Justiça e Paz achava que era da sua alçada se colocar contra violações, né?! A favor daqueles que tavam sendo maltratados, perseguidos, né?! E também esse, esse campo nacional fazia com que uma comissão se solidarizasse com outra... Então se havia, por exemplo, um abuso lá em Pernambuco a Comissão daqui também tomava posição... Colaborava e mandava mensagem... Muita coisa podia até não ter muito efeito, mas é o tal negócio, né?! Valia a intenção, né?! Não sei até que ponto tinha grande importância um protesto contra a ditadura através da imprensa, né?! Uma carta a um ministro, a um relator do Presidente da República... Eu não sei até que ponto essa carta tinha, nem sei se era lida... Podia até nem ser lida, mas a intenção era falar, né?! Se rasgavam a carta, se botavam no fogo, era outra questão... O importante era pronunciar... E alguma coisa... Alguma coisa tinha efeito realmente... Eu acho que muita coisa deixou de ser feita (torturas, mortes, seqüestros...) por causa dessa participação da sociedade civil... Acho que teria havido muito mais abuso se todo mundo tivesse de mãos é... Cruzadas, né?! Acho que aí os abusos seriam maiores, não é que não... Não é que... Essa resistência não impediu os abusos, né?! Não impediu... Mas eu acho que é... Com toda certeza reduziu, reduziu os abusos...”

A interlocução e o diálogo entre os movimentos... A união que fez a força e a diferença... A comunicação e as alianças que criam o grande coletivo! E a consciência da fragilidade perante o poder militar. E a importância da história real registrada para o tempo!

“Entendíamos a Comissão de Justiça e Paz que era um movimento da Igreja, mas também um movimento social também. É claro, é movimento social e junto com outros movimentos sociais, né?! Tinham contato com os sindicatos, né?! A própria OAB tem um papel importante, né?! A OAB também falava e também protestava... Também tinha uma força... Quer dizer, a Comissão de Justiça e Paz tinha uma força pelo caráter internacional da Igreja. A mesma coisa com a OAB, né?! A OAB tem pelo mundo inteiro, né?! Então se houvesse, por exemplo, alguma violência contra a OAB no Brasil repercutia... Se bem que houve... A secretária da OAB foi assassinada. A Dona Lyda, secretária da OAB nacional, né?! Eles não tiveram coragem de assassinar o presidente da OAB, né?! Então tiveram a covardia de assassinar uma mulher, né?! Parecido com o assassinato do secretário de Dom Hélder, né?! Querendo dizer ‘Não podemos ir lá no... No que nós queremos matar, como nós não podemos matar o que nós queremos vamos matar um que seja símbolo da posição’... Então houve, houve muitos abusos mesmos, né?! **Por isso os movimentos conversavam, os sindicatos o movimento dos sem terra... Tudo dentro das possibilidades, né?! Lutava, fazia junto e comunicando. Muita comunicação, né?! Vamos dizer as forças armadas, o regime, não tinha como impedir a comunicação, como ia impedir a comunicação? Não conseguia impedir... Então havia uma intercomunicação entre os diversos movimentos, né?! De modo que... Quer dizer, o consolo da gente é esse... Não cruzamos os braços, agora fizemos muito? Não sei, fizemos o que era possível... Impedimos a tortura? Não, não impedimos a tortura, né?! Não tivemos força pra impedir a tortura, mas pelo menos a tortura não foi praticada sem protesto! Praticaram, mas houve protesto! Um trabalho muito bonito é um livro que foi publicado sobre a tortura no Brasil. Isso teve uma importância muito grande porque justamente foi a forma de registrar... Deixa eu ver se eu tenho esse livro aqui... O ‘Brasil nunca mais’ com o prefácio de Dom Paulo Evaristo Arns. Um relato para a história, né?! E aqui se narra justamente a prática da tortura no Brasil, quer dizer, isso daqui é importante, por quê? Porque de uma maneira foi registrado. Mas isso já foi publicado depois, assim, depois assim... Do fim da ditadura mesmo, foi 1985, em que a coisa não tava tão... Vê a importância de um livro como esse?! Aqui são os relatos da tortura, a história da tortura...”**

O simbolismo, o terror, mas principalmente o descarte da vida humana...

“Dom Paulo figura admirável... Puxa vida! Dom Paulo tomou posições muito, muito firmes, né?! Enfrentou os militares, enfrentou a ditadura. Com o poder que ele tinha que era o poder moral, ele não tinha arma, mas tinha poder moral... Ele quando foi assassinado o operário Manoel... **Foram assassinatos muito brutais em São Paulo...** Ah sim, o operário Manoel Fiel, né?! Depois foi assassinado o jornalista Vladimir Herzog. **Foram assim assassinatos simbólicos, né?! Que quando assassinaram o Manoel, o operário, não lembro o nome dele... O recado era esse ‘vocês viram que os sindicatos estão por aí, fazendo baderna’ Chamava-se baderna as greves, enfim, ‘líderes sindicais estão fazendo baderna por aí, fazendo greve, a gente assassina esse daqui e dá recado pra todos os outros, né?! Qualquer um pode ser assassinado...’ Quando assassinaram Vladimir Herzog foi um recado pra tudo quanto era jornalista que tava furando a censura, né?! ‘Qualquer um pode ser assassinado, Vladimir Herzog foi assassinado, qualquer um pode ser assassinado...’ Quer dizer é esse tipo de coisa... Era um jogo psicológico. Não podiam fazer contra todos, mas faziam contra alguns, né?! Eles trabalhavam em cima da... Temorização!”**

A Comissão de Justiça e Paz e os abusos da polícia e do Estado ditatorial... A degradação do ser humano ao nada!

Eram muitos posicionamentos contra os abusos policiais, contra os abusos é... No encarceramento havia, por exemplo, eu me lembro dum um caso que era cela ratinho... A cela ratinho era uma cela de castigo, né?! Era uma cela pequena em que o que o preso tinha que ficar igual um ratinho... Por isso que chamava cela ratinho. **O que o preso tinha que ficar tão apertado que era como se fosse... Não era, não era um ser humano, né?! Foi, em grande parte, foi graças ao protesto da OAB e da Comissão de Justiça e Paz que acabou a cela ratinho... Acabou, né?! Mas a cela ratinho era isso, era uma punição para o preso. Quer dizer aquele preso que não se conformava com o regime, queria protestar, protestar contra o... Contra a comida estragada e protestar contra falta de comida... Essas coisas todas, né?! Era posto na cela ratinho. **Agora essas coisas todas você não pode chegar e culpar uma pessoa, não foi uma pessoa que foi culpada não... Foi um ambiente, o ambiente político da época. Culpada é a ditadura, então não é uma pessoa que é culpada. Não é fulano de tal que é culpado, né?! Não! É todo aquele contexto, era um contexto de abuso...****

A importância da Comissão Nacional da Verdade⁶⁸, os mortos e desaparecidos, o Patriotismo e a luta contra o comunismo. A democracia!

“É importantíssima, importantíssima, a Comissão da Verdade. Eu escrevi fazendo a defesa da Comissão da Verdade publiquei um artigo na Gazeta, né?! A favor da Comissão da Verdade é importantíssima porque é o tal negócio, né?! Não vai punir os que praticaram abuso não, não é isso não, mas pelo menos vamos dizer... Quem foi morto na ditadura saber como foi morto... Que alguns não se sabe nem onde tá o corpo, pelo menos saber onde estão os corpos, né?! Pelo menos vamos dizer a viúva tem o direito de saber, não... Aqui tá o corpo do marido morto. Aqui tá o meu filho morto. Pelo menos esse consolo de ter ali o corpo pra poder rezar, se a pessoa tem fé, né?! Vai rezar por aquela pessoa, então eu acho que pelo menos isso tem... Pelo menos isso tem que haver... Pelo menos achar o corpo, tem muitos corpos é... Que não se sabe onde estão, muitos corpos foram enterrados clandestinamente... Não se sabe onde a pessoa ficou... **Agora os próprios militares que participaram disso, eu acho que a culpa de cada um é muito relativa, acho que é mais do ambiente que foi criado... Porque o militar, o major, o capitão que fazia parte disso ele... Criou-se uma ideia, ele achava que tava salvando o Brasil. Ele era o patriota, ele tava livrando o Brasil do comunismo! Então na cabeça dele, havia uma lavagem cerebral... Os militares eras submetidos a uma lavagem cerebral... Por fim, ele torturava por patriotismo. Por um bem maior que era a Pátria! Então vamos dizer, ele é culpado? Não, a culpa é da ditadura... Por isso a importância da democracia, né?!”**

A parada para o café e o papo com a esposa do entrevistado também... O Reage Espírito Santo⁶⁹ enquanto movimento de denúncia às mortes e ao crime organizado institucionalizado dentro dos poderes do Estado.

“Ah, foi importante também, foi mais recente. Tudo isso é fruto de certa maneira de tempos pretéritos. Só pode, só pode haver isto, porque houve um passado. Eu apoiei, mas não integrei o comando não. Eu já tava mais idoso também, né?! Eu falei com você eu tenho setenta e seis hoje. E até hoje o que eu posso fazer, mas eu faço.

⁶⁸ <http://www.cnv.gov.br/index.php/institucional-acesso-informacao/a-cnv>

⁶⁹ Movimento no ES de denúncias e combate ao crime organizado estatal. Com repercussão internacional.

Quer dizer eu escrevo né?! Hoje o que eu posso fazer é escrever... O tempo todo eu estou escrevendo...”

A importância da experiência vivida e contada... A experiência do coletivo... A certeza da escolha pela luta dos direitos humanos, pela democracia e uma vida vivida pela fraternidade. Por fim o reconhecimento.

“Acho que foi muito bom, porque... Eu acho que eu fiz... Eu sozinho não, eu e meus companheiros! Eu acho que nós realizamos um trabalho importante, né?! Porque se nós não tivéssemos realizado seria o quê!? Seria o silêncio hoje no Espírito Santo? Não estivemos sozinhos não. Porque era um grupo e outra coisa, não era só a Comissão de Paz, a OAB também estava ali, né?! Os sindicatos, os movimentos sociais daquela época. Que teve presente e sempre houve o, vamos dizer, nunca fui sozinho, né?! Mas tenho a consciência que tava ajudando, né?! A gente tá trabalhando, quanto mais gente tiver junto melhor... Ninguém tá querendo aí ter a liderança ou ser aprovado principal, não... Todo mundo tá ajudando. E eu faria tudo de novo, tudo de novo, faria tudo de novo, sem dúvida, né?! Agora na... Por ocasião da Conferência Internacional de Direitos Humanos⁷⁰ que vai ter em Vitória. Em 15.08.2012 vou ser inclusive... To feliz de ser homenageado, não por vaidade... É porque é um consolo, um reconhecimento... É um consolo a gente saber que puxa vida eu sofri, né?! Mas agora to sentindo o reverso da medalha, o Brasil democratizado, né?! Esse Brasil democratizado é a testemunha que meu sofrimento não foi em vão! Então Maria José é isso... A gente fica feliz de ter participado, junto com outros... Nunca sozinho. E nada, nada é sozinho... A própria Comissão de Justiça e Paz é um grupo, né?! A questão do grupo aumenta muito o poder, pois qualquer coisa tem que fazer contra todos. Não adianta fazer com um só, tem um mas tem outro, tem outro, ... E a posição dos bispos no caso da Comissão de Justiça e Paz foi fundamental, né?! Dom João Batista da Mota e Albuquerque e Dom João ... Fernandez apoiaram... E o apoio deles era muito importante. Seria muito difícil um trabalho desse sem o apoio dos bispos, né?! A ditadura tem certo medo de mexer com os bispos... O povo, a sabedoria popular fala que não se mexe com ninguém de saia (risos), nem com mulher, nem com bispo (riso)... É, que é perigoso, é perigoso mexer com quem tem saia, né?! (risos)... Por fim eu gostaria de realçar que eu não estive sozinho em nada disso... Tudo isso foi o trabalho de um grupo. A Comissão de Justiça e Paz foi um grupo, foi um grupo de cidadãos, né?! De cristãos... Gostaria de realçar que foi muito importante o apoio dos bispos... E acho que foi tudo foi muito importante... E... **Teve uma importância na história, na verdade a democracia não foi dada... A democracia foi conquistada, né?! A anistia foi conquistada, não foi dada, nada disso foi dado... Eu tenho a alegria de ter lutado pela anistia, eu lutei pela anistia. A Comissão de Justiça e Paz lutou pela anistia, né?!** Eu não pensei em sair do país não, eu acho que uma coisa que me deu muita força foi a fé, né?! A crença num poder do alto, a crença em Deus... A fé me sustentou, a certeza de que eu não estava sozinho, né?! Então, é ... A gente fez o que a consciência mandou, né?! Só fiz coisa certa? Não, também devo ter cometido erros, a gente comete, né?! A gente é humano, então, tudo o que a gente faz é certo? Não, nem tudo é certo, mas sempre com boa. Agora, de repente podia ter alguma coisa podia ser feita de outra forma com mais, com mais competência, com mais técnica?! Mas sem dúvida não podia ter acontecido, isso em qualquer movimento social pode haver erro, né?! Pode haver falha de planejamento... **Mas acho que uma coisa é certa, com boa intenção sempre. Com reta intenção. Aprendi desde criança, minha mãe falava muito... Eu me lembro dessa expressão que eu ouvi dela, a reta intenção. É o coração puro! A reta intenção é esse desejo inflexível de acertar!** “

⁷⁰ Evento que foi realizado pela Faculdade De Direito de Vitória – FDV.

c) Iriny Lopes:

Inicia falando de mim, dos meus folheados e do meu estilo de vestir e usar roupas... E os primeiros passos contados, como iniciou a militância, a aproximação com os movimentos de resistência à Ditadura.

“Olhando assim, cheia dos ouros... É o seu estilo, né?! Respondo: É, mas é tudo folheado... Ela indaga: Eu sei, mas é bonito, assim, combina com você mais... Eu gosto, eu gosto dessa coisa assim... Pra você fica bem... Pra mim já não ficaria bem... E então ela inicia: Que você quer saber? Eu fui militante há tempo demais, há muitos anos, muitos anos, muitos anos, muitas décadas... Na década de setenta eu comecei minha militância... Movimento popular, depois a posição no PT, movimento popular é muito vasto assim, né?! Nós tivemos aqui, nós tivemos uma luta profunda... Eu era moradora de Paul⁷¹ e nós criamos a Associação de Moradores de Paul pra brigar contra o minério. O pó de minério da Vale do Rio Doce, que nosso bairro era um bairro triste, feio, escuro, aí... Assim, aí de afetar profundamente a saúde das pessoas, é... Muitas, muitas doenças pulmonares era... Ele deixava aquele pó deixava o nosso bairro muito triste, muito feio, era um bairro escuro, né?! Assim, é... Ele não tinha cor, não tinha cor, impressionante, era tudo aquela fuligem, aquilo grudava, grudava, grudava... Então a terra não tinha cor de terra, as casas não tinham cor de casa, era tudo... As árvores não eram verdes, elas tinham uma cor que era uma mistura daquela fuligem com o verde das folhas e ta... Aquilo foi, eu acho que ali foi uma militância mais organizada da minha parte, eram outros... Já tinha, tinha tido um relação com o movimento revolucionário Oito de Outubro, MR8, é... E depois fui pro movimento popular... Lá em Minas, em Minas. Aí cheguei aqui e fui pro movimento popular.”

As diversas facetas da militância... Discussão do desenvolvimento da Grande Vitória, o saneamento básico e as mulheres de todo o Brasil... Os caminhos que levam aos direitos humanos. O sentido de ser militante e de entrega; o legado a ser deixado é a militância.

“Depois teve a luta contra a carestia, depois a luta pela água, depois a luta contra o desemprego... Então assim, a minha militância foi... A luta de transporte, eu fiz parte Condevit que era o Conselho de Desenvolvimento da Grande Vitória, que era um embrião de... Organismo governamental é... Com participação popular no governo do Max Mauro que discutia, era pra discutir toda a política de desenvolvimento da Grande Vitória, mas a rigor discutiu mais a questão do transporte. É... Tinha um problema crônico de água, então assim teve uma movimentação das donas de casa do Brasil inteiro... Por água, por água tratada, encanada. E depois veio o movimento dos mutuários; então assim, teve um movimento cultural que eu fiz parte dele, fui uma ativista muito assídua e presente no movimento das Diretas Já. No CBA, né?! Eu fui militante do CBA que era o Comitê Brasileiro da Anistia. A minha militância vem de muito tempo e de muitos temas. São muitos temas diferentes, né?! Não exclusivamente a participação na vida partidária, a quem eu dediquei nos últimos anos um pedaço muito grande da minha vida, mas passei por diversos movimentos sociais é... As vezes como dirigente, as vezes como apoiadora, é... Então assim,

⁷¹ Bairro do município de Vila Velha/ES.

nunca fiquei fixa só num, só num tema ou num debate de uma vertente exclusiva. Isso facilitou minha, minha militância nos direitos humanos porque direitos humanos é a soma de todos, né?! Então assim, direitos humanos é uma coisa muito ampla, é o direito à vida. O que é a vida? É a vida saúde, é a vida educação, é a vida qualidade de vida, é a vida ambiental é a, vida, onde morar, é a água... Então assim, isso facilitou muito a minha, isso facilitou muito a minha militância no Movimento de Direitos Humanos pela multiplicidade de movimentos pelos quais eu já havia militado antes... E acho inclusive que o Movimento de Direitos Humanos é um, é herdeiro de todas as lutas! O Everton Montenegro que falava que é... A luta pelos direitos humanos e contra o crime organizado era a mãe de todas as lutas, né?! Era a articuladora de todas as lutas, então, minha militância é de longa data, é muito... Desde quando eu era bastante jovem, coisa que já tem bastante tempo, inclusive... (risos). **Uma militante há muitos anos. Sei o que é ser militante, ter a entrega, entendeu?! Disposição de luta, sabedoria pra não abrir mão da luta; mas saber fazer as mediações quando é necessário. Fazer a luta até a última gota do sangue quando é necessário também! Eu não sei o que é, compreender as mudanças, né?! Porque nosso... Tudo é mutante, inclusive as lutas, elas acompanham as mudanças todas que vão ocorrendo... Então, ser militante é uma coisa muito importante! É muitas vezes é o que a gente pode deixar de legado pro mundo, né?! De contribuição, pras novas gerações, eu nasci... Militante.”**

As marcações e momentos de recordações da vida da militante... A esperança da luta e da mudança da sociedade. A modificação da sociedade brasileira pelo Partido dos Trabalhadores...

“E ao longo da minha trajetória de militante, muitos momentos marcaram... **Assim, um momento lindo, maravilhoso, foi a fundação do Partido dos Trabalhadores. A sua constituição, os seus primeiros quinze anos de vida... Foram momentos assim indescritíveis, só quem viveu é que sabe. Por mais que a gente possa falar... Mas era uma esperança muito grande, era uma expectativa muito grande e era um momento de doação profunda... De homens e mulheres, jovens, velhos, brancos, negros, amarelos, né?! Que viam naquela ferramenta uma possibilidade de mudança, como a história confirmou, né?! Como a história confirmou que o PT veio pra fazer mudanças, de comportamento, de postura, mudanças na economia e tal, então foi um momento forte.”**

Os momentos marcantes no movimento de moradia e a ditadura... A democratização do espaço urbano, da cidade e da vida!

“Teve um momento forte também na luta pela moradia, mutuário, né?! Onde a gente enfrentou o governo da ditadura militar... Pelo direito de morar e repentinamente aquele virou um movimento nacional... E assim, acho que a cidade, é... O estatuto da cidade... A reforma urbana é fruto da luta dos mutuários e da luta pela moradia. **Precisa discutir a cidade como um espaço democrático de convivência e de crescimento da pessoa humana. Um espaço, um espaço público e privado ao mesmo tempo, que tem que saber conviver pra garantir a democracia para que as pessoas possam viver de uma maneira democrática. Esse movimento que teve um papel fundamental na Constituinte. Todo um capítulo da Constituinte de 88, tá baseado nessa luta, sabe... E aqui no estado do Espírito Santo assim essa foi uma luta; essas, a fundação do PT e a sua constituição e a luta pela moradia, luta dos mutuários; foi uma luta que foi muito forte aqui... E com uma**

forte vinculação nacional também, mas eu diria que nós ficamos um pouco sozinhos é...”

O crime organizado e a militância de mãos dadas com as igrejas... A visão dos direitos humanos nos primórdios da ditadura e sua evolução no tempo.

“Quando a luta dos direitos humanos foi crescendo no Espírito Santo e nós chegamos ao momento de ter que enfrentar é... O crime organizado de uma maneira organizada também com muitas... **Amigos, as centenas de mãos e durante um longo período na história do nosso do nosso Estado, né?! Porque no Espírito Santo, assim, a militância de esquerda e em particular a militância ligada às igrejas é... A Igreja Luterana, a igreja é... Metodista, é... A Igreja Católica; são a origem dos direitos humanos. E é muito forte quem tinha participação, né?! É... O pessoal das comunidades eclesiais de base também foram muito importante num determinado momento da reconstrução da democracia no Brasil, é...** Uma parte considerável deles passaram a se dedicar a luta por direitos humanos... **E direitos humanos muito compreendido por parte da própria militância no início, que focava muito na questão dos direitos civis, né?! Como políticos... É... Muito focado nisso porque era o que o país também tinha... E era vertente, nós estávamos muito impregnados da ideia de acabar com a ditadura militar e tal. Depois a própria militância dos Direitos Humanos foi, foi se despindo, né?! Dessa visão e foi ampliando mais os horizontes...** Então, teve aqui no Espírito Santo uma luta fantástica, que o Pedro Bussinger⁷² foi uma pessoa que teve um papel muito importante, ele e a Vanda Valadão⁷³... Que foi o trabalho com, a luta contra o trabalho escravo dos meninos carvoeiros no norte do Espírito Santo. Crianças que trabalham trabalhavam nas carvoarias é... Na década de setenta, início da década de oitenta isso era forte aqui e essas crianças morriam muito cedo. O trabalho era inegavelmente um trabalho escravo, depois, né?!”

A luta pela terra, pelos direitos ambientais e econômicos... As comunidades tradicionais e os indígenas; a luta pela vida dos “meninos de rua” com a Comissão Parlamentar de Inquérito. E então a luta pelo fim do “crime organizado no Estado do Espírito Santo”. A campanha contra impunidade lançada pelo Movimento Nacional de Direitos Humanos pela inércia do judiciário estadual.

“Veio um pouco à luta, a questão da luta pela terra, pelos direitos ambientais e pelos direitos econômicos muito marcado na luta pela terra e na luta ambiental... No início da luta ambiental, na defesa dos direitos dos índios... Depois foi crescendo, e foi aparecendo essa coisa de... Menino de rua passou a ser um... Um movimento, uma luta, aqui nós tivemos um momento muito forte que foi a CPI é... Uma CPI que teve contra o extermínio de menores. Onde o Perly foi o deputado, foi um deputado dessa CPI e a morte do Jean que era um menino de rua, foi... E que foi um líder, né?! Ele que foi uma pessoa importantíssima, que passou muitas informações importantes para nós... E o movimento de direitos humanos ainda nascendo aqui no Estado. Descortinou muito do crime organizado a partir daquela criança indefesa ali que acabou sendo assassinada, que era o Jean. **Então assim, as coisas começaram a progredir pra uma luta maior assim... E pensar que os direitos tavam ameaçados pela máfia instalada nos... Em diversos governos municipais e no**

⁷² Militante de direitos humanos do Estado do Espírito Santo. Casado com Vanda Valadão.

⁷³ Militante de direitos humanos do Estado do Espírito Santo. Casada com Pedro Bussinger.

governo... Nos sucessivos governos estaduais. Muito presente na Assembléia Legislativa e no Tribunal de Justiça, no Judiciário... E foi assim que, eu acho que, no início dos anos noventa, do início dos anos noventa até... É que foi ficando mais acirrada e mais presente essa necessidade de focar a luta dos direitos humanos e a luta contra o crime organizado aqui. As pessoas acham que foi uma luta contra o Gratz⁷⁴, mas era algo muito maior do que isso. Não tinha uma pessoa, né?! Nós fomos entendendo o funcionamento do mecanismo das polícias, do Ministério Público, do quanto que tinha de proteção a interesses empresariais, é... Que se misturavam com interesses de quadrilhas e do quanto tinha infiltrado na estrutura governamental e no Estado a presença do crime organizado. Então assim, o Gratz foi uma farsa. Mas ele era ínfimo diante da enormidade das diversas quadrilhas incrustadas no aparelho do Estado e a partir dali fazendo as interligações com as quadrilhas que atuavam fora do Estado. Então assim, depois da morte do Jean tiveram, ocorreram muitas mortes no Estado, né?! Maria Nilce⁷⁵, os nossos companheiros Léo, o João Francisco, o Chico, Chico Ramos, né?! Lá em... E depois Verino Sossai, tudo isso ligado à luta pela terra e pelos direitos humanos. Mas localizado como foi em Linhares... E aí, assim, era um... Era afrontoso a inércia da justiça em punir os responsáveis pelos crimes. Então em 1994 o Movimento Nacional dos Direitos Humanos lançou aqui no Estado do Espírito Santo a campanha contra a impunidade e essa campanha ela estimulou a gente lutar pela... Nós chegamos a um momento é... Ridículo... De ter milhares de processos de homicídio parados no Estado do Espírito Santo. Parados, esperando caducar, esperando dar um tempo... E processos que perdiam prazos deliberadamente para que eles fossem arquivados. E assim muitas operações que começaram a ocorrer aqui da Polícia Federal, em especial muitas operações importantes... Uma parte do Estado começou a dialogar com uma parte da sociedade. Então assim, eu acho que o movimento, o CDDH⁷⁶ da Serra foi um marco nisso tudo, porque ali não lutava só contra os homicídios e tal... Começava a identificar o que era homicídio contra criança... O que era homicídio contra mulher... O que era homicídio de agentes do Estado que estavam tentando fazer um bom trabalho e fazer valer os direitos das pessoas... “Os homicídios dos jovens e o quanto que isso tava ligado a benefícios de determinados setores, e a omissão do Estado.”

A junção de todos os movimentos pela democracia e o entendimento do problema “crime organizado” com as *benesses* da elite capixaba. O coletivo e as pessoas que integraram as lutas que nem se imagina, e contribuíram para a mudança. O sonho e o desejo de um futuro melhor!

“Então, é a partir disso, veio o movimento Campo Cidade que juntava a luta pela terra... E aí era reforma urbana, reforma agrária, a luta pela vida e, assim, esse movimento o movimento aqui no estado passou a ser uma referência mesmo porque muitas pessoas dedicadas, destemidas, honradas passaram a secundarizar tudo na sua vida pra ver se o Estado do Espírito Santo virava um

⁷⁴ José Carlos Gratz – Presidente da Assembléia Legislativa do Estado do Espírito Santo 1999-2002, condenado a 25 anos e 6 meses de reclusão por crimes contra à administração pública, ordenação de despesas não autorizadas por lei, peculato, lavagem de dinheiro na 8ª Vara Criminal da Comarca de Vitória.

⁷⁵ Colunista de jornal de circulação do ES, que ameaçou delatar os mandantes do tráfico de drogas e crime organizado, assassinada em 05.07.1989 na porta da academia acompanhada de sua filha. Execução mandada pelo conhecido “Sindicato do Crime”, policiais, servidores dos poderes judiciário, legislativo e executivo. Ainda com tramite na justiça criminal.

⁷⁶ Centro de Defesa dos Direitos Humanos – Serra/ES.

Estado de Direito, né?! Onde a democracia pudesse efetivamente chegar, onde as pessoas pudessem falar sem morrer, onde a Assembleia pudesse funcionar, as Câmaras de Vereadores pudessem funcionar, onde as Prefeituras pudessem fazer investimentos para melhoria das condições de vida das pessoas e não só a proteção dos interesses de todos eles... E foi assim que o movimento ganhou um corpo grande aqui... E veio fazendo denúncias... Mas, eu falo nós, mas não são só as pessoas que eram militantes orgânicas do movimento... Esse nós é muito grande porque tinha gente que tava dentro das igrejas é... Que denunciavam as barbaridades que ocorriam, né?! O desvio de dinheiro, a omissão do Estado seja no Executivo, Legislativo ou Judiciário. E... As condições sub-humanas das masmorras capixabas, o tratamento, o empobrecimento cada vez maior da juventude e como que ela tava exposta, sem proteção, né?! Assim, sem proteção mesmo e daí hoje nós sermos o segundo Estado em morte de jovens é é uma herança disso tudo que acontece à décadas no Estado do Espírito Santo, isso não é um fenômeno que começou agora, né?! Nós temos um Estado propício geograficamente ao tráfico de drogas, né?! Que é porta de saída pra principal, pras principais cidades do Brasil... E tá efetivamente aberto ao mundo através dos seus portos, né?! Então assim é... São milhares, são centenas, são centenas de mãos... É gente que tava na OAB, é gente que tava nas igrejas, é gente que tava nas escolas, é gente que tava na luta sindical, é gente que tava na luta do campo, na luta das mulheres, né?! Que..."

O Fórum Reage Espírito Santo... As conquistas e as CPI's. E a ridicularização dos movimentos sociais, maquiavelicamente a armadilha da elite brasileira para desmoralizar, desqualificar, desestruturar a luta pelos direitos humanos...

"O movimento foi crescendo e focando mesmo... Então assim, quando nós chegamos ao Fórum Reage Espírito Santo é porque nós já tínhamos passado mais de uma década falando... Pregando como João Batista, pregando no deserto. Pregando solenemente no deserto, por que... As pessoas riam de nós quando a gente falava que tinha crime organizado, riam de todos nós, e o Everton chegou a... O Everton chegou praticamente a ser banido, sabe assim?! As pessoas falavam que ele tava maluco é... Que ele não falava coisa com coisa assim, então... É... Nos ridicularizavam, nos chamavam de esquerdinha... Outros chamavam de irresponsáveis, que estávamos jogando lama é... Fazendo piqueniques na honra alheia... Essas pessoas que usam esses jargões assim e que querem sempre se esconder e se proteger atrás desses jargões. Nós fomos insistentes, nós fomos insistentes e daí saiu o Fórum Reage Espírito Santo. No momento em que não dava, não tinha mais condição do Espírito Santo ficar inerte ao que se passava aqui, né?! Um nível de violência altíssimo, uma violência dirigida, chacinas e mais chacinas, né?! Homicídio atrás de homicídio, execução atrás de execução, então é... Nós fomos... Nós fomos, quando uma parcela do Estado se aliou com uma parcela da sociedade as coisas começaram a acontecer de uma maneira diferente. Então assim, também muito por esforço de algumas pessoas como o Alexandre Martins, como o Ronaldo Albo, né?! Como o Alexandre Espinosa, como o próprio Henrique Herkenhoff que foram assumindo seu papel, né?! O Ministério Público Federal como assim meio intermediário entre a sociedade e o Estado mas é... Mas de qualquer forma é... Cumpriu um papel de aposentar bons policiais e a sociedade assim começou a acreditar muito na gente. Então assim, na porta da minha casa sempre amanhecia um envelope denunciando alguma coisa. Chegava de maneira assim, de maneira é... Anônima, documentos, informações, e coincidiu com... A CPI, a CPI do narcotráfico é... Que acabou sendo um desaguador de muitas informações e nós conseguimos, conseguimos trazer a CPI ao Espírito Santo contra tudo e contra todos, é... A CPI da carga roubada que... Ainda tem

muitas coisas que ficaram no seu relatório e que não tiveram prosseguimento. Então gente que gosta de falar que os outros que fazem piquenique na honra alheia, ainda tá preservado aí... Sassaricando um pouco pra lá e prá cá, mas acho que um dia as coisas irão pro seu lugar é... E esse Fórum foi, assim, chamando as pessoas a recobrar a dignidade, sabe?! A levantar a cabeça, a sonhar com um futuro de... Um pouco mais de liberdade, né?! Uma política um pouco mais limpa, então assim foi um momento muito forte... Embora fosse um momento contraditório, ele era um momento de conquista, mas era também um momento de muito, de muita opressão, né?! É... Muitas, muitas pessoas sob ameaça de morte... Muitas pessoas com proteção policial, é... Muitas pessoas que precisavam daquela proteção policial mais até do que nós que tínhamos... A gente temia por elas, eram pessoas que moravam em bairros periféricos, onde uma emboscada era muito fácil de ser feita e tal... Mas de uma certa forma isso mostrou pro povo capixaba, essa movimentação toda, mostrou que é possível ter um Estado é... Sob controle, né?! E eu acho que nós tivemos um momento importante...”

A permanência do crime organizado no Estado. A transformação do poder opressor e a transformação da luta, dentro da própria luta... A indissociabilidade de cada direito humanos e como é sua luta nos dias atuais...

“Embora hoje eu acho que se o... O crime organizado tá muito forte no Estado, mas ele atua de outra maneira... Então assim, os movimentos sociais e a sociedade de maneira geral vão demorar a perceber essa nova forma de funcionamento, porque você tem que escolher sua pasta de luta de acordo com o adversário que você tem. E aí ficou parecendo, vendeu-se a falsa imagem, em especial nos dois governos do Paulo Hartung de que é... Nós viramos a página... Enquanto o Governo dele tava imerso em corrupção e os níveis de violência não baixaram... Teve uma mudança de tática, mas o fato da gente... Pois nunca haverá, nunca haverá a sociedade perfeita, nem o Governo perfeito... Aquele que mantém a dignidade das pessoas e garante a efetivação dos direitos é... É a luta permanente na intensidade que o momento em que você está requer... Há momentos mais agudos, outros menos, mas a luta é permanente e ela vai se reciclando dentro dela mesma, né?! Então eu acho que isso foi um momento importante e acho que isso, novos momentos virão mais a frente; porque as demandas agora são de outra... São de outra natureza, né?! É vital o enfrentamento às drogas pra gente ter liberdade; é vital que a gente altere a Corregedoria e a Ouvidoria das polícias; são indispensáveis pra um processo democrático.. Então assim, já se caminhou um pouco, mas ainda estamos muito longe do que é necessário, né?! A independência mesmo de... A independência total do Ministério Público, e um Ministério Público menos partidariado. Politizado no sentido de acompanhar o desenvolvimento social e econômico. Eu acho que é vital um Judiciário é com mais fiscalização da sociedade, né?! É controle popular um pouco maior, é... Então assim, uma imprensa menos partidariada onde os direitos das pessoas possam é... Ter efetivamente o direito à informação, né?! Sem amarras e sem direcionamento. Então assim, isso que é lutar hoje pelos direitos humanos, né?! Dessa forma geral e irrestrita já que eles são indissociáveis e múltiplos, né?! Então quando nós tivermos governos que compreendam os isso e sociedades que compreendam isso também; nós teremos uma chance maior de ter um pouco mais de equilíbrio, um pouco mais de felicidade e um pouco mais de presença do Estado garantindo os direitos. Se essa subversão de direitos prevalecer por muito tempo, logo teremos momentos mais agudos de uma maneira vamos dizer mais universais e não mais localizadas como... Esse é um momento de lutas mais localizadas, né?! E eu acho que nós vamos caminhar pra um outro momento de questões mais universalizadas que estão mais articulada em

diversos setores, né?! Então assim, não estamos mais naquele momento de achar que o militante de direitos humanos é militante de defesa de... Que cuida de bandido, essa coisa já extravasou, eu acho que já ultrapassamos esse limite... E o que eu acho interessante é que o Espírito Santo é sempre uma referência. As coisas sempre começam por aqui... É, é, isso é uma característica do Estado, né?! Muitas coisas começam, começam por aqui. Então assim, eu sempre tenho uma expectativa muito grande na luta social do nosso Estado, né?!"

A vida dedicada à militância... A desarticulação das lutas e do tempo. A mudança de olhar para com a luta dos direitos humanos em comparação com os anos vividos antes. A vanguarda na luta do povo capixaba pelos direitos e garantias.

“Eu tenho uma vida quase toda dedicada a isso [militância em movimentos sociais], então assim, tem momentos que eu me desespero; porque eu acho que as coisas estão desarticuladas, tem horas que eu olho ao redor e falo “mas o mundo todo tá indo pra direita e porque que eu vou cobrar que aqui as coisas estejam em outro, em outro patamar”. Nós vivemos num país que... Diferentemente da maioria é um país que constrói perspectivas, tem um legado brutal de desigualdades e de violência e de misérias e... Mas eu acho que militância de direitos humanos ganha um novo, um novo perfil, no Estado e no Brasil. Eu acho que avança porque ganha mais musculatura, tem mais repercussão... É menos marginalizado do que quando nós ousamos começar esse *negócio* aqui no Estado e no Brasil. É, é uma contradição, os nossos números são altíssimos; talvez por isso a gente seja vanguarda... Porque eu acho que nós estamos, eu acho que é... O momento da luta, a gente ainda não conseguiu virar. Porque eu acho que nós ainda acreditamos no paraíso e nos preparamos assim.”

Os sonhos da geração forjada nos rigores da ditadura brasileira. Avaliação histórica da militância, da chegada aos poderes; principalmente ao executivo. Aprender a fazer política pública e mudança de cultura burocrática. A perspectiva do futuro e dos caminhos ainda a caminhar; o enxergar da experiência...

“A minha geração, a gente confiou muito assim e vendeu também essa ideia de que é... Quando chegássemos aos governos era quase que a mesma coisa que os bolcheviques acharam que ia acontecer [a revolução estrutural da máquina estatal]... Então assim, eu acho que o patamar da luta é esse, é a mesma coisa que... Que muita gente que não se preparou pra mudança... (interferência barulho de telefone tocando)... Então, assim, é... (não aguento esse... da A Gazeta⁷⁷... Bom, eu não quero falar com a imprensa, eu não tenho nada pra falar com a imprensa) Então assim... é... A gente ficou confiante de que... Assim, não compreender que a mudança de correlação de forças na sociedade... A gente ascendeu aos governos, mas nós não chegamos nem a arranhar o poder ainda... O patamar da nossa luta agora eu acho que é assim... É ter uma... É ter uma coisa que parece, é um paradoxo. Contudo ele não pode deixar de existir, ao mesmo tempo que a gente recupera a crença na denúncia, que nós nos focamos muito em política pública durante bastante tempo... Mas sem perder a perspectiva da política pública, entendeu?! Então assim, não é nem só denunciar como a gente fez um tempo atrás, nem só fazer política pública como a gente faz... Cobrar a política pública como a

⁷⁷ Afiliada da Rede Globo no Estado do Espírito Santo.

gente fez assim, tem que recuperar um pouco a capacidade da indignação, né?! E uma indignação forte, sabe assim, é... Pra que a gente possa fazer um pouco da síntese... Fazer os governos avançarem e a sociedade também avançar... Pois também corre o risco de ficar uma coisa muito paternalista também, entendeu?! Seria dar repostas pra coisas que não somos nós que temos que dar respostas... E aí que eu acho que o Espírito Santo de novo vai tomar iniciativas primeiro que todo mundo. Os nossos números são altos... Não dá pra conviver com eles, homicídio de mulheres, crianças e jovens é... Uma riqueza grande e uma pobreza grande também, né?! Em termos... Eu acho que vai ter uma reviravolta, porque é... Os setores dos diversos movimentos começam a compreender a necessidade de ter uma... Uma trajetória de outra vez entrelaçamento... Então assim, porque foi isso que nos fez vencer uma etapa... Então era cada movimento consigo próprio, depois espaços onde fazia sinergia, depois... E nesse momento de novo movimentos consigo próprios... Então eu acho que vai caminhar novamente para... Tem sinais disso; porque vai, vai dando um esgotamento também de caminhos próprios, né?! Movimento de menino de rua, movimento de não sei o que, movimento de mulheres, movimento de mulheres negras, movimento de... E, e, permeia todos eles... Que são todos direitos humanos, permeia todos eles uma série de características convergentes porque os seus agressores e os seus violadores são os mesmos, então é... Acho que temos a chance de viver um novo momento. Vejo, da minha experiência, experiência de vida... Eu percebo isso, eu percebo que há sinais, há sinais de esgotamento desse modelo... A retomada de um outro, e não tem muito, não tem muito o que inventar, a roda... Os movimentos acontecem ao longo da história e assim nós, assim nós caminhamos para as conquistas que... É... Eu não sou pessimista, eu não sou pessimista, não acho que nós vamos afundar. Acho que nós estamos atravessando um momento histórico, por ser momento histórico... Na minha vidinha individual parece uma coisa intransponível, mas do ponto de vista da história; tem como transpor, porque isso já foi feito em outros momentos. Então assim, eu vejo que há sinais, eu vejo que... O próprio fato de não ser rechaçado mais direitos humanos é um sinal assim... Não com a violência que era antes, eu não to querendo dizer que... As pessoas compreenderam tudo, abraçaram tudo...”

A emancipação dos movimentos de direitos humanos pelo país. A institucionalização das políticas afirmativas de direitos humanos – organismos estatais... A consciência do caminho conhecido a percorrer. Os direitos que se renovam com a evolução e a permanência da luta...

“Não sou... É, não sou... *Poliana*, né?! É... Mas não é a mesma coisa que há quinze anos atrás. A gente saiu da margem, a gente saiu... A gente hoje tem voz, a gente tem destaque, a gente tem organismos nacionais e internacionais com quem se comunicar, entendeu?! Há quinze anos atrás, vinte anos atrás nós tínhamos... Anistia Internacional, ponto. Algumas coisas através da Igreja Católica em São Paulo, Dom Paulo, Frei Beto... Hoje nós temos organismos mesmo... Nacionais, internacionais, os movimentos sociais conseguem ir à ONU colocar as questões. Nós temos reconhecido os relatórios paralelos que não são só os dos governos, né?! É... Onde a sociedade fala, onde os governos são obrigados a reconhecer seus... Sua omissão, o seu fracasso, então... São conquistas, custou muito... Então as pessoas hoje podem dizer ‘ai, tá uma droga’... Mas há quinze anos atrás, vinte anos atrás era uma droga bem maior do que essa droga aí de hoje, entendeu?! A gente tem pra onde ir... Então assim, isso é construção... Quem não tiver a perspectiva histórica dos movimentos, melhor não fazê-los porque o nível de frustração vai ser brutal... Então velhinhas como eu assim já, conseguem entender melhor... Já não tem aquele ímpeto de achar que as coisas se resolverão assim num passe de mágica ou que, não é passe de mágica, né?! É que as coisas se resolverão depois de muito histórico com essa, com essa é... Com essa rapidez porque eu já vi, já vivi muita coisa, mas não quer dizer

que tá bom lá fora, lá fora tá ruim... Tem menino morrendo, tem pessoas drogadas no meio da rua, o índice de violência não baixa, as mulheres não estão em paz e seguras nem na sua própria moradia, tem um monte de gente morrendo de fome, tem gente que não tem onde morar, né?! Tem gente que trabalha é... Por duzentos, trezentos reais, a prostituição infantil tá aí, então assim... Então assim, volto a dizer não sou *Poliana* mágica... **Agora tem mecanismos de luta à disposição que não tínhamos no nosso tempo e que fomos construindo; então assim, por isso que eu acho que é uma evolução, entendeu? É sempre uma briga do bem contra o mal, do mal contra o bem e ela é eterna, não haverá momento... A luta por direitos é uma luta eterna porque quando você conquista um, você precisa conquistar outro e outro e outro, quando você chega num patamar, você tem novas exigências porque quanto mais à gente conquista mais exigente a gente vai ficando... Então assim, antes uma camiseta, uma calça jeans era suficiente, mas agora não é, eu preciso ter... Eu preciso me conectar com o mundo, eu preciso... Sabe, então o nível de exigência vai ficando cada vez maior e nós vamos ter que dar respostas a tudo isso, então... Estado forte, sociedade forte é a única possibilidade. Não tem outra, Estado fraco, sociedade fraca, Estado forte, sociedade forte.”**

Os amores e o aprendizado... A experiência experimentada na prática e com os erros. A história de vida e a militância misturadas no agir e no ser.

“Arrepende não, ‘arrepende-se nunca mais... Mas amor nunca é demais’, né?! Diria Paulinho da Viola... Então assim, não, arrependimento não, agora fazer diferente não tinha como... Porque o que eu fazia diferente foi à parte da experiência que eu tive, então assim, como eu tive que aprender com a experiência dificilmente eu saberia antes dela, entendeu?! Então... **Faria diferente se eu pudesse voltar no tempo com a experiência que eu tenho hoje, mas com o que eu tinha, com o que eu sabia antes, eu só podia fazer com o que eu sabia. Então... Porque saber também é viver, né?! É vivenciar as coisas, os livros e os estudos são fundamentais, mas viver é tudo, né?! Tem coisas que eles não nos darão antes do tempo de vida adequado pra gente aprender. Na vida a militante, né?! Pra mim é difícil ver a vida de um ângulo que não tenha a militância como recorte principal... Não moldei a minha vida pessoal à militância, é (corrigindo) não moldei a militância a minha vida pessoal... Foi o inverso, eu sou uma militante que estou ora aqui, ora ali, ora tô num movimento, ora tô no Parlamento, ora tô no Executivo, né?! Mas sempre militante... assim que eu vejo a vida.”**

O olhar sorridente de uma militante que gastou a vida na luta pelos direitos humanos e pelo ideal revolucionário de transformação de uma sociedade que merece só o melhor. Enfim, a completude da vida de luta...

“Militar é uma honra, e viver o que eu vivi é uma honra, eu vivi num momento especialíssimo da história do Brasil eu tive a honra de ser fundadora de um Partido que faz história no país... Eu tive a honra de estar à frente de diversos movimentos, eu tive a honra de ser a primeira, de ser escolhida pela primeira presidenta da República pra fazer uma parte da minha militância, PT também é... Não é militante de movimento, mas é militante de política, né?! O que nos leva a militar no movimento é a nossa compreensão política, a compreensão política da vida, né?! Então, me traz felicidade sim, com certeza, eu seria uma pessoa incompleta se eu não tivesse condições de militar. É um troço que completa a minha vida, minha família, meus filhos, meu marido, meus netos, meus cachorros na casa, minhas irmãs, meus irmãos, meus sobrinhos,

minhas sobrinhas, meus queridos amigos que eu tenho... Eu tenho uma felicidade muito grande na minha vida eu ter queridos amigos, não só colegas de militância, companheiros de militância, colegas de trabalho. Eu tenho amigos verdadeiros que estiveram comigo comendo sal e nas horas fantásticas... Nas grandes comemorações, que acompanham o crescimento dos meus filhos, que conhecem meus filhos desde que nasceram... Estão até hoje aí juntos que... Uns odeiam política, mas amam... Amam a mim e a minha família... Outros são militantes políticos que ultrapassaram a barreira só da convivência na política pra construir uma convivência pessoal onde a gente é... Compartilha não só as preocupações com o rumo da vida brasileira, mas com o rumo da vida dos filhos, com... Arranha, os arranhões das relações afetivas, né?! As agruras de quem vive normalmente com pouco dinheiro, tendo que fazer muita coisa, é... Então assim, é... Parte, entendeu?! E me traz felicidades sim, traz cansaço físico, preocupação, as vezes enche o saco, escuta o que não precisava, mas também fala as vezes o que não devia... faz parte.”

Momentos de fraqueza e vontade de desistir... A lealdade e ideais...

“Ah, só na hora que a gente fica com muita raiva de... De um bando de bunda mole que tem perto da gente, né?! Pessoas que não são leais na luta, na construção das coisas, pessoas desonestas do ponto de vista intelectual, né?! Pessoas oportunistas, isso enche o saco! Isso enche o saco... Mais do que ‘ah, nós fomos lá o governo prometeu que ia fazer, e não fez, já fez errado’... Isso é correlação de força, o que enche o saco é esse tipo de gente que inevitavelmente aparece, fora isso não.”

O ano a frente da Secretaria Nacional de Políticas para as Mulheres... A oportunidade de fazer coisas tão importantes na política pública para as mulheres e para a construção de uma sociedade mais equânime. A admiração pelo povo brasileiro dos estrangeiros. O cansaço em contrapartida com a fé no futuro do povo simples deste país...

“É uma experiência que, imagina, você... **Poder formular, dialogar, implementar, buscar, construir políticas pras mulheres num país do tamanho do Brasil... Com a diversidade do Brasil, com a importância do Brasil hoje, né?! Foi uma coisa muito, muito, muito bacana... Então assim, tudo coisas fantásticas desde chegar num Estado é... E falar com as pescadoras, e falar com as mulheres da área sindical, e falar com as cortadoras de... De coco, com as quebradeiras de coco é... E ver nelas a disposição de luta, aquela, aquela fé no futuro, né?! E aquele cansaço, né?! Por tudo o que não foi feito, e ao mesmo tempo aquela... É de uma simplicidade tão grande, ao mesmo tempo que você passa pelo debate junto, as mulheres da Fiespe... A honra de representar o Brasil em grandes eventos internacionais, onde as experiências brasileiras são olhadas com muito respeito, muito respeito, com muita admiração é... Então assim, foi cansativo é... O outro lado do balcão é muito exigente, né?! Mas ao mesmo tempo foi dadivoso também e foi é uma experiência muito rica. Então assim, tem o cansaço mas o cansaço torna-se nada perto da frustração de não poder dar uma resposta maior no tempo, que as pessoas gostariam e precisavam, né?! É ao mesmo tempo; que dá uma, uma alegria e um encorajamento muito grande... Que às vezes coisas que a gente acha que são tão pequenas significam tantas pra... Significa muito, pra muita gente, né?! Então assim; é, é também uma experiência conflituosa e... Ela é conflituosa na medida que tem uma expectativa que a gente não consegue corresponder, mas que ao mesmo tempo**

você via como que é difícil dirigir um país como o Brasil. Enorme, enorme, enorme, é um continente mesmo dentro de um país e com uma diversidade cultural, econômica e... Nossa... Social, brutal assim, as pessoas não tem ideia do que é, né?! Ela olha o seu entorno, ou quando vai pra algum lugar vai pra passear, mas a gente que vai pros lugares pra trabalhar que consegue entender de verdade o que, que tem atrás, né?! Da vida daquelas mulheres que nós vemos ali, mulheres que ainda olham pro chão em respeito às famílias, homens... Mulheres que tem que cuidar de casa, lavoura, filho, sozinhas... Mulheres que tão nas periferias dos grandes centros urbanos, que gastam quatro horas pra ir e voltar do seu serviço... E tem uma rotina de casa e criança e de mais tantas outras... São mulheres que tem quase que vinte e quatro horas dedicadas a produzir, entendeu?! Mas todas elas estão mais fortalecidas agora do que antes. Então assim, é um paradoxo, mas é fantástico! Eu não queria continuar à frente da, do Ministério; porque eu achava que eu tinha que ter coerência com duas coisas que eu sempre provei na minha vida. Que projetos partidários são transformadores estratégicos e que mulheres devem estar na política. Então seria contraditório ficar lá no Ministério e...”

O lugar de mulher é na política! A candidatura à Capital do Estado do Espírito Santo em 2012. A Presidenta Dilma Rousseff...

“Porque eu tinha a ideia surreal de ganhar a Prefeitura de Vitória. Teve um desacerto causado por algumas circunstâncias, é... Mas não porque eu não tivesse chance, porque eu fosse uma candidata sem possibilidade, não, muita possibilidade. Poderia ter sido a primeira mulher a dirigir a cidade de Vitória. Mão foi possível agora, será possível talvez em um novo momento, mas eu tinha que ser coerente com essa questão. Nós todos os dias reclamamos que as mulheres não estão na política, ‘nós somos só dez... Nós somos oito por cento não sei onde, nós somos só cinco por cento não sei onde’... Ah, então vamos a luta. Não tem porque a gente não ir lá se colocar, pode ganhar, pode perder mas... Se a gente não for até lá a gente nunca vai saber se é possível ou não. Então assim, eu acho que o Ministério me ensinou muito e eu aprendi muito. E eu devo isso à Presidenta Dilma, pessoa por quem eu tenho um carinho e um respeito e uma admiração profunda. Só quem convive com aquela mulher de perto pode entender o que é aquilo. O que é aquele fenômeno Dilma Rousseff, ela é uma pessoa maravilhosa mesmo que ela seja resmungona e brava... Ela é brava, ela é brava, mas se ela não for brava essa coisa não anda, né?! Talvez ela esteja pagando o preço da ascensão feminina, né?! Porque pra gente se impor, a gente de vez em quando tem que ser... A gente tem que ser, falar pouco e mandar mais. Se não as pessoas não te respeitam. Eu já passei por isso, quando fui presidente do PT, sabe. Quando a mulher está no poder tem que se impor, pra você sobreviver naquele meio é... Em muitos casos você tem que fazer isso, ser durona. Ser durona não quer dizer que você é grossa ou que você é desatenciosa, porque não tem afeto pelas pessoas que nós amamos e tal... Não, ser durona é exigir resultado das coisas que se faz... Ponto.”

d) Isaias Nascimento:

O início da história de militância, pelo viés do cuidado familiar e a indignação pela manipulação dos fazendeiros que “escravizavam” o povo meeiro... A manipulação da venda das terras por valores irrisórios... A manobra da elite usurpadora. E a chegada em Vitória/ES.

“Eu comecei a militância aos 11 anos de idade na roça. Nasci no norte do Estado do Rio, Campos de Goytagazes, e viemos para o norte do Estado do Espírito Santo; Colatina.... Trabalhava na roça, junto com meus pais e irmãos... E lá, em sessenta e pouco. Particpei da erradicação do café, né?! Que foi aquela crise do café... Então... Acabamos com os cafezais, a gente cortou tudo, aí foi quando ampliou a... Na região a questão da pecuária, né... O gado substituiu o café... Em Colatina, região de Colatina, né?! E... Nesse mesmo momento, quando eu começo a assumir uma... Uma postura mais... Uma adolescência quase emancipada do ponto de vista político... Eu fiz uma proposta a meu pai de que eu aceitaria que ele ficasse comandando a... Fazendo os negócios, mas que as orientações tinham que ser minhas. Porque senão não iria trabalhar de graça pra fazendeiro, que a gente trabalhava, trabalhava, colhia muito café, muito arroz, né?! Muito milho tal... Mas daí na hora de fazer a partilha, aquela questão de meeiro esse negócio o armazém levava tudo. Aí eu mudei toda a regra do jogo, falei... O pai aceitou porque mamãe era mais politizada... Aí ela interveio, né?! Fez uma intervenção, aí eu fiquei como... O gerente, que administrei a família, sei que rapidinho a gente pagou conta fazendeiro e começamos, porque aí eu trabalhava pra ele, recebia dinheiro e comprava onde eu queria, né?! Então, saí daquela... Rompi, fiz uma ruptura nas relações. Aí a gente já começou a melhorar as condições de vida, a sobrar um dinheirinho, né?! E já ficar um pouco autônomo, né?! Sendo dono da sua própria... Decidindo o que a gente ia plantar, o que não ia plantar e tal... E quando vender, quando não vender, né?! Porque fazer a venda coletiva de todo mundo tinha que entregar o material pra onde ele vendeu e eu barrei tudo isso, mudou toda a relação... Aí a gente melhorou, começou a melhorar nossas condições de vida... E com dezenove anos eu vim fazer... Passear em Vitória que aí já começou a migração também, né?! Das pessoas que iam pra cidade, do campo... O esvaziamento do campo... Isso é no final... No início da década de 1970, eu vim pra vitória em 1974, né?! Visitar alguns amigos, eu tinha um irmão que tava morando aqui e uma irmã... E aí nesse período eu acabei me encantando por aqui, tinha muita facilidade de trabalho. Aí comecei a trabalhar aqui e depois quando... Tirei férias aqui, eu voltei lá que a ideia era fazer uma reforma agrária... Meu pai tinha uns dezessete anos que trabalhava nessa fazenda, com essa família. Que ele já tinha vindo do estado do Rio pra cá com essa família. Aí quando eu cheguei lá eles já tinham enrolado papai e... Porque daqui eu coordenava, né?! Daqui eu ajudava financeiramente e nisso também dava umas idéias, mas ele já tinha envolvido papai. Já tinha arrumado umas madeiras pra ele lá, que aqui em Vitória tavam fazendo aqueles casarão de madeira ainda na década de 1970, né?! Final, perto década de 1980, aí meu pai tava com a mudança praticamente tudo arrumado [para Vitória]... Aí eu não tive como reverter e nessa, nesse tempo eu já tinha com a... Com a economia que eu tinha lá juntado com a família e... Eu já tinha comprado uma casa aqui em Vitória, né?! Aqui no morro do Romão⁷⁸ que Marcelo⁷⁹ mora hoje, a... E aí eles já tavam encantado também. Eu tive que trazer todo mundo pra cá é... Aí eu comecei meu trabalho aqui na área de construção civil, 1975. Eu já me filiei ao sindicato e trabalhei naquelas frentes de obras pela duplicação da Vale do Rio Doce, 1975 mais ou menos, a... Aí eles foram... Tiveram um tempo de crise aqui até se adaptarem com

⁷⁸ Bairro incrustado no maciço existente no meio da Ilha de Vitória/ES.

⁷⁹ Irmão do entrevistado.

a vida da cidade, porque tavam acostumados com a vida de roça e tal... Eu tive que segurar a onda, né?! Aí fui... A família toda e aí, interessante que é... É... Eu comecei a... Aí acabei retomando toda a minha emancipação que eu tinha lá, né?! Eu virei também aqui o provedor, né?!”

A militância sindical e o Movimento Eclesial de Base... As idas e vindas aos bancos escolares. A militância de âmbito Nacional devido à participação na Igreja Católica e o rompimento.

“O cara que cuidava da família e isso depois teve um reflexo porque eu comecei é... A minha militância no movimento sindical, nas comunidades de base que tava muito forte aqui no final, no final da década... Nos meados pro final da década de 1970, eu... Voltei a estudar de novo pra terminar o ensino médio, até a oitava série que eu não tinha ainda, né?! Eu saí de lá na 5ª série. Comecei a estudar, essa vinda deles [família] atrapalhou, que eu tive que sair da escola porque aí as frentes de obra já tavam... É logo quando terminou a duplicação da Vale do Rio Doce. Começou em 1975 mais ou menos até 1980, depois começou a construção da usina Siderúrgica de Tubarão, né?! No início da década de 1980 e aí era muita, né?! Eu comecei a trabalhar e aí também pra ajudar a família acabei saindo da escola é... Já tinha tentado terminar a oitava série, não consegui... Aí fomos trabalhando, aí o pessoal se organizou, todo mundo [família] se estruturou... E aí eu continuei, eu fui afirmando minha militância na... **No sindicato e na Pastoral Operária, que era uma Pastoral voltada para o mundo do trabalho, né?! E... Aí ajudei todo esse processo, participei desse processo de... Da reorganização do movimento sindical que eles chamavam na época de movimento sindical combativo, né?! Combatendo o chamado ‘peleguismo’⁸⁰. Aquela coisa toda, é participei de todo o movimento da... De greves, né?! Principalmente na construção civil é... Ajudamos a retomar sindicatos... Como comerciários, né?! Sindicatos rurais: Colatina, Pancas,⁸¹ né?! Vários sindicatos... Era uma articulação muito forte, movimento sindical muito forte e... Fiquei, trabalhei na Arquidiocese nessa pastoral, comecei na base. Aí fui Coordenador Estadual, Coordenador Nacional é... Passei por todas as instâncias da Igreja... Fui da executiva do Conselho Nacional de Lei. Que era um grupo de seis maiores organismos da Igreja que se reunia frequentemente, então eu fiz uma longa história da Igreja até quando eles viram que eu tava sabendo um pouco demais... E como a Igreja é muito limitada e é tudo centralizado, né?! Uma estrutura milenar que... Tudo que manda é o chefe e você tem que fazer o que eles mandam, né?! Então, por exemplo, você tá sabendo demais começa a ficar difícil... Aí eu rompi com a... Tinha passado todo aquele momento que a gente tinha de... Aquela época eles trabalhavam a gente pra ser sujeito, né?! E tinha ainda um período ainda do regime militar, né?! E esse sujeito depois? Quando esse sujeito começa a se colocar... Aí num dá, né?!”**

As greves, a prisão e a repressão do regime militar. As criações da CUT e do PT – Movimento Negro – e a participação nesses processos. A descoberta e reconhecimento da negritude. A chegada ao movimento de direitos humanos. A

⁸⁰ Sindicalista ao serviço do patronato ou do governo. Definição do dicionário Priberam - <http://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx?pal=pelego>

⁸¹ Cidades localizadas ao noroeste do Estado do Espírito Santo.

decepção com as instituições, pelas correlações de forças e interesses... A utopia e a revolução!

“Nesse movimento de greve eu acabei ainda... Ainda dentro daquela repressão. Além de eu ter tomado algumas bordoadas de... Da repressão, fui preso uma vez na greve, fiquei... Fiquei um dia e pouco. **Entre seis horas da manhã e fui sair dez horas da noite, fui um dos últimos a sair porque na... Quando eles vieram conversar comigo a minha conversa incomodou e eles disseram que eu não podia sair porque eu... Tinha uma questão ideológica no meio, né?! E aí eu acabei, entre todos os companheiros que foram presos, eu fui o primeiro a ser preso e o último a sair. Que eu saí tarde, tarde da noite, mas... Foi interessante, então eu tive... Daí nisso... Veio toda a organização da Central Única dos Trabalhadores [aproximação], né?! Que foi a CUT, eu participei de todo o processo... Até o Congresso de fundação da CUT... Logo em seguida teve o... A construção do Partido dos Trabalhadores... Eu participei de todo o processo, né?! E tive uma militância muito forte no Movimento Negro. Nessa época também que aí que eu fui me descobrir... A questão racial, né?! Que aí na luta sindical, se tinha a luta de classe, né?! Aí começamos a discutir a questão dos negros. Na questão de raça e classe, né?! Que era o momento que a gente discutia, e a gente sentia que tinha barreira, né?! Você discutia a luta no geral mas quando você dava o corte racial você tinha resistência... Isso dentro da Igreja, né?! Que é uma, uma... Filosofia totalmente européia, né?! Egocêntrica e tudo... O movimento sindical também tem toda essa história da Europa também, né?! E isso foi uma longa história... É que eu vim fazendo o movimento social e depois mais tarde, já no, no início dos 1990 foi que eu comecei... É no final da década de 1980 começo de 1990... **Eu comecei essa militância no Movimento de Direitos Humanos, né?! Aí mais pela questão do Movimento Negro aí eu comecei a a participar do Movimento Nacional de Direitos Humanos. A... No início dos anos 1990, né?! 1992, 1993 foi que eu fiquei mais é... Entrei mais, aí aconteceu de ter tido uma, eu tive uma... Tava um pouco, fiquei um pouco frustrado com o Movimento Sindical, né?! É porque toda aquela... Aquilo que a gente pregava, toda aquela coisa que a gente tinha é... Já tava me decepcionando da forma como os companheiros, porque começou... A minha decepção disso foi tanto com o sindicato quanto o partido que mesmo que a pessoas falavam... É, falavam de autonomia... É... Ajudei na criação e tudo... **Mas o problema é que tudo a, a... Como eu tinha uma formação de Igreja, de comunidade, a gente não tinha toda... Não tinha essa carga de malícia, de disputas internas, então as disputas internas que começou a depois que a gente tomou... Esse grupo... Desse pensamento, né?! É desse novo sindicalismo é... Que tinha conquistado muitos sindicatos começou-se essas disputas internas, o partido consolidou... Começou os grupos, as correntes internas, e isso me decepcionou muito, porque a gente tinha... Como a gente foi formado no num processo pré-revolucionário e que a gente achava que a gente é... la tomar a direção do país, do estado pelas vias democráticas ou pela revolução, né?! E existia esse clima é na América Latina, né?! E com influência de alguns outros países, né?! Europeus e tudo, então a luta ia muito nesse sentido que a gente ia... Os trabalhadores, a classe operária ia ocupar esse lugar... Então tinha muito isso que era um pouco a utopia, né?! E a gente não tinha, como a gente não tinha nenhuma visão intelectual, vocês não tinham... Era fogo da própria luta mesmo... Do acreditar, né?! De toda aquela expectativa e isso me deixou um pouco decepcionado. Aí foi quando eu, eu fiz a opção de ir para o Movimento Nacional de Direitos Humanos...”******

A escolha pelo Movimento Nacional de Direitos Humanos. A perspectiva nacional e o momento histórico propício. A convergência doutros movimentos aos de direitos humanos.

“Falei ‘bom, Movimento Nacional de Direitos Humanos deve ser mais tranqüilo e tal’... Já tava meio decepcionado com Igreja também que as coisas não rolava a... Uma certa, democracia que a Igreja prega que na realidade não é... E aí eu comecei a... E também a experiência em diversos outros movimentos sociais, né?! Comecei no Movimento Nacional de Direitos Humanos... Aí foi interessante porque a... E aí tinha... Também o movimento, porque o Movimento Nacional de Direitos Humanos... Ele começou aqui no Espírito Santo na mesma época que começou essa articulação a nível nacional, né?! E começou dentro de uma filosofia de Igreja com o Frei Beto e... E, e Leonardo Boff, né... Foi um... E outras pessoas, mas eles foram os que... Puxaram isso, né... E aí conseguiram arrebatar essa militância do movimento social ligado aos... Ao movimento das comunidades eclesiais de base, né?! E alguns intelectuais orgânicos que ajudaram e foram construindo esse processo... No pós ditadura... Que esse movimento, o Movimento de Direitos Humanos ele num primeiro momento do seu surgimento o que que ele preocupava? De tentar é... Alguma forma de reparação... Alguma forma de, de punição... Alguma coisa... Dos resquícios que ficaram da, da ditadura, né?! De pessoas que desapareceram, de crianças que desapareceram... A participação de Dom Paulo Evaristo Arns é o... Outros e outros que tavam lutando pra garantir os direitos civis e políticos, né?! Ele tava focado nesse primeiro momento, pra isso... Fazer uma, uma revisão ou alguma reclamação ou denuncia dos resquícios do regime militar; mas também lutando por essa questão das garantias dos direitos civis e políticos que tinham sido caçado, né?! E vê como o Estado de uma forma ou de outra poderia reparar isso ou reconhecer essa dívida que... Esse genocídio que foi regime militar particularmente aqui no Brasil. Então, ele [Movimento Nacional de Direitos Humanos] veio nessa filosofia até o... O final da década de 1980, né?! E na virada dos anos 1990 ele começa... E aí essa participação também foi aumentando com outras pessoas, né... É... De outros, que vinha de outras militâncias, né?! Ou que optaram por essa questão... É, e aí ele começa a mudar essa lógica, né?! Pensar os direitos humanos de uma forma mais, mais aberta, né?! E aí o primeiro encontro que eu participei, né?! Foi 1994 em Salvador, foi encontro de quase uma semana, que houve um pouco também assim... Um tipo de rompimento com as doutrinas da Igreja, né?! Com o que a Igreja traçava dentro dos direitos humanos... Apesar de que até hoje você tem muitos Centros, que são ainda dentro da filosofia da Igreja. Mas esse grupo de intelectuais orgânico, né... E junto, com outros militantes que tinham, que queriam avançar mais e não queria também sair... E também porque na realidade com os vinte e tantos anos de ditadura militar, muitos movimentos tiveram que se abrigar dentro da Igreja, né?! E quando eles sentiram que as pernas já tavam firmes eles começaram a... Tocar, né?! Romper com essa, com essa estratégia que tinham feito antes, que só conseguia se escapasse e ficasse... E manter a... A chama do Movimento acesa, né?! Por dentro das Igrejas que era a única que na época também teve uma sensibilidade de reconhecer o que ela tinha feito...”

O encontro em Salvador e os primeiros passos no caminho dos direitos humanos. As novas diretrizes do Movimento Nacional de Direitos Humanos. A articulação dos movimentos do Campo e da Cidade e a união de todos pelos direitos humanos.

“E lá o Movimento já teve uma... Inclusive com embate muito grande, foi um encontro muito tensionado, né?! Porque tinha gente que queria manter essa tradição [ligado a Igreja] e os que queriam romper e tentando ampliar essa compreensão dos direitos humanos, né?! Tanto aí, nesse encontro teve várias deliberações, tirou uma carta de princípio do Movimento que deu outra direção, outras diretrizes ao Movimento... Estavam lá vários movimentos sociais, com gente ligada ao Partido também, que praticamente quase todos eram... Tinha pessoas também de outros partidos, mas que

tinha essa visão mais humanitária e que tava no Movimento, né?! O Movimento até hoje ele tem várias matrizes partidárias, claro que com uma grande... Mais da ala de esquerda, se tiver esquerda ainda, né?! (riso) É a minha dúvida... (riso) Da esquerda brasileira ou latino americana.... Mas aí, tirei essa carta de princípios e... Logo após nessa mesma filosofia de novas diretrizes é... Em 1995, na segunda metade da década de 1990.. Ele começa a discutir direitos humanos do ponto de vista econômico, sociais e culturais, né?! Então a questão da, da transversalidade, universalidade, né?! E o Movimento toma outra direção. E aí isso foi importante que isso, por exemplo, para o Espírito Santo... Enriqueceu muito porque a luta de direitos humanos no Espírito Santo... **O Espírito Santo sempre teve um movimento social muito forte. E o Movimento de Direitos Humanos, junto com o Movimento ligado à terra, à moradia, o pessoal do MST, as comunidades indígenas, né?! Conseguiu trabalhar isso de uma certa forma que envolveu o Movimento Sindical na época. Já na década de 1990 e que a gente conseguiu fazer uma... Uma articulação muito forte que foi um Fórum que nós criamos é... Fórum Campo Cidade, né?! Um fórum de organização que... Então a... Era bem dividido, a luta pela terra, por exemplo, ficava com o Movimento de Moradia, o Movimento Sem Terra e os Índios, né?! Então eles articulavam, faziam as questões deles das chamadas coisas mais pequenas. E quando tinha um grande movimento articulava-se todo mundo pra luta, pra questão da terra, seja indígena ou moradia urbana ou os próprios Movimentos Sem Terra. O Movimento Sindical fazia suas lutas reivindicatórias, né?! Os sindicatos... Aí todo mundo se juntava, né?! Fazia grandes marchas, dez, quinze mil pessoas... E a questão da, da luta contra a impunidade, violência, ou seja... Uma coisa mais voltada para o sistema de justiça e segurança e a defesa dos direitos era tarefa do Movimento. Então todo mundo vinha junto, né?! Esse Fórum foi uma coisa assim... Teve pouco prazo de duração mas pra mim foi um dos melhores movimentos que é... Movimento social forte que eu participei, né?! Foi aqui do Estado... Que na minha época eu ajudei construir, né?! E que eu participei, era muito significativo... Ele durou uns dois anos, três anos no máximo... Isso é no final da década de 1990. E acabou também por causa das mesmas disputas internas, né?! Quem é que seria o pai da criança ou quem é que daria direção, né?! Isso vem... Então isso, pra mim depois foi, uma outra decepção porque o Movimento era muito forte é... E conseguia dar conta, conseguia pressionar, né?! Aí isso foi... Depois numa chamada consulta popular que né veio também numa tentativa de articulação nacional e o nosso Fórum foi acabar dentro dessa consulta popular, né?! Que foi, era muito idealizada por Plínio de Arruda Sampaio à época, o grande mentor... Que até hoje não pegou, que aqui ela não conseguiu pegar no Espírito Santo, né?! Aqui não pegou nem a consulta popular e nem a questão da central do movimento popular. Foi criada uma central nacional que ela sempre disse que existia, mas de fato nunca teve força aqui no Espírito Santo... Pra ser movimento popular... E aí o Fórum foi se definindo até que acabou, né?! A.... Mas como a gente tinha, o Movimento tinha feito um... Uma ação muito interessante de uma campanha nacional é... Contra a violência e a impunidade em 1993, 19 de agosto de 1993...”**

A discussão da Segurança e a Campanha contra a Impunidade no Estado do Espírito Santo... A luta contra a matança indiscriminada de lideranças no campo e na cidade. O crime organizado e a *Scuderie Detetive Le Cocq...*

“Me lembro disso até hoje, que o Movimento a partir das reflexões que tinha feito e essa questão é que até então a gente não escutava, o movimento social não discutia o sistema de justiça e segurança... Discutia todas as outras políticas, saúde, educação, políticas sociais, né?! Ambientais, que já tava surgindo também, mas segurança pública, por exemplo, ou sistema de justiça e segurança... A gente nunca tinha discutido, a gente tinha... Até por causa do, do dos resquícios do regime militar... Então existia a maior bronca de segurança pública e paralelamente a

questão de justiça e segurança porque a pessoa não tinha... Não acreditava nesses órgãos, né?! Então a gente, com essa campanha que a gente tinha começado em 1993, o Movimento ganhou fôlego, né?! Essa campanha foi muito interessante, daí desembocou num processo de... Até por causa da, da organização de, do latifundiário no Espírito Santo que começou a reagir à questão da luta pela terra, né?! E começaram a... Assassinar liderança ainda na década de 1980, né?! A... Esse grupo, mesmo grupo de... **Se organizou depois quando a União Democrática Ruralista que se aliou à Scuderie Detetive Le Cocq, né?! E aí começou a matar as pessoas tanto nas cidades, mas particularmente nas lideranças do campo, isso levou a... A uma criação de uma Comissão, né?! Para apurar crimes de agente público, né?! Acho que foi na época do Governo Albuíno⁸² e nessa... Aí tinha vindo um delegado que passou no concurso aqui... Que era do Rio de Janeiro, o tal... Francisco Badenis Júnior⁸³, né?! Essa, essa, essa investigação que ele começou fazendo de investigação⁸⁴, que tinha muita participação do agente público, né?! E principalmente de policiais civis e militares que mataram assim a... A rodo como eles falam popularmente nos anos... Final do regime militar, né?! Entre os anos 19980, anos 1990 esse pessoal matou gente... No Estado é... De fazer morte coletiva de cento e tantas pessoas de uma vez... De preso, por exemplo, né?! Que eles usavam os presos pra roubar, pra matar, a cadeia era dominada tudo por esse pessoal, né?! Então, foram muitas mortes, mesmo quando eu fui preso, já tinha essa chefatura aqui da, da onde... Ao lado do Detran, onde era então o... Décio Nascimento que era o chefe desse negócio, o grupo dele que me prenderam, né?! E ali era um lugar de negociar crimes, né?! De morte das pessoas... Claudio Guerra⁸⁵ e outros, e outros, e outros. Então essa investigação levou ao... Deu um status ao Movimento Nacional de Direitos Humanos aqui no Espírito Santo porque é... Investigando a Escuderia Le Cocq... Descobriu toda a estrutura do crime que agia dentro do Estado, né?! Por dentro da, das estruturas do Estado, né?! Que veio a partir é... Fórum pra discutir segurança, que a gente começou a, a... Aí nessa questão do sistema de justiça e segurança. Daí essa campanha nacional contra a impunidade e a violência... Ela acabou dando esse, abrindo esse, essa caixa nebulosa que existia no Espírito Santo e... Eu lembro que o primeiro relatório que nós fizemos, que nós falamos de crime organizado que foi uma.. Uma expressão que hoje se fala, né?! Em qualquer parte do... Inclusive dentro do próprio sistema de justiça e segurança... Quando nós fizemos, identificamos, falamos que existia uma estrutura de crime organizado no Espírito Santo, nós quase fomos alijados... Fomos chamados de um *grupelho*, que queria manchar a imagem do Espírito Santo. Que não sei o quê... Que isso não existia, que não sei o quê... E aí foi todo esse, essa, esse processo de dissolução da Scuderie Detetive Le Cocq foi desvendando tudo. Foi vendo de onde saia às mortes, né?! Quem era as pessoas, né?! E... A... Essa associação Scuderie Detetive Le Cocq que, que aglutinava vários empresários, juízes, deputados, vereadores, prefeitos, muito advogados, né?! Promotores de justiça, policiais de todas as coisas... E cidadão comum que se sentia protegido, né?! Às vezes nem conhecendo a fundo a instituição, porque não era... A Scuderie Detetive... Não era uma organização particularmente criminosa, mas dentro dela existia um grupo... Que tinha toda aquela... Porque ela tinha vindo do esquadrão lá da morte do Rio de Janeiro, com todos aqueles... Então muitas pessoas não tinha... A dimensão do que era a organização, mas ela foi é... A investigação do próprio Ministério Público Federal identificou ela como uma organização paramilitar, né?! Que tinha toda essa função da prática do crime pra se beneficiar, né?! Pra beneficiar grupos e pessoas é... Para... Do ponto de vista econômico mesmo, muito forte, né?! Esse crime organizado ele era várias, várias ramificações de crime, mas**

⁸² Governador do Estado do Espírito Santo – Albuíno Cunha de Azeredo – período de exercício de 1991-1994.

⁸³ Delegado da Polícia Federal.

⁸⁴ Investigação contra o crime organizado institucionalizado e a Scuderie Le Cocq.

⁸⁵ Ex – Delegado do DOPS – condenado por assassinatos por todo o Estado do ES, hoje pastor evangélico escreveu o livro ‘Memórias de uma Guerra Suja’.

tinha um núcleo forte que é onde se distribuía tudo isso. Cada um tinha uma competência, né?! Determinada área eles comandavam. Então isso... Foi, teve uma grande repercussão nacional, né?! Internacional e tudo... Então colocou o Movimento numa... Com o crédito, com uma visibilidade muito forte, né?! Tanto a nível nacional como no Espírito Santo. É... Isso é... Provocou ameaças de algumas pessoas, algumas pessoas tiveram que sair, né?! E... A gente... A... Acho que uma das grandes contribuições do Movimento foi que tudo isso que acontecia que não se falava. Que se cobria. Tudo isso veio à tona... Isso não quer dizer também que a atividade criminosa acabou, né?! Que a Scuderie Detetive Le Cocq acabou, né?! Ela continua apenas o que foi caçado foi o registro civil dela, porque ela era uma entidade... Filantrópica, sem fins lucrativos, e na realidade não era nada disso, então isso... Agora eles continuam se organizando e tudo... Então acho que a gente é... Essa foi uma das grandes contribuições. E aí o Movimento também, nessa lógica de trabalhar os direitos é... Econômicos, sociais e culturais ele foi ganhando outras dimensões, né?! E... Trouxe à baila outras discussões, né?! Sobre a questão do meio ambiente, a questão do... Da transversalidade, da... Dos direitos humanos numa amplitude, muito forte... Que aquele movimento que era só pros direitos civis e políticos toma outra dimensão... E isso foi muito forte, contribui muito, né?! Pra o processo de redemocratização do país, né?! O Movimento Nacional de Direitos Humanos, pra reorganização disso...”

Os direitos humanos e o Estado, que assumem como política pública... O reconhecimento das violações pelo Estado criando a gestão de políticas e programas. Em desequilíbrio a baixa dos movimentos sociais de direitos humanos...

“E eu acho que teve uma outra questão que foi interessante que ele é... De certa forma pressionou o Estado que os direitos humanos hoje se tornou uma política pública, né?! Então eu acho que isso foi o grande elemento. Agora a partir daí o Movimento também. Ele, ele teve uma luta importante, conseguiu é... **Fazer com que o Estado assumisse os Direitos Humanos, né?! Tanto é que hoje a gente tem Secretarias, né?! Isso permitiu também que outras organizações, até do Sistema de Justiça e Segurança, Ministério Público, criasse suas comissões. As Universidades também criaram núcleo, né?! Tanto pra estudar a questão da violência, da criminalidade, tudo, como criaram para desenvolver o sistema de direitos humanos na educação e tudo. Então ampliou os direitos humanos, isso foi muito bom. Só que nesse atual momento o Movimento ele teve uma baixa muito grande. Assim como o movimento social no Brasil com a... Dentro dessa nova ordem política que eu chamo, eles chamam de neo-liberalismo.”**

A democracia liberal, o neoliberalismo, a exclusão e a inclusão das políticas públicas de direitos humanos... A distribuição de renda... A cooptação dos membros dos movimentos de direitos humanos para dentro do Estado, na execução de políticas públicas sociais e de direitos humanos e o desaparecimento dos movimentos sociais...

“Eu chamo de democracia liberal, né?! Porque isso foi muito bem construída pelos norte americanos, né?! A... Que é uma política, um sistema que inclui, ele não exclui, né?! A democracia liberal, ela inclui todo mundo, né?! E como a... A gente vê no Estado de bem estar social que a Europa viveu no passado e que

aqui hoje tenta-se viver tardiamente na América Latina e no Brasil, né?! América Central alguns países, né?! Que vem todas essas, essas... Não dizer esmolos, mas que vem todas essas, essas... Distribuições de renda, vamos dizer assim... Através de benefícios, através de bolsas, não sei o quê, não sei o quê, né?! Então se tornou... Ela foi muito bem pensada porque quando se tinha os, os... **A Inglaterra era o pulmão. O maior país do mundo, a maior potência até a década de 1970, os anos 1970. Quando os Estados Unidos assume isso, né?! Eles não tem esse negócio de G... O G7, o G8, né?! Não funciona mais assim... Globalização ela é geral, todo mundo... Haiti, tá dentro... Pode ser país africano, miserável, não sei o quê... Tá dentro, né?! Essa política no Brasil, por exemplo, e até no próprio... América... América Latina, mas praticamente no Brasil, ela fez um processo de inclusão que as organizações do Movimento Social ficaram tudo dentro, né?! Você vê hoje... É o Estado trouxe todo mundo pra dentro. Você vê que não existe mais movimentos sociais, né?! São fraquíssimos, alguma vez ou outra você vê um movimento estudantil aí pontualmente fazendo uma luta... Por causa de transporte, ou por causa da violência mas... Hoje só tem um pequeno movimento na Igreja quando quer, porque pra Igreja é conveniente, né?! Quando ela vê que é... Que tem... Ela mostra a cara, depois ela não, ela não segura... Ela é muito oportunista, a... Então os movimentos sociais acabaram... Na minha avaliação era um espaço, que o Movimento Nacional de Direitos Humanos – MNDH não tava na hora de entrar nessa de baixa... Mas com essas políticas de direitos humanos a... Hoje se você fizer o levantamento de, de. Quinze anos pra cá, todos os coordenadores nacionais do MNDH estão no Governo... A partir de que a, o... O Lula venceu as eleições a maioria... Quer dizer, alguns já foram com Fernando Henrique Cardoso, né?! Aqueles que não era de partido de esquerda, né?! Já foram logo com Fernando Henrique Cardoso, o resto foi no Governo Lula, foram todos... Se você pegar todos os coordenadores Nacional... O Movimento tem uma estrutura regional, né?! E tem uma coordenação nacional, uma executiva nacional, e tem uma pessoa ou duas liberadas em Brasília no escritório central do Movimento. Todos que saíram que são dois anos no máximo quatro, todas, né?! E outras que eram da executiva do Movimento da direção nacional... Todas foram pra dentro do Estado, né?! E nos Estados também, nos Estados não foi diferente, né?! Hoje pra você ter uma ideia, na época eu lembro que nossa articulação de Direitos Humanos nos anos 1990 até 2004 mais ou menos nós tínhamos umas vinte organizações de direitos Humanos no Espírito Santo, vinte e três organizações... E mais umas que a gente chamava de parceiras, formava-se uma rede... Hoje só tem duas, se você for... Se falar com eles vão falar que tem uma em Cachoeiro que não existe. Vai falar que tem uma em Castelo que não existe. Vão falar que tem uma Comissão em Venda Nova do Imigrante e em São Mateus que não existe. Em Aracruz que não existe. Colatina que não existe. Agora que se criou um centro desligado do Movimento Nacional de Direitos Humanos em Colatina, né... **As duas são hoje, tem uma em Colatina. De fato que é uma entidade, tem uma organização que tem saúde institucional mínima, o... E aqui na Grande Vitória você tem o Centro de Apoio dos Direitos Humanos, que essa entidade em que eu trabalho. E o CDDH da Serra, né?! Cachoeiro não tem... Eles falam que tem, mas, é duas ou três pessoas que... Que não tem um estatuto, que não tem um registro, que não tem nada... Tem umas três pessoas que articulam lá que... Então quer dizer... Até porque nessa, nessa grande mudança, na segunda mudança que teve depois de Salvador... Foi uma opção do Movimento de se institucionalizar, né?! De criar os regionais institucionalizados, né?! Regional Leste de Direitos Humanos, né?! Com estatuto *babarababá*... Isso dificultou a luta, né... **E no Espírito Santo também a gente criou uma organização a nível de Estado, só que quando eu criei... Eu... Fiz a articulação da criação desse Centro que hoje eu sou empregado, eu queria criar uma entidade pra ser o suporte institucional jurídico institucional do Movimento... Mas deixar a articulação deles... Que aí se fazia as lutas, mas se quisesse fazer qualquer coisa, captar um recurso, você tinha um aporte institucional, né?! O burocrático, administrativo e jurídico... E isso por quê? Porque a gente tava tendo uma primeira experiência de gerenciar um Programa Estadual de Proteção à Testemunha, e aí quando eu fui fazer esse debate, essa******

organização precisava disso, mas eu queria fazer isso, mas não deixar a luta aqui... Aí foi todo mundo pra dentro... Então hoje o CDH que deveria ser um Centro pra apoiar as entidades... Aí nós tínhamos uma, uma equipe que tinha professores da Universidade, de outras faculdades formados, fizemos um grupo de formação que saia, né?! Nesse projeto que eu fiz eles embarcaram, e saia fazendo... Eu saia fazendo as lutas, né?! As articulações e tal e eles vinham fazendo os cursos de formação de direitos humanos... E o meu objetivo era ali se criar um núcleo, né?! Aí fizemos vários, vários, vários e não vingou porque esse Centro de apoio voltou pra dentro dos Programas... Aí pegou mais dois programas de políticas públicas e hoje nós não passamos de uma agência, gerenciadora de política de Governo... Um programa acabou, mas ficaram dois... **E a entidade fica voltada para esses dois programas. O CDDH da Serra ainda tem negócio da Igreja, 'que a Igreja tem um monte de projetinhos valitas, né?! Pega vinte meninas ali forma um negocinho, mas não sei o que...'** O CDDH da Serra também virou uma agência de gerenciar... Ta aí fazendo, gerenciando o Programa de Proteção aos Defensores. Então quer dizer, a... E o CDDH da Serra tinha muito mais visibilidade de direitos humanos no Espírito Santo porque foi um dos primeiros, né?! Tem uma história... É vanguarda, mas até hoje também ele ainda não saiu debaixo da saia da Igreja. Lá quem... Então isso também atrapalha... Aí virou uma agência, hoje não... Eu vejo aqui, eles fazem reuniões, aí eu fiz até minha... Depois que eu fiz tudo isso, depois de velho e depois que eu sai do Movimento por divergências, né?! Porque a minha ideia era fazer o Centro que eu, que eu idealizei e que tentei convencer os companheiros, inclusive porque eu fiz dessa renovação, o que que eu fiz? Eu tentei atrair pra dentro do MNDH aqui os intelectuais, vários professores da UFES e de outras coisas, pra poder também ter um aporte intelectual porque se precisava na luta, né... Só aquela militância... Lá não resolveria, mas acabou... Até eles me decepcionaram, que não tiveram essa visão, né?!"

A presidência do Conselho Estadual de Direitos Humanos por mais de uma década... A solidão da posição de visibilidade... Os processos judiciais agregados no decorrer do tempo de Presidência. As decepções e as marcas que as relações entre companheiro deixam no caminho. A criminalização dos movimentos sociais.

"E aí é... Quando eu fui vendo que eu estava, que eu fiquei à frente do Conselho Estadual de Direitos Humanos desde 1995, quando foi criado, né?! Porque aí entrou vários presidentes, mas eu fiquei sempre como vice, todo mundo largava e eu pegava... Até o primeiro presidente foi o professor Erly dos Anjos lá da Universidade⁸⁶... Aí quando ele viu que era negócio de faz de conta, né?! E como a Universidade não é um movimento social. Aí ele falou 'não, não dá'... Aí ele saiu e eu tive que segurar a onda. E aí depois Luciano Chamon ficou um tempo também muito... Meio 'loução' que não tinha, já tava meio velho demais. Aí foi ser Secretário lá de Vila-Velha largou... E aí eu fui... E o movimento tinha, tinha articulação, quando fui a... Agora... Há uns cinco, seis anos atrás quando eu sai... **Fiquei de 1995 até 2008, se não me engano... 2007 e 2008 é... Mas eu tava vendo que eu tava fazendo as coisas e quando olhava pra trás não tinha ninguém. E eu dei sorte nesse tempo todo que eu só arrumei muitos processos, eles tentaram várias interpelações... Eles não atentaram contra minha vida, eles atentaram contra minha pessoa, né...** Eu tive processo de chefe de polícia, de dois comandantes da Polícia Militar, do Secretário de Segurança, Vice-governador Lelo Coimbra, processo na Polícia Federal, eu tive uma série... Até hoje ainda tô, ainda respondendo processo, né?! Aí não tinham coisa me arrumaram um processo de... De que eu não tinha feito um convênio dum programa que caiu... Aí inventaram que as contas não bateu, que não

⁸⁶ Universidade Federal do Espírito Santo – Ufes.

sei o quê... E teve um oportunista que fez uma denúncia dizendo que tinha sido roubado o dinheiro e não sei o quê, a... Essa professora que é amiga da, da minha amiga Beth Aragão... Um dia que ela me ligou aqui ela avisou que o Ministério Público Federal pediu minha absolvição... **Quer dizer, e o grande problema, minha decepção não é essa... Principalmente por ter sido um cara de filosofia de esquerda, é que a esquerda não protege os seus militantes... Eu fui criminalizado pelo próprio Movimento Nacional de Direitos Humanos, porque eu falei 'gente, olha as coisas aconteceram assim, assim, assim...' Eles levantaram dúvida da minha idoneidade, me criminalizaram [nos processos judiciais] antes do Estado...** E o boato que correu é que eu ia ser preso, que eu tinha desviado não sei quanto, que aí o... Porque o que, que é prestação de conta? Se você... O processo era de um R\$ 1.270.000,00, que eu tinha que pagar, né?! Não sei como, mas por quê? Porque eu tinha pegado R\$ 78.000,00. Porque o convênio deu bicho, bichou... Por causa da própria Presidente da República. E eu tava com um monte de funcionário, eu peguei esse dinheiro e paguei direito trabalhista. Era errado, mas era direito, né... **Como a justiça não tem racionalidade, né?! Eles vão com aquela letra fria e crua... Não analisou isso, então por causa disso eu tinha que arrumar o dinheiro todo de volta de novo... Disseram, aí isso ficou rolando... E o pessoal... Me abandonaram, todo mundo ficou me olhando assim... 'Esse neguinho deve ter metido a mão, será que ele pegou, será que ele não pegou?' Então quer dizer... Criam dúvidas, se você...** A mesma coisa aconteceu com Isabel da Pastoral Carcerária, né?! Ela foi denunciada por ter botado... Mandar botar fogo num ônibus, não sei o quê, quer dizer... Isso porque, com essa ação do Movimento Social e particularmente dentro do Movimento, que foi uma discussão que a gente fez muito... Começou-se a criminalização dos movimentos sociais... Então através dos processos eles começaram a criminalizar... **Só que ao invés do Movimento Nacional dos Direitos Humanos; ao contrário do Movimento Sem Terra. O Movimento Sem Terra fizeram denúncia, R\$ 4.000.000,00, eles se juntaram todos e enfrentaram o processo até o fim... No Movimento não, se se levantou um negócio?! Eles correm tudo e deixa você sozinho, né?! Meu Subsecretário do Conselho ligou pra mim e falou: 'Pai', era até meu filho que tava no Conselho. Falou: 'Eles proibiram... Você não falar sobre o caso da Isabel durante setenta e duas horas'. Falei: 'Eu já falei...' Que televisão me cercou lá em Linhares... Eu tava indo, me acharam, mandaram a TV me cercar, falei literalmente... Falei: 'Olha eu, como Presidente do Conselho Estadual dos Direitos Humanos eu quero que seja rigidamente apurado. O que eu quero que seja garantido a ela é o direito constitucional que é a ampla defesa. Que é um direito que ela tem... E a outra coisa que eu reclamo é que ela tá sendo execrada sem prova, que pra todo mundo, até que prove o contrário é inocente... É apenas uma investigação que não foi feita, mas um indício. E eles já tão criminalizando ela. Então isso é execração pública das pessoas e isso eu não concordo. Entende, mas que os fatos devem ser apurados e eu quero que apure, né?!'** Aí ficaram me imprensando que tinha que tirar Isabel do Conselho, eu falei: 'Eu não vou tirar'. Aí os Padres vieram, até que pressionaram ela, até que ela saiu, né?! E o processo não deu em nada. E eu já tinha reunido com os bispos lá na Praia de Ponta Formosa pra falar sobre o caso da Isabel. Eu falei: 'Olha, a Isabel pode ter erro? Tem, até porque tem vinte e cinco anos que ela trabalha no sistema. A agora eu quero saber qual é a posição da Igreja, se vai defende-la ou não?! Senão não adianta ficar fazendo isso, então deixa o Estado se virar com ela lá...' Exigem tudo depois deixaram ela sozinha. Depois que ela ficou na geladeira, quatro anos de geladeira, né... Fisicamente morta, né?! Ideologicamente morta, psicologicamente morta e em pé, né?! Eu falei que... Nessa lógica, por exemplo, da violência e da impunidade, o que eles fazem com essa prática de... Criminalizar os movimentos sociais, né?! Aí eles tavam falando das ameaças de morte, eu falei: 'Gente, isso acabou, quem tá fazendo isso é fazendeiro burro... ' Que hoje você mata o cara em pé, não precisa dar tiro em ninguém. Você mata ele em pé, que juiz são deles, Ministério Público é deles, né?! Mete o processo no cara lá, né?! E faz um deformação dele lá... Até ele explicar isso, ele não tem meios pra fazer, não tem televisão, não tem nada... Então eu falei: 'Se mata em pé hoje, então pode ter algum ignorante que tá pagando pistoleiro porque... Mas não

precisa fazer mais isso, né?!’ Então é... A prática aqui no Espírito Santo foi essa e eles fizeram de todo jeito até que eu tive que sair, né?!”

A frustração e o cansaço do militante. A cooptação dos movimentos para dentro do Estado, criando uma política de *‘faz de conta’*... Os Programas e o raio de atuação. As incongruências da terceirização de políticas públicas... A efetivação precária dos programas que engolem as lutas e os debates... Enfim a conclusão da: não existência do Movimento nacional de Direitos Humanos...

“Então minha... Eu inclusive... Sou frustrado com a questão de direitos humanos e a concepção que se defende... Porque na medida em que eles foram é... Absorvidos pra dentro do Estado, pra esse negócio, eles não deram o segundo passo, porque a... E hoje então com esse recuo do Movimento, o... **A questão de direitos humanos hoje, pra mim, ela é estritamente institucional, né?! Quem tem que tocar isso é as Secretarias... Já que o Movimento não quer fazer outro tipo, ou não encontra. Pode ser até que a dificuldade de encontrar uma nova forma de fazer a luta para efetivação dos direitos humanos. Então ele fica hoje porque ele... Ao institucionalizar ele vira para o Estado uma política de faz de conta, né?! Porque essas políticas que as entidades do MNDH faz em... Eles dizem que é parceria mas hoje em dia é terceirizado pelo Estado. Tirou por exemplo o efeito da luta do Movimento de Direitos... Da luta social de direitos humanos que você impactava um coletivo de pessoas... Pra executar a política pro Estado, e aí essas políticas hoje vão... O programa que, os dois programas que nós temos aqui, os três programas que tem aqui mais arrojado de políticas públicas de direitos humanos que o... As entidades do MNDH faz no Espírito Santo que é o PPCAN, que é Proteção a Criança Ameaçadas de Morte, os Defensores e o Provita, o raio de ação deles... **Os Defensores não sabe o que fazer, né?! Porque... primeiro que eles precisam da segurança do Estado. E o Estado não existe pra isso e não vai ser mandado pela sociedade civil, né?! Você vai precisar de escolta e você não vai conseguir, porque nem... Eles tão reclamando que não tem contingente pra proteger os cara que tá querendo enfrentar o Estado. Ou denunciar crime de prefeito, de vereador... Não vai fazer isso, né?! Então era um programa que tinha que articular a sociedade civil, né?! Mas não consegue fazer, que fica querendo, né?! Fazer atendimento psicológico, não sei o que, social, lá não precisa disso, então ele não... De direito... Cumpriu seus objetivos, né?! Defensores, não tem... Nessa lógica que eles estão não vão a lugar nenhum... Os Defensores?! O raio de ação deles não deve pegar uma... Diretamente uma, umas sessenta pessoas, né?! O nosso aqui [Provita] uma faixa de setenta e... Eles falam, mas pra mim não tem nada, porque isso não dá proteção a ninguém mesmo... O outro também uma faixa de sessenta, então quer dizer, nós estamos voltados para atender sessenta, setenta pessoas simultaneamente, quer dizer... Executando políticas que o Estado deveria fazer... Terceiriza pras ONGs, mata as ONGs tomando conta de um grupinho, né?! De sessenta pessoas, num Estado de 3 milhões e quase 600 mil habitantes, né?! O Centro de Apoio aos Direitos Humanos, que é uma entidade estadual toma conta de cento e vinte pessoas... Que é isso, por exemplo, com exceção do PPCAM que é mais um programa que tem?! Que age mais com as redes sociais, as prefeituras, é... Deslocamento de pessoas e tal... Que é diferente da política do Provita por exemplo. O Provita é proteção à testemunha, foi criado para combater o crime organizado, crime de agentes públicos; os chamados crimes institucionais, né... Nesse pessoal a gente não chega, os colarinhos brancos não pegou nenhum... O primeiro processo de colarinho branco era um processo laranja, daquelas empresas laranjas de quando veio aquele negócio tudo ali. Tem 12, 13 anos, ninguém foi preso. As duas testemunhas já saíram daqui, eram dois jovens que devia ter 23, 25 anos na época. Já fizeram faculdade, já casaram, já constituíram****

família... Ninguém foi responsabilizado ainda, as testemunhas já estão com medida flexibilizada e tudo... Ninguém foi preso... O cara já virou prefeito, era... Acho que era prefeito, virou deputado, já virou prefeito de novo... E nada. Então o que, que nós estamos fazendo? Nós tamo... O Programa de Proteção tá atendendo um público que... Se ele não for preso nesse, condenado nesse, vai ser nesse... Tem casos, por exemplo, inclusive uma juíza da Serra ela me execrou, brigou e soltou os presos, os dois presos que eu não consegui apresentar testemunha... Que quem são intimados são a gente para apresentar a testemunha. Aí ela soltou os caras... Pensa que é Deus, né?! Ou mais que Deus, né?! Aí marcou audiência pra um mês e meio, dois meses atrás, já veio no sistema de novo... Já tava preso de novo, já tinha feito outro crime... **Então quer dizer, você tá entendendo o que eu to querendo dizer, que é um enxuga gelo... Porque é aquela raiazinha da coisa... O Movimento não consegue fazer esse debate pra redirecionar o programa... Porque veja bem, a filosofia do programa quando nós idealizamos em 1996... Começamos a escutar isso, logo no início, quando a gente, no início que a gente começou a discutir essa questão com o Sistema de Justiça e Segurança com a Campanha Nacional contra a Violência e a Impunidade em 1993... Nós começamos a perceber de que no Brasil se você não tivesse a prova testemunhal você não conseguia responsabilizar ninguém criminalmente, porque você não tem investigação... E você não tem tecnologia, não tinha na época e ainda não tem. Tá muito fraco ainda... O projeto de segurança pública no Brasil hoje teoricamente ele é de primeiro mundo. Mas na prática não funciona ainda, tá só na elaboração e na ideologia, não tem coisa prática. E isso veio também pra quê? Pra que esse pessoal que praticavam o crime deliberadamente na certeza que não seriam punidos, né?! O agente público... O... Então, crime organizado, grupo de extermínio, né?! Era pra... Pra proteger as testemunhas desse tipo de ação criminosa pra você combater realmente a criminalidade...**

Pra ter... Eficácia... Ele não alcançou isso... E aí a minha outra decepção foi que esse programa, que era um programa de segurança pública, com viés em direitos humanos... Com a mudança da Secretária, da, Secretaria Especial de Direitos Humanos ele virou um programa de direitos humanos, com viés do Sistema de Justiça e Segurança. Então ele virou mais um programa de assistência social a vítima do que um programa de proteção... Porque ele tá mais voltado pros direitos humanos. E direitos humanos é muito amplo, e uma política muito cara, né?! E aí, quer dizer, e vem as pessoas que, com essa... Não conseguindo atingir esse outro, esse outro público ele vem pra um público mais rasteiro que é o pessoal ligado ao tráfico⁸⁷, né?! Quer dizer, aí você tem que girar em cima do problema de direitos, que é direitos humanos, né?! Então é... Aí foi difícil pra fazer esse debate pra, porque... Falei: 'A concepção do programa mudou, a concepção...' Que foi a entidade que era responsável pela questão dos direitos humanos internacional na época que começou a articular. Fez toda essa relação pelo MNDH que fez esse modelo. E quando sai dela pra uma outra entidade, mudou a filosofia e foi um custo pra fazer esse debate aqui... Pra entender, eu falei: 'Mudou gente', então aí... Porque parece que as pessoas não... **Perderam a... A lógica da luta, da discussão do debate, então é um movimento totalmente despolitizado, né?! E que é voltado pras questões práticas e financeiras dos programas. A diretoria dessas duas entidades hoje vive focada essencialmente em discutir questão de convenio. Como é que presta conta. Ah não pode fazer isso, ah não pode fazer aquilo, ah... Porque a lei não sei o quê... Fica vigiando isso, e não faz mais, não faz mais o debate da luta dos direitos humanos, né?! Coitado do Gilmar⁸⁸... Aí que tá se ralando, que é um serviçal do pessoal lá, bota ele onde quer né... Então eu acho muito difícil... Eu hoje, se você me perguntar eu digo que não... De fato não existe o Movimento, né?! Hoje ele... A questão dos direitos humanos pra mim ela é estritamente institucional, é uma política de Estado... Se ela funciona ou não?! Aí é outros quinhentos. Mas ela hoje tá, incorporou-se as demais estruturas das articulações das políticas públicas do**

⁸⁷ Não conseguindo proteger as testemunhas de crimes de agentes públicos e crimes institucionais; atende testemunhas que denunciam o tráfico de entorpecentes no Estado.

⁸⁸ Atual Presidente do Conselho Estadual de Direitos Humanos do ES.

Estado e não tem é... A pressão social porque as entidades de direitos humanos, a nível nacional, estão todas terceirizadas pelo Governo.”

A mudança... E a fé na juventude e na luta... A luta que o leva ao ensino e a Faculdade, o mundo que se abre nos estudos... O objeto de trabalho de finalização de graduação é a adequação da sociedade civil ao Estado para executar política pública. A política da democracia liberal e o fim da luta...

“Para mudar essa perspectiva e ter a retomada dos movimentos sociais... Enquanto tiver nesse ciclo é muito difícil, acho que a única expectativa hoje é com a juventude que tá conseguindo manter a luta, é... Muito ainda fragilizada, mas eu acho que enquanto não passar esse ciclo e as pessoas se derem conta de que tem que mudar... Porque pra mim não é... Não fazer a pareceria... O problema é que essa relação, eu tentei trabalhar isso na minha tese, fui até questionado que eu falei... É eu fiz é... Caí de pára-quedas na Universidade... Fiz tudo esses cursos maluco, fiz supletivo... Fiz sessenta dias... Fiz tudo, acabei caindo num boteco que era um tal de Cesatti que tinha lá na Serra. Que diz que era uma faculdade e depois a Serravix comprou. Então acabei é... Fazendo ciência política lá... É... Minha tese é... Pra mim foi um... Um mundo totalmente diferente, né? 40 anos de militância, só na prática... Essa loucura danada, você cai dentro duma... Duma faculdade onde você vai aprender teoria... Primeiro eu levei um choque depois eu fui acostumando e também fui me desarmando, né? Pra... Aí consegui terminar o curso. Tô até fazendo minha pós agora é... Em gestão estratégica de projetos sociais, né?! Mas a minha tese [monografia] eu tentei investigar se essa relação Estado e sociedade civil... É, se daria de uma forma de parceria, ou se era uma terceirização, né?! Entrevistei vários, poucos caras dessas áreas de entidades mas ele disse: ‘Não, é parceria, mas o Estado manda na gente, eles é que dizem...’ Aí eu peguei. Pra mim chegar a essa conclusão eu fui pegar os estatutos, o que tem de alteração nos estatutos das entidades pra se adequar as leis do Estado, né?! E a forma como o Estado o trata, por exemplo, olha aqui é um programa de proteção que tem um... Um, um volume de um R\$ 1.500.000,00... E depois teve que fazer campanha de cesta básica porque o dinheiro do Estado não saiu ainda. O dinheiro saiu do Governo Federal, chegou aqui, a burocracia não deu conta de fazer o repasse dentro de um mês... Um programa de proteção, testemunha, se tirar o cara ele morre, né?! As notas fiscais tem que ser todas não sei o quê... Toda aquela filosofia dum programa de proteção que deveria ter uma verba especial, né?! Quando nós fizemos um debate com o pessoal, que a gente teve seminário com o pessoal dos Estados Unidos, né?! Do Reino Unido, da Itália caramba a quatro... Lá você tem um recurso que é pra fazer isso... Do jeito que for... Mas aqui não, se comprar um lápis pra uma criança, ou você tá viajando com... Levando uma pessoa... Pra Pinheiro, Nova Venécia; a mulher tem um problema no caminho lá, menstruação, você acha um botequim na beira da estrada, se você comprar um... Absorvente e não tiver nota você não tem como fazer, tem que perder o dinheiro, entende? Como que pode um negócio desse?! Aí que eu digo, ele é um... Ele tinha que ser um programa de Segurança Pública, Justiça e Segurança com viés em direitos humanos e não o contrário... Aí que tá a minha, a minha... A minha divergência do programa, né?! Não do Movimento, do Movimento é mais... Na tese eu consegui trabalhar essa questão dessa condição e afirmei que realmente são terceirizados, né... E quando você terceiriza quem paga... Como é que você vai brigar com ele? Tanto é que eles queriam uma Secretaria Especial de Direitos Humanos e não conseguiram, no Estado. Graças a Deus que o Estado não deu, né?! Porque pegaram meia secretaria⁸⁹ ... Eu que assumo secretaria não to dando conta, entende?! O Governo... Não tão dando conta da Secretaria, o pessoal.

⁸⁹ Secretaria Estadual de Assistência e Diretos Humanos do Espírito Santo.

Então... Acho que hoje eu, por exemplo, não... **Enquanto não chegar essa conclusão de qual é o novo papel do Movimento de Direitos Humanos no Brasil, né?! Se as lideranças não chegar a não ter a capacidade de debater e chegar à conclusão de qual é o novo papel... Não tem saída pra luta de direitos humanos... Porque a essa política é... Da democracia liberal, ela substituiu a... Aquela pessoa que nós construímos nosso discurso, que seria um cidadão, um sujeito... Era transferido pra ser um usuário... Então, a lógica mudou, né?! A assistência social é um dever do Estado, assistir as pessoas... Que por uma razão ou outra carecia de algum benefício... Ele transferiu essa, essa responsabilidade para o chamado terceiro setor, que é onde as ONGs estão, né?! E aí quem vale aqui é o, ele virou cliente pra nós... O... Esse pessoal que nós atendemos é nosso cliente...**"

A democracia liberal e a inclusão... Os programas assistencialistas, como o Criança Esperança e a manutenção da pobreza... O poder e a lógica de mercado que orienta toda uma política de direitos humanos e quaisquer políticas públicas... Além da sociedade civil. O sistema neoliberal mercadológico que isola o ser humano no individualismo.

"O agir é... Do Estado... Porque ela inclui, ela não exclui, ela inclui... Então não tem ninguém mais excluído. E o que você botou? Você botou o próprio miserável pra resolver o problema dele, entende? Ah, você pega o cara, pega uma ONG, aí ela vai lá ensinar o cara, ele a fazer a vassoura bláblá pra sair da... Pra comer, entende? (riso) Você usa o próprio cara, aí vai fazer não sei o que... As mulheres ensinam a ela a fazer o que, pra ela resolver o problema da pobreza dela, porque esse terceiro setor faz isso, né... Ele (riso) bota você pra resolver... Aí cria... Aaqui não deu certo... Que aí você pega o cara da CST⁹⁰, por exemplo, trabalha lá seis horas... Aí ela sai do serviço e vai duas horas prestar serviço de graça pra fazer não sei o que... Ninguém tá fazendo mais isso, descobriu que é um... Aí você tem o, Criança Esperança, né?! Que faz política com dinheiro dos outros, você vai lá bota seus vinte, dez reais da ligação, blábláblá... **E eles faz com o dinheiro dos outros, quer dizer pobre vai permanecer pobre... E o Estado não... Então quer dizer, é muito inteligente, que aí vai naquela lógica, tá ensinando a pescar, né?! Mas não é ensinar a pescar, o problema não é esse... O problema é que tá se desresponsabilizando, né?! Você é responsável, o Estado é responsável... Porque as pessoas não se desenvolveram?! Porque não tiveram condições de se desenvolver... Aí você, mas você faz tentar ele mesmo resolver o problema dele! 'O vai aí e tenta resolver pra sair, né...'** E aí como você tem uma lógica também do próprio mercado, que pra mim hoje o poder maior é o mercado... Aí depois tem o Executivo pra executar pro mercado... E o Legislativo pra legislar pro mercado, né?! E depois o Judiciário pra aplicar a lei pra eles... Primeiro é o mercado, ele é o primeiro poder, né?! Tudo em função, tudo obedece a ele, né?! Tudo obedece a ele... Então essa lógica nesse sistema é um sistema muito enrolado... Os americanos?! Tiro o chapéu pra eles, são inteligentíssimos, pelo amor... Tudo o que você vê, o deles tá cercado (riso)... É uma lógica muito racional, muito... Porque aí você tem... O movimento sindical hoje, totalmente economicista. A força da Igreja tá na disputa dos fiéis, porque outras religiões cresceram. Então tá se preocupando com isso, tudo agora virou, né?! Todos os espaços... Faz tudo hoje pela mídia social. Você não precisa de gente, né?! Faz tudo pela mídia social... Eu tava olhando... Tava lá dizendo que o movimento que eles fizeram... Aí o cara mandou um monte de polícia. Aí eles tavam reclamando, com esse... Excessivo, eu falei: 'Não foi Gilmar... Você não botou gente cara, se o cara

⁹⁰ Companhia Siderúrgica do Tubarão – Bahia de Vitória/ES

manda duzentos caras do DME você tá fazendo uma marcha com cem vai dar dois por um só, sua marcha vai sumir...’ Falei: ‘Não é excesso de força e falta de gente...’ Ninguém vai pra rua mais, né?!⁹¹ E esse sistema ele também te isola pra você ficar no individualismo. Então quer dizer, pra juntar a... Porque isso, por que eu falo que eu não acreditava mais no Movimento dos Direitos Humanos... Porque ele é um movimento muito novo, porque ele tem vinte e poucos anos. Então não podia pendular agora, mas ele pendulou por falta de é... De estratégica política, de visão política dos seus dirigentes... De não trabalhar pra saber qual seria o segundo passo do Movimento. Porque uma coisa é você trabalhar, porque nós estávamos trabalhando para que o Estado assumisse os direitos humanos e quando o Estado assumiu o que nós íamos fazer?! Qual era nossa outra frente de luta? E ninguém pensou nisso, se acomodou, né?! Até porque o modelo ele é muito sedutor e quando o pessoal foi ver já tava dentro e não soube como sair, entendeu? E aí como esse pessoal tem uma formação, a maioria dos dirigentes tem uma formação de Igreja, particularmente no Espírito Santo, eles é... Quando as coisas não parece, não tem saída... Ou seja, o círculo fecha, eles começam a se digladiar pra dentro, dentre eles mesmo, né?! Aí as pessoas tira as pessoas, né... Há exemplo de outro, porque eles começam a comer pra dentro, sabe como que é? Vamos comer a carne que tem. Então acho que esse foi um grande prejuízo, né?! Porque primeiro porque tinha pessoas que tinha muito fôlego ainda... Que poderia ter contribuído e saiu por causa da inércia e por causa da falta de definição política, né?! **Para um nova conjuntura, isso não quer dizer que as pessoas não foram importantíssimas em todo o processo... Mas acho que na hora que o círculo fechou, eles se perderam; não conseguiram sair e ao voltar pra dentro acabou matando o Movimento... Porque o Movimento aqui de Direitos Humanos ele era mais forte que o Movimento Nacional, né?! A organização era mais forte que o Movimento Nacional, né?! Então?! Mas acabou... Aí fica fazendo o tal de seminário, formação não sei de quê, formar pra quê? Pra fazer o que? Né?! Então eu acho que se perde mesmo... Mas isso é fácil pro Estado, né?! Você pega por exemplo, o que a Secretaria Estadual de Direitos Humanos aqui no Estado faz? Seminário, debate, *blablabla*, fica ali naquele... E o Movimento fica naquele círculo ali, inclusive ele deslocou seu lugar de reunião é dentro da própria estrutura do Estado, né?! Nem local próprio isento... Eles tão fazendo tudo dentro do Estado. E aqui no... No Espírito Santo eles foram todo pra dentro do Conselho esquecendo que o Conselho é um órgão... Apesar de ter a participação da sociedade civil que fui presidente dele durante muito tempo, mas ali... Sempre falei com eles... Isso aqui é um espaço público, que quando eu queria sair; eu falei vamos deixar Conselho... Na época do meu rompimento eu falei: ‘Gente vamos é... sair do Conselho, sair da Presidência, sair de tudo...’ ‘Vamos deixar pra qualquer outra entidade, OAB, né?! Igreja, Justiça e Paz, não sei o que’... Sabe que a Justiça e Paz hoje sem força quase nenhuma, né?! Mas eu falei: ‘Deixa Cáritas, deixa quem quiser, vamos voltar pra fora... Vamos nos reorganizar, pra nós vir mandar demanda pra cá pro Conselho...’ Disseram... ‘Não, não, pode não, que esse espaço aqui é nosso, não sei o que...’ Ficaram lá dentro e aí foi todo mundo lá pra dentro, a entidade, a discussão deles, o debate, tá tudo lá dentro. Parecia, eles pegaram o Conselho Estadual de Direitos Humanos como fosse o núcleo forte, a organização forte para a questão dos direitos humanos e esqueceram de que ali é do povo capixaba, espaço público. Essa confusão pra mim foi o que levou a total desclassificação do Movimento de Direitos Humanos e a falta de proposição, né?!**

A liberdade me dada... Poder contar a vida sem *pudor*...

“Mais ou menos isso menina... não sei se você... Mas você pode limpar aí e tirar só o que você quer, tem esse negócio não, eu gosto de falar livremente... Pode

⁹¹ Entrevista realizada em fevereiro de 2013, antes das manifestações pelo país de junho e julho.

escrever, pegar o que você quiser, isso não tem problema não... Não tenho esse pudor não, sabe..."

A imagem do Estado do Espírito Santo. O que a militância em direitos humanos marca a vida do Isaias, dos 11 aos 58 anos de idade... Vida com a sua família e seus filhos, o seu dia-a-dia, que nada está deslocado e o não arrependimento da vida e da caminhada... O samba... Os caminhos ainda por vir, mas sem esquecer a história que viveu e que fez parte. A previsão de um fenômeno que tirasse à apatia dos movimentos sociais. E por fim, o aprendizado da pesquisadora na riqueza de visão panorâmica e a felicidade da escuta...

"Difícil de mensurar [as marcações]... Sim, porque eu acho que é... Eu apesar das minhas decepções, né?! Eu reconheço primeiro que isso faz parte da luta, né?! E a gente luta com os companheiros e companheiras, todo mundo somos seres humanos, todo ser humano tem interesses, né?! Mas é... Eu inclusive até... Claro que em muitos momentos eu senti falta daquelas pessoas que sempre tiveram ao meu lado, né?! Pra conversar, pra refletir, pra ajudar encaminhar, e eu me senti no final é... Com a minha saída assim, uma certa coisa de abandono e isso me deixou assim a... Muito assim, uma coisa que eu nunca gostei foi ter dificuldade de relacionar com outras pessoas... Dessa militância, que eu vivi praticamente nos direitos humanos, né?! Porque eu abracei com muita... Com muita força e a minha, minha angústia maior é porque muitas pessoas que se espelharam em mim, todas elas também tiveram essa decepção, né?! Que inclusive até teve pessoas dessas que o pessoal disseram que tinha falado, né?! Feito sérias acusações contra mim, vieram me dizer, querendo oferecer apoio pra mim processar essas pessoas. Aí eu falei, literalmente, falei: 'Eu não vou fazer isso...' Até porque eles se espelharam em mim, acreditaram primeiro que a justiça, que o poder judiciário era eficiente, existia, né?! Que o Ministério Público era um órgão de defesa da sociedade, que a Defensoria Pública era tudo e acabaram se complicando... **Então pra mim elas são vítimas e eu não vou processar uma vítima porque eu tenho consciência do preço que eu tenho que pagar pela minha militância, né?! Então eu tenho essa consciência... Agora, eu... Eu espero ainda tentar escrever tudo isso, quero até o final da minha carreira (riso)... Tentar sistematizar toda essa história de vida que eu tive... Mas isso me dá muito prazer porque primeiro... Acho que um dos melhores momentos que eu vivi foi... É o momento... Dois momentos importantes na luta dos direitos humanos que foi a criação do Fórum Campo Cidade, né?! Que pra mim foi uma coisa muito brilhante do movimento social... O que eu mais gostei e depois... Um que eu não tinha falado, que foi também a capacidade de o Movimento com a ajuda muito marcante de Oscar Gatica... Que nós conseguimos construir o Fórum permanente contra violência é... Impunidade, Fórum Reage Espírito Santo. Foi um momento muito importante que nós conseguimos que nossa força não tinha mais, mais, a nossa voz... Não tinha mais força e eu lembro que o Oscar falava: 'Nós temos que arrumar uns notáveis aí pra poder é... Ver se nosso eco chega onde tem que chegar'. Porque... A gente tava rodando e não saiu o círculo tinha fechado pra gente. E os caras, né?! Pessoal do crime, batendo na gente. E a gente conseguiu... Articular alguns pastores, bispos, políticos da época, mesmo com todos os oportunismos que houve de pessoas que acabaram faturando politicamente, né?! Do nosso trabalho, a gente sabia de gente que fazia aquilo. Então, mas acho que foi um momento muito importante que isso aí, de qualquer forma deu uma outra imagem ao Espírito Santo, né?! Eu acho que o Espírito Santo hoje é um Estado é... Promissor, um Estado que mais cresce, apesar ainda de continuar a desigualdade da distribuição de renda, no Brasil todo e tal... Mas o**

Espírito Santo teve uma outra imagem hoje, né?! E eu acho que o Movimento Nacional de Direitos Humanos contribuiu pra isso, né?! Foi decisivo porque encarou uma estrutura criminal, criminosos, né?! De alto poder, com a participação de todos os membros do sistema, né?! Dos poderes do Estado, então acho que foi muita, foi muito risco que nós corremos, né?! Apesar de ter perdido alguns companheiros... Na periferia de todo esse movimento, né?! Pessoas da nossa... Mas acho que foi um momento muito importante pra... Que ficou na história do Espírito Santo. Essa mudança da ordem política e econômica, do respeito que o Estado do Espírito Santo. Hoje realmente o Estado do Espírito Santo é um Estado que compõe de fato a Região Sudeste, né?! Que até antes não era reconhecido. Acho assim, foi marcante pra minha vida, né?! E eu não me arrependo de nada que fiz, né?! Agora... Saindo dos direitos humanos para o mundo do samba, dando uma contribuição lá... Os direitos humanos também... Samba também é direitos humanos (riso). Minha família... Filhos, e todos três são militantes... Meu filho é... Ele é coordenador do Fórum Estadual da Juventude Negra, né?! Continua Conselheiro do Movimento Nacional de Direitos Humanos, meu filho... Tá ocupando os mesmos espaços que eu já ocupei, então, né?! E os outros são tudo crítico, todos tem militância na área... Na questão racial e direitos humanos... Eu tenho uma filha com... Também já com 30 anos que... Formada em história, a... Ana Paula... E tem o Luiz Inácio da Silva Rocha que é formado em Direito, né?! E trabalha no... Inclusive é Secretário Executivo do Conselho Nacional de Direitos Humanos e coordena o Fórum Estadual da Juventude Negra... E meu caçulinha que é o Iny Silva Rocha que ele... Santana é o meu... Que na época tinha que fazer a carreira dele... Ele faz teatro, faz artes cênicas em Ouro Preto e também é militante do movimento social. Então, quer dizer, uma pessoa que chegou... Caiu de paraquedas no Espírito Santo, né?! Que até os 30, 40 anos era extremamente analfabeto. Que aprendeu tudo na vida, né?! Que a faculdade foi mais pra mim sistematizar um pouco daquilo que eu tinha vivido, né?! Mas esperei formar meus filhos quase todos, que o outro tá terminando... Eu terminei em 2011, né?! Ele termina agora esse ano, o caçula tá terminando o curso superior dele. Então eu me sinto também muito feliz e ainda quero... Mas vou continuar refletindo, contribuindo, né?! Eu acho que... Não sei se tenho mais disposição para a... Uma militância no movimento social, né?! Do jeito que eu militei, mas eu acredito que a responsabilidade... Eu me dou por satisfeito, né?! De ter contribuído no que eu pude contribuir, né?! E quero agora aproveitar e aceitar o novo... Que essa turma tá trazendo, né?! E tentar de certa forma trabalhar mais uma forma de assessoria, de conversa, porque pra mim é muito importante você, mesmo criando novo, renovando... Isso é importante, mas tem que olhar pra trás, né?! Pra entender o momento e visualizar, enxergar pra frente, pro futuro, né?! Então acho que... Isso eu quero trabalhar muito com o... Com essa juventude pra tentá-los, né?! Porque aí a... A memória ela é muito importante, né?! Eu que convivi com algumas pessoas... Porque eu comecei minha militância ainda dentro do regime militar, em 1975 é... Mais nessa área mais classista, né?! Eu convivi com algumas pessoas... Que hoje não existem mais e que me deram muita, muita, é... Me contaram muita história, né... Que foi a história deles, o que eles acreditavam... Então pra mim a esperança ela não pode acabar... Eu acho que tem possibilidade de mudar esse quadro, né?! Mas é... O que eu tenho que ser real na minha, na minha análise, né... É de que pra mim não é uma coisa a curto prazo, né... A não ser que aconteça alguma outra... Um fenômeno qualquer até que... Mas eu acho que esse círculo ele tende a ter um foro maior, né... Então é preciso... Agora é preciso de que a, a tanto o Movimento Nacional de Direitos Humanos, como outras organizações de movimento social tem que ter a habilidade... A capacidade de refletir... Porque tá todo mundo voltado pro institucional, né... E aí isso pode, né... Fazer com que essa história, esse círculo, né... Tenha uma durabilidade maior por causa disso, né... Então tem que criar uma estratégia de sair dessa, de romper com essa lógica é estabelecida.”

e) Perly Cipriano:

A perspectiva do ser humano... Biografias não contam realmente o que as pessoas são. Esquecem de contar as várias facetas de ser gente! As escolhas de criar mártires pela literatura.

“Normalmente não leio biografia, acho todas elas... Tenho lido pouco, elas são muito... Exaltam demais... Eu não gosto muito... Mas essas?! Maria... Vocês estão contando fatos, e pessoas opinando, de maneira... Quer dizer, o tamanho da pessoa vai ser aquilo que mais ou menos aquilo tá sendo relatado e não aquilo que a pessoa descreve, né!? Achar que o Che Guevara nasceu revolucionário?! Não! Ele era de classe média, estudante, bagunceiro, namorador, farrista, é isso que ele era... Saia se aventurando, em aventuras por essa América Latina. É... Visita a manicômio, frequentava as prostitutas... Era, ele o ser humano, aquele que tem que ser ressaltado e não... Então eu acho que esse é um aspecto novo. Bom, então como é que seria?”

A definição de direitos humanos e a nossa legislação bastante avançada. A legislação não desconstrói uma cultura de violações de direitos. A colonização e a escravidão que criaram a cultura violenta e violadora.

“Eu posso, eu faço um relato, rapidinho das coisas e... Bom... É... Bom, bem rapidamente, a melhor definição de direitos humanos foi em Brasília... Uma adolescente, ela disse que o... **Em direitos humanos, eles são uma espécie de tribo civilizatória, um negócio assim...** Trabalhava o seguinte, é a gente... As pessoas remam contra a maré, tem que ter uma certa persistência, uma determinação. No Brasil, hoje nós temos um arcabouço legal de direitos humanos muito avançado. Nós temos uma Constituição e ela tem, grande base dela é voltada para direitos humanos, importante que é a lei máxima. E nós temos, o Brasil hoje é signatário para todos os Tratados e Convenções de Direitos Humanos no mundo. Todos praticamente. É... Nós temos Secretaria de Direitos Humanos que é o Ministério, nós temos Secretaria da Mulher, Promoção da Igualdade Racial... Nós temos muito Estatutos, da Criança, do Idoso, da Pessoa com Deficiência, e outros Estatutos vão surgir... Então, do ponto de vista legal, do ponto de vista legal, o Brasil é um país que tá bem estruturado. Mas é um país que tem uma tradição de violação de direitos muito grande. **Nós somos um país, que em 1.500 aqui chegaram os colonizadores... A primeira violação de direitos humanos, ocupar as terras que pertenciam aos povos indígenas. Não apenas ocuparam, ocuparam e quase exterminaram os pobres indígenas e fizeram a sua expansão, o seu enriquecimento através do trabalho escravo, portanto quase exterminaram populações da África... Milhões e milhões vieram pra aqui. Durante um longo período o Brasil tinha, a maioria da população era constituída de pessoas escravas, ou sujeito à escravidão. Porque os índios quando se afastavam nos ambientes que os não índios estavam, eles eram capturados, as, as entradas é... Os bandeirantes, essa história toda que a gente ouve falar, as vezes a pessoa expandia, não era só expandir o país, eles expandiam pra capturar, aprisionar, matar os índios e trazer como escravos... E já tinha os escravos da África, então é um país que criou uma cultura de muita violência e violação de direitos humanos, como natural! Uma família rica, que tivesse escravos, uma família rica que tivesse escravos. A mãe batia na escrava, o menino batia no menino escravo e ninguém sentia tristeza... Dor nem nada era apenas um**

animal, assim como as pessoas tem hábito de chutar o cachorro, o animal. O escravo não era considerado praticamente humano, até a Igreja mesmo em dado momento discutia se o negro tinha alma. A própria Igreja discutia isso, e os índios também sofreram o mesmo tipo de... Então o país criou uma cultura, violência contra os negros e contra os índios era algo plenamente natural, e era a maioria da população naquele período. Então criou essa cultura, porque ninguém nasce machista, racista, violento, autoritário, preconceituoso, ele aprende a ser, isso é o que Mandela diz. Se ele aprende a ser preconceituoso, violento, machista e autoritário, ele pode ser ensinado a ser solidário e fraterno. Então, a nossa cultura foi essa... Apreendeu essa visão, tanto é que a tortura hoje, no Brasil ainda, ela lamentavelmente... Ela ainda tem muita aceitação, aceitação que as pessoas falam, as mães choram diante da televisão e diz, meu filho foi... Bateram muito no meu filho, e ele era inocente. Ela sem querer está dizendo, se ele não fosse inocente podia apanhar. O Brasil tem que ter uma Lei Maria da Penha, que significa violência contra mulher, uma lei para que não pudesse espancar uma mulher, imaginar isso é?! Isso é uma cultura introjetada que veio..."

A infância e a violência institucional que fundamenta as violações... O aprendizado pelo preconceito e pela violência. Mas a 'sorte' de uma grandeza na simplicidade da família de construir o respeito e a dignidade pelos seres humanos.

"Nós, agora a Maria do Rosário, atual Ministra, ela como deputada apresentou um projeto de lei em que os pais não vão poder bater nos filhos. Imagine um pai batendo num filho, a cultura era plenamente normal, eu fui criado pelo meu avô, ele era um tropeiro, eu... Ele nunca me bateu, minha mãe era uma pessoa... Mal desenhava o nome, ela apenas me deu três chineladas. Então, por que razão eu não sei, eles apenas criaram a cultura de que bater não era certo. A primeira vez que eu apanhei de verdade... Eu apanhei foi na escola, palmatória, pra mim aquilo foi terrível, palmatória, *cocorote*... Eu apanhei isso em Barra de São Francisco⁹²... Então, uma pessoa que não tinha apanhado em casa... Apanhar na escola?! Ah, boa, uma parte das professoras, bons professores eram aqueles que eram bastante rígidos. Que impunha respeito, né?! Eu apanhei, fiquei de joelho, sofri palmatória, levei *cocorote*, e tinha um verdadeiro pavor... Eu tinha desespero, chegava até a rezar pra ir pra escola. Um dia eu vi uma professora castigando um menino, o menino fez uma arte, como todo menino que se preza. Que tem saúde, é bagunceiro, é arteiro, é isso mesmo, é a forma dele aprender no mundo. Eu vi um dia ela pegou o menino, botou na frente da sala, foi lá numa menina que tinha... As meninas usavam umas fitinhas vermelhas no cabelo, todas meninas tinha. Era o uniforme, então aquela fitinha vermelha, tiraram a fitinha vermelha da menina e botaram na cabeça do menino na frente da sala. Eu tinha pavor, chegava a ter quase pesadelo daquilo, porque já era um machismo, né?! Imagina se eu for lá pra frente e alguém... Humilhação... Então é entender como essa cultura foi intensa. Eu comecei, desde criança eu aprendi ver algumas questões, eu vi é... Por sorte; a minha mãe era uma pessoa simples, ela falou comigo, passava uma pessoa, tem até no livro se tiver oportunidade depois você vai ver, ela... Passava as pessoas lá em casa... Tinha uma pessoa, o seu Estrela, ele era pomerano, falava muito mal o português, pobre, andava descalço, toda semana ele vinha, toda semana ele vinha lá da roça... Andava por volta de dez quilômetros pra vender, todo sábado ele trazia o queijo, os ovos pra vender na cidade. Antes ele passava na minha casa, aí meu pai chamava: 'Seu Estrela'... Ele descia, ia lá em casa, que era tudo encostado, tava lá um bom rapé, aquela caixinha de rapé, dava uns espirros tremendo... Aí gritava pra trazer o café, trazia o café e o *Seu Estrela*, aquele branco, descalço, com as roupas... Não tinha cinto, amarrava com a parte detrás, né?! E tomava o café... E quando ele saía pra rua eles abusavam, os meninos abusavam dele. 'Seu Estrela, cadê a lua?' Aí abusavam, ofendiam aquele

⁹² Município ao noroeste do Estado do Espírito Santo, fazendo fronteira com Estado de Minas Gerais.

homem e ele ficava num nervoso e ficava desesperado, xingava... Às vezes ele usava a expressão, depois você apaga isso aí, estrela tá no... De sua mãe seu filho da puta... Tô dizendo assim que é a expressão que ele usava de desespero, e ele algumas vezes chegou a baixar as calças e mostrar: 'Aqui tá a estrela'. A humilhação desse homem. **E minha mãe falou comigo, né?! Que muitas coisas que a gente faz, a gente aprendeu lá atrás... Não é agora. Agora a gente aprende também, sempre. Mas minha mãe falava sempre Jesus Cristo veio à terra na forma de pessoas como seu Estrela... Os doidos era a expressão que usava, os aleijados, era a expressão que usava... Nas mulher da rua... Então Jesus vinha nesse corpo, dos doidos, dos cegos, dos aleijados, era a expressão que usava na época... Dos mendigos, que tinha, hoje tem muito. Mas já existiam os mendigos, os pedintes, enfim, era nesse corpo que vinha Jesus. Eu ficava assustado, então eu nunca, nunca, acabei... Não abusava nem dos chamados doidos, nem dos aleijados...** Essa é a expressão, meu avô tinha uma deficiência, ele andava com a perna... O animal quebrou a perna dele. Então eu fui crescendo com medo de... Racismo, né?! Muito racismo, eu cheguei ver no futebol, quando eu era criança, a principal brincadeira que tinha era as pessoas vendo o jogo, abusar dos negros. Era a principal brincadeira: 'Ô macaco, ó uma banana aqui pra você'... 'Ô pacote de fumo'... 'Ô carvão'... Era algo normal, as pessoas faziam, faziam aquelas brincadeiras, era brincadeira, as pessoas não achavam que estavam fazendo nada errado, não achavam, mas imagina um negro o que ele não sentia daquilo... Os negros se destacavam no futebol, era chamado de macaco, pacote de fumo, carvão e outros nomes que eles achavam na época. Eu assustava com aquilo... Porque minha família, boa parte da minha família é negra, em casa não via... Mas via a discriminação com o 'Seu Estrela' que era pomerano... Branco, eram as pessoas mais pobres que tinha, esses pomeranos... Eles não falavam bem o português, quase ninguém votava. Então eles sofriam humilhação, então minha família que tinha muito negro na família, contra negro não tinha muita coisa... Dentro da minha família... Mas eu via as pessoas abusando do negro no futebol, nas brincadeiras, nas ruas, ET... E eu aprendi, quer dizer... Ficava ouvindo falar mal dos pomeranos, que era analfabeto... Eles abusavam, dizia, falavam muito, de vez em quando a polícia invadia a casa dos pomeranos, batiam neles, roubavam deles. Se ele não vota e é pobre, então ninguém dava atenção por eles e... Inclusive, muitas piadas contra os pomeranos... Não cresci ouvindo piada contra o negro, ouvi piada contra o pomerano. Dava impressão que o pomerano, as vezes até, na piada até tinha um negro no meio da história da piada. Contando de como ele enganava o pomerano, roubava as coisas do pomerano... Tomava a mulher do pomerano, quer dizer, aquilo que a gente vai vendo... **Então o racismo, o preconceito ele vem por aí. Eu apanhei na escola, vi preso apanhando. Quer dizer isso tudo me assustava muito, né?! E... Com aquela história que a minha mãe falou... Claro que não é só isso, é a vida também, a gente vai olhando as pessoas... Passava um doido lá em casa eu pensava: 'Passou Jesus'... Né?! Então eu não queria tratar ele mal, então é... Isso aí ainda na frase mais rudimentar... E é isso que as crianças estão... Uma criança que vê pai batendo na mãe ele crescerá com a mesma ideia... E quando ele tiver uma namorada já vai querer dá um tapa nela se puder. E as vezes a mãe apanhava tanto que ela não podia reclamar, reclamar a quem? Ela dependia do marido pra comer, beber, vestir, ter roupa e ter onde morar... Ela resistia àquilo sem falar quase nada e depois também se saísse de casa... Ainda ela que era falada: 'A mulher largou o marido, portanto ela...' Hoje, não, hoje não é mais isso, mas eu quero dizer que no lugar que eu vivi era isso que falavam, a mulher que saía de casa... Logo ela era uma pessoa... Não era uma boa mulher, nem era uma boa mãe e se ela tivesse separada do marido... **Tô falando assim pra ver como esse preconceito é duro, se ela tivesse separada do marido... Seja porque ela apanhou todos os outros homens, ou quase todos, se sentiam no direito de... Usarei a expressão assim: 'De cantar essa mulher'... Ela não tinha... A mulher é como se ela não tivesse direito de um dia reco... Refazer a sua vida. Ela tá separada, logo... Tá disponível, então isso tudo é cultura, então quem... Apanhar já era um hábito, achar que ela não tinha direito era outro hábito."****

A cultura violenta e a construção do sujeito preconceituoso... A contradição das minorias em números, no não reconhecimento dos direitos das maiorias minoritárias... Os direitos humanos e o dever de mudar a cultura preconceituosa...

“Então a gente vai vendo o preconceito em torno da gente, no dia-a-dia, os mais pobres, né?! Como ficavam... Então isso aí a gente vai, no dia-a-dia percebendo isso aqui... Então o ser humano ele vai sendo, pode até virar preconceituoso ou pode deixar o preconceito. Por isso que a gente não pode achar que nenhum, nenhum, nenhum hábito ou costume ele é natural. Ele é criado sociologicamente, o racismo, o machismo, a xenofobia, a homofobia. Hoje já faz a grande batalha dos gays, né?! Travestis, transexual... O Obama⁹³ tá tratando... Nossas leis tão tratando, já fizemos a maior manifestação do Brasil sobre isso. A primeira Conferência⁹⁴ do mundo... LGBT, foi eu até que coordenei essa Conferência. Até o Papa já tá tratando do tema. Então, são temas que estavam ocultos e o preconceito e os direitos humanos tem que tá atento a isso, as vezes a chamada... Eu me lembro quando começa a luta mais de direitos humanos... Que ele começa a despertar, ampliar, eles falavam das minorias, as mulheres eram minorias. Imagina, mulher nunca foi minoria, em lugar nenhum. Ela pode ser pode ser que tinha menos direitos, mas minoria não eram. Os negros, as minorias, o negro é maioria no Espírito Santo... E em outros lugares e a gente falava minorias, é... Então todos aqueles discriminados eram minoria. Podia dizer até que tem menos direitos, mas não que fosse minorias e eram pessoas invisíveis. Você é bastante nova... Mas alguns anos atrás, qualquer 20 anos atrás... O negro era bem invisível. Você não encontraria um negro no shopping, no aeroporto, na universidade, nas festas que frequentava, nos clubes de carnaval... Quando você encontrava um negro é quando tinha uma festa de rua. Aí os negros ali dançavam, mas nos clubes não. Eles eram pouco lembrados, então as pessoas cresciam não vendo o negro... Então achavam plenamente natural é... Aceitar na sociedade, você chegava em determinada cidade você quase não via negro... Porque numa loja bonita, o negro não tava lá... Teve um período que não é muito distante. Que em Salvador a maioria das pessoas que trabalhavam no shopping não eram negras. Tinha poucas pessoas, porque tinha se criado um modelo... Que bom pra trabalhar no lugar dele quase sempre era mulher, bonita, nova, mas não negra... E as pessoas na medida que vão vendo essas coisas toda elas vão se acostumando. Então direitos humanos ele tem que ir pelo contrário... Ele tem que trazer essa, essa indignação dos que sofrem discriminação e criar mecanismos, na cultura... Tem que fazer mudanças na cultura, na maneira de ver, de pensar, de agir, mas pra isso precisa fazer leis, né?!”

Os direitos das mulheres e a construção da sociedade machista e de propriedade do corpo feminino... A permanência da luta pelos direitos humanos... A contradição do preconceito: Tiririca x Paulo Maluf... O racismo e a divisão de classe no Brasil.

“Em 1930 as mulheres nem votar podiam, se elas votassem, segundo a visão da época, elas poderiam desmanchar a família... Imagine se a mulher votasse num candidato e o marido no outro, não podia. A mulher não podia nem sequer, sequer trabalhar, ela tinha que ter autorização do pai, do marido, do irmão mais velho, senão ela não podia trabalhar, porque ela é uma pessoa, ela não tem muita competência, ela não tinha autonomia pra decidir. E quem autorizava aquela mulher trabalhar?”

⁹³ Atual Presidente dos Estados Unidos da America.

⁹⁴ Conferência Nacional de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais de 2008 - <http://portal.mj.gov.br/sedh/co/glb/registroconfglt.pdf>

Então isso tudo era uma cultura que se aceitava isso plenamente, as mulheres que lutavam pelo direito de voto, não era bem vista na sociedade, não era verdade que ela fosse bem vista. Às vezes até algumas mulheres, de tanto sofrer, achavam realmente que votar era um negócio complicado: 'Muito pesado pra minha cabeça saber de uma coisa dessa, política é coisa de confusão'... Então hoje tem uma mulher Presidenta, então você imaginar recém... Não faz muito tempo tinha normas e leis proibindo mulher jogar futebol, que se a mulher jogasse futebol ela ficava musculosa e fugia do padrão que precisa pra mulher, ela não podia jogar bola. Tinha leis proibindo, tanto é que nos primeiros lugares que as mulheres começaram a jogar foi quase uma subversão e quase algo assim meio mal visto pela sociedade: 'Que história é essa que uma moça vai jogar?' A mulher casada nem pode falar que ela pudesse jogar. Então hoje já se vê, normal, dentro de alguns tempos as mulheres vão ser consideradas melhores craques que os homens. **Mas esse é a mudança, por isso que os direitos humanos têm que sempre ser visto como uma luta contínua. Ela tem que tá na mudança dos costumes e tem que ter leis e normas.** O analfabeto não podia votar sob o pretexto que se o analfabeto votasse... O que ia acontecer? O analfabeto vota, vota aqui, vota na África... Vota do mesmo jeito que os outros, e não tem, não tem... Depois que terminou o voto não sabe se foi pior ou melhor. Não é verdade que tem que ter, senão a gente não... Onde é que se vê um bom número de corrupto mesmo, né?! É com diploma de Haward tudo, né?! Não é o analfabeto. Então é só verificar... **É recente, quando Tiririca foi eleito, gerou aquele verdadeiro grita... Ele foi eleito com uma votação muito grande, claro que as pessoas votaram como protesto, né?! Necessariamente não foi nas propostas... Foi um protesto, mas votaram. E ele foi, teve uma imensa votação... A discriminação que teve na justiça eleitoral de promotores e etc... É de saber se ele sabia escrever, se ele não sabia escrever, mas ninguém perguntou ao Maluf, né?! A eleição do Maluf ninguém estranhava, né?! Ele tem um montão de cursos, mas o envolvimento na corrupção não tem problema. Mas o Tiririca, o grande crime que ele tinha... A origem pobre e pouca escolaridade. E hoje é só observar que entre os deputados ele foi considerado um dos melhores... Ele tá entre os vinte melhores deputados que apresentaram melhores projetos. Mas o preconceito nas pessoas... E você encontra pessoas cultas... Às vezes até que diz que entende de direitos humanos. E fala: 'Não elejo um analfabeto igual Tiririca'... É só imaginar o Lula, quando o Lula foi candidato eu escutei muita gente falando: 'Não sabe falar inglês, como é que ele vai falar lá fora?' E o Lula respondeu: 'Lá fora eu vou contratar um intérprete... Que gera até um emprego, e assim lá fora eu vou falar na minha língua'. Aquilo que achavam que era uma grande deficiência era uma grande vantagem. Fernando Henrique... fez uma palestra em francês na França e em Inglês nos Estados Unidos. Quando a pessoa faz isso ele não é muito aceito lá. Ele é considerado uma pessoa que não tem amor pela sua língua pátria. Eu vou na França e vou falar em francês, né?! Tudo bem, se fosse uma competição, mas ele lá tinha que falar em português. E quando o francês vier aqui, fala em francês, nós é que temos que arranjar um interprete pra isso... **Então, é perceber de como os preconceitos eles estão mais... Agora na discussão das cotas, que eu acompanhei isso bem... Já na década de 1970 eu era do Partido Comunista e os comunistas tinham por obrigação defender a questão do...** Embora na época, depois eu conto essa história, em 1970... Um negro entrou na universidade, ganhou na justiça o direito de entrar numa universidade, James Meredith, ele ganhou o direito na justiça. Quando o negro James Meredith foi pra entrar na Universidade, na porta da universidade estavam os professores e os estudantes: 'Negros não!' Pra impedir dele entrar... Foi preciso que o exército americano assegurasse o direito do negro entrar na Universidade, né?! **E hoje tem um presidente negro, então entender que essa mudança hoje o homem mais poderoso do mundo... Na economia mais poderosa do mundo, os Estados Unidos tem um negro na Presidência, pra entender que essa mudança... Os negros nos Estados Unidos não podiam entrar em muitas Igrejas... Não puderam morar no mesmo bairro... A gente fala assim mas aqui não precisou da lei que os negros eram tudo pobre. Então não tinha onde e... É só lembrar que****

no Espírito Santo a filha do Albuíno⁹⁵ foi barrada na Praia do Canto... Por uma pessoa moradora dali, deve ser de classe média, às vezes não tão rica... Que viu uma negra entrando no elevador social e ela foi barrada. Imaginar no Espírito Santo, recentemente, a filha do Governador foi barrada?! Sem falar no fato que quando as cotas... Quando começa a discussão das cotas aqui no Espírito Santo, teve manifestação de estudantes de classe média, de alguns cursinhos poderosos, nada contra, não quero discutir isso, mas eles tinham bons professores assim que era dito, tinha tempo pra estudar, tinha os livros, tinha aulas particular e depois faziam o concurso, faziam o vestibular. Tinham mais facilidade de entrar na UFES. Um favelado que quisesse, primeiro terminar o curso era difícil, ele fazer cursinho aonde? Com que dinheiro? Mesmo que ele ganhasse pra fazer o cursinho, ele tem que trabalhar pra viver. Um menino de... Dos pobres, 13, 14 anos é engraxando sapato, vendendo pirulito, amendoim, laranja, se virando na vida... Então ele, qual o tempo que ele tem pra estudar? Aí depois você chegava na Universidade e não tinha muito negro. **A primeira coisa, preconceito... Negro não tem muita capacidade... Aí quando veio a cota, que a maioria da população é negra no Brasil e no Espírito Santo em especial... É quando fala na cota tem um debate imenso na classe média e às vezes no meio de pobres também...** Diziam: 'Não! Vestibular... Ali é pra mostrar a capacidade de cada um'... Mas qual capacidade? Que instrumento eu dei pra essa pessoa? Mesma coisa, você não joga bola. Mas imagina, uma pessoa de chuteira, um cara bem alimentado, que treina, tem treinador, faz exercício e tal, usa chuteira, caneleira e tudo e vai jogar futebol... E do outro lado do time é de pessoas com fome, descalço, sem treinamento e sem tática, não pode! **Isso não é uma competição de futebol, é uma deslealdade... Então, o ingresso na universidade era... Mas era visto o contrário, era visto o seguinte estamos... Aí um professor, aqui no Espírito Santo dando uma entrevista. Ele falou que o Governo Lula no caso tinha tomado... Já muita coisa da classe média agora tava tomando as vagas da universidade. E teve estudantes, em frente a UFES fazendo manifestação dizendo o seguinte, que aquilo era um absurdo que o negro pudesse ter uma cota.** A maioria da população é negra, eu estudei... Aqui no Espírito Santo eram raros os negros, na engenharia... Albuíno era quase um milagre, não tinha muitos negros fazendo engenharia, medicina... Raríssimo, eu conhecia alguns, mas muito poucos, os cursos chamados, ditos mais... Que eram mais nobres que a gente falava na época... O negro tinha pouca chance. A chance às vezes era fazer Direito, que o Direito podia ser feito à noite, né?! Então o cara trabalhava... Às vezes alguns escapavam, chegavam lá. A Escola Vermelha, na Praia Vermelha, aquela Faculdade de Medicina... Em sessenta anos, esse é um relato... Em sessenta anos na Escola Vermelha... Tinham passado por lá três negros, simplesmente da classe média que milagrosamente conseguiram passar... Fica lá no Rio de Janeiro... E com a cota passou a ter no primeiro ano... Acho 37... Hoje em dia a cor da, da, daquela Universidade tá mais ou menos equilibrando... Vai ter branco, negro, índio, vai ter tudo... Então é preciso compreender isso... Nós, eu me lembro que, de como a gente vai mudando a cultura que é difícil."

A passeata dos 100 mil... O Racismo e o branqueamento do povo brasileiro... O sincretismo religioso como forma de resistência cultural. O preconceito às religiões de matriz africana.

"Quando houve a passeata dos cem mil, o Nelson Rodrigues... Esse grande, esse grande escritor nosso. Que não tinha muita escolaridade é bom que se diga... Ele, ele faz uma avaliação da passeata dos 100 mil. Ele exalta... Como Vladmir Palmeira fala: 'Levanta!' E aquela multidão levantava... 'Senta!' Mostrava o comando da liderança dele. Mas ele faz uma pergunta que incomodou toda a Esquerda brasileira... Ele diz o seguinte: 'Eu não vi um negro na passeata.' Passeata de 100 mil, ele diz: 'Eu não vi

⁹⁵ Governador do Estado pelo período de 1994-1997.

um negro!' De fato, depois fiquei curioso, primeiro eu fiquei enfurecido com aquilo, né?! Reacionário, achando, reacionário... Falando, mas achava que era racismo, mas na realidade não era. Quando você olha para a foto, não tinha negro, não tinha negro. Não é que alguém proibiu a... É que só entrava na Universidade quase os brancos... E se entrasse os negros, os negros trabalhavam à tarde, nem tempo pra passeata. **Então é compreender essa questão. Então o Brasil tem esse... Tem uma carga muito grande ainda de preconceito, violência, discriminação contra a mulher... Ainda existe bastante, contra... Racial, contra negro... Contra cigano... Contra judeus, né?! Você vê o skinhead ainda hoje... Skinhead volta de lá e ataca gente... Que ele é judeu e ataca homossexuais... É homofobia... Ataca os homossexuais e negro... Também e nordestino. O Lula, as pessoas falavam analfabeto... Retirante e nordestino, né?! É só, é só lembrar que na campanha falavam isso, os nordestinos vem atrapalhar São Paulo... É como se esse Brasil não viesse tudo de fora, né?! Aliás os primeiros vieram da África, né?! Que da África nós todos viemos, né?! Da África espalhando pela Ásia, Europa, acabamos chegando aqui. E depois veio a leva de negros trazidos à força, como escravo, mas de qualquer jeito de fora, depois veio italiano... Inclusive a busca de, do exterior, de alemães e italianos tava baseado numa premissa equivocada... Se fosse questão de mão de obra pra trabalhar era uma coisa razoável... É justa, é bom... E o Brasil tem que ter cada vez as portas mais abertas. Mas o raciocínio era o seguinte: precisava branquear o povo brasileiro... Branquear é trazer os brancos para evitar que aqueles negros e os pardos crescessem, mas era inclusive um equívoco. Era uma avaliação científica idiota e preconceituosa. A cor negra ela tem mais possibilidade se fizer casamento entre negros e brancos. Em grande quantidade, a tendência é ficar quase todo mundo pardo, ele é... Algumas áreas trazia, foi bom porque trazia aí... O português já tava acostumado a misturar com negros e negras. Essa mistura, esses outros foram também aco... Mas a primeira visão era assim, trazer pro Espírito Santo. Você é nova mas já deve ter escutado, o Espírito Santo foi colonizado pelos italianos, né?! Eu já vi alguns livros e me apavora... Italiano e Alemão, eles vieram deram a contribuição e continuam dando contribuição. Mas aqui já tinha os índios... Aqui já tinha os negros... E boa parte veio, não que eles tenham vindo com essa intenção. Daqui pra lá tentaram buscar pra dizer que era mão de obra qualificada e também pra dizer, escondidamente, e alguns abertamente, declaradamente aberto falando, que precisava branquear a raça... Isso tudo é chamada, é chamada dose de preconceito. Aí você vê, quando falavam que os negros não tinham alma. Até discutiam isso, reflete ainda hoje na perseguição de religiões de matriz africana... Até hoje, ao invés de compreender esse fenômeno que é uma coisa fantástica. Embora 500 e tantos anos... 350 anos de escravidão... Eles mantiveram a cultura, se você frequentar alguma, alguma área dessa... Religião de matriz africana... Eles tão falando 'iorubá'... Tão falando várias línguas que na África ainda falam, quer dizer, eles... É um fenômeno cultural fantástico e foi à maneira que eles tiveram pra manter sua identidade, a religião... Tiveram que ter, como era perseguido, eles tiveram que se apossar dos Santos Católicos, São Jorge, né?! É como se dizer... Dava um mergulho dentro de São Jorge, aprisionava São Jorge e trazia ele pra... Santa Bárbara, enfim... Nossa Senhora dos Navegantes que virou lemanjá... Quase todos esses, boa parte dos santos... Essas pessoas para ter uma certa guarita fizeram isso. E se você verificar no Espírito Santo... Minha mãe frequentava o 'pemba'... Que era uma forma mais primitiva de matriz africana. Havia muita perseguição. Eu tinha muito medo que prendessem a minha mãe, porque ela saía... Quase que os 'pembas'... A maioria dos 'pembas', quando eu era bem criança, era quase sempre num grotão... Parece até que eles escondiam. Não é que eles escondiam aquilo... É que lá na casa pobre, naturalmente costumava ser de uma família negra. Costumava ser, que não é necessariamente. Lá eles faziam o 'pemba', porque a polícia costuma ir prendê-los. Como eles sabiam que a polícia... Corria fugia tudo, eu escutei várias vezes os 'pembeiros' são cachaceiros... As mulheres são vagabundas. E a minha mãe frequentava o 'pemba'... **E eles** podiam prender. Você imagina eu?! Crescendo e escutando... Eu era, pensava assim se a minha mãe tivesse... Podia ser outra religião menos essa, né?! Que não é pra ter esse raciocínio... Que eu tô fazendo, mas a gente tinha medo, né?! Você imagina, você**

acha que hoje, hoje, pra compreender bem... Será que se uma mulher negra encontrar trabalho de... Trabalhadora doméstica, numa casa, num casal... Não tô exigindo que ele seja rico não. Que ela trabalhasse lá e ela fosse Católica, Evangélica ou de uma outra religião... E essa empregada dissesse: 'Eu sou de matriz africana. Eu sou do terreiro tal'... Será que ela conseguia emprego?! Boa parte dessas pessoas, não... A maioria das empregadas domésticas no Brasil eram negras. Eram não, são ainda, né?! As trabalhadoras domésticas. É... Eram quase todas, aquelas que tinham religião... Matriz africana... Elas negavam, falavam que era de outra Igreja, porque era difícil ela trabalhar na casa do Evangélico... Do Católico... Do Espírita... E o cara olhando ela assim: 'Aquela mulher é de matriz africana'... Ela fala em exú, né?! Devia ser duro... Exú virou satanás, né?! Para... Para uma visão dos Cristãos. É... Você quando ficar.”

A xenofobia e a mensagem que passam com a mídia...

“No Espírito Santo ou fora daqui você vê os noticiários: 'O francês tá atacando os islâmico'... Devia ser o Cristão... Tá atacando o islâmico pra ser comparativo... Se é uma religião é contra outra. Então se eles estão atacando o islâmico significa que o islâmico é mal, né?! Quando os Estados Unidos invadiu o Iraque, Afeganistão. Ele tá lá combatendo os islâmicos, os terroristas. O avião que vai bombardear tava pilotado por um branco ou por um negro, cristão... Então se é pra comparar, vamos dizer assim o cristão atacou o islâmico. Aí tá bom. Aí é uma guerra de religião, mas não é. O único que é fanático é o mulçumano, o único que é fanático...”

O Partido Comunista e a formação do militante... A setorialidade dos direitos humanos da década de 1960... A não dimensão da discussão já dos direitos humanos... A divisão do mundo no bloco ocidental x oriental – EUA x URSS... Os direitos civis e políticos x os direitos sociais.

“Como eu fui vivendo, a ideia é... Como eu fui percebendo com... Fui percebendo a questão do racismo, do machismo, né?! Tudo isso a gente vai percebendo no dia-a-dia, quando eu tomo consciência maior... Que aí eu já começo... Já mais uma atividade mais nos direitos humanos, quer dizer... Ainda que não fosse dizendo que isso aí é entidade direitos humanos. Foi na década de 1960... 1960 eu vim pra Vitória e logo entrei no Partido Comunista. Aí o Partido Comunista, a gente fazia a luta da África, dos países da África ser independente... Então, nós tínhamos que defender aquilo e defendíamos, né?! A África é toda negra, porque era o continente que... Todo o continente praticamente era colonizado. Então a gente acompanhava a luta dos negros... Nós acompanhávamos a luta dos negros nos Estados Unidos também... Então a gente tinha que assumir, isso era uma coisa importante. Então a gente, a gente começa por esse caminho, mulheres... A gente sendo do Partido Comunista a gente falava das mulheres da luta como tai... Da luta das mulheres... Então, Rosa Luxemburgo, quer dizer... A gente acabou ganhando uma chamada, uma estrutura maior teórica pra isso. Então mesmo na década de 1960, a questão racial que aparecia muito pra gente. Aparecia por causa do negro que sofria nos Estados Unidos e a África se libertando. As mulheres também que era uma luta grande, as pessoas com deficiência tinha pouca luta... Não tinha assim essa, tinha mas não era... Mas de qualquer maneira já havia uma certa consciência. A temática, a temática de LGBT, gays, lésbicas, travestis e transexual... Era praticamente meio oculta e havia uma discussão muito estranha porque o... O Hitler queria exterminar os homossexuais... Mas o Stalin também... Os outros países socialistas também condenavam... Eu participei de algumas discussões.

Isso na década de 1960 ainda, um pouco assim... Se a questão da homossexualidade se era uma coisa natural ou era uma perversão, predominava em várias correntes de esquerda, portanto, eu não to falando nem do povão... Que era uma perversão capitalista. Eu achava estranho porque eu fiz uma leitura muito anarquista da vida... Eu lia tudo de qualquer maneira sem muito, sem muito saber o roteiro... Não fui um jovem daqueles tudo certinho. Eu lia tudo que aparecia pela frente e eu tinha visto lá na Grécia Antiga tinha muito homossexual. Na Roma Antiga tinha. Depois eu fui ver que na África tinha, depois... Quer dizer, na minha cabeça estranhou tudo: 'Não tem nada a ver com capitalismo'... Que tá dizendo que o gay e a lésbica, no caso os dois que se tratavam mais, como se fosse uma degeneração capitalista burguesa. Então imaginar a própria esquerda é... Levava isso aí. Então o Stalin também condenava, mas também o, o Hitler... Então, aí ele persegue os homossexuais. Foram perseguidos na Idade Média, queimados, né?! Que eram hereges... Depois no socialismo... Também perseguidos, porque os países socialistas, quase todos eles negavam esse direito. É como se fosse uma degeneração. Não é! Não foi uma coisa aceita com facilidade. É... O Stalin... Então a gente foi, foi sentindo o seguinte... Aí a gente fez essa luta que foi incorporando. Na década de 1960 aparece muito dessas discussões, das mulheres, dos direitos das mulheres que aí amplia... É... Eu vim pra cá em 1960. Eu cheguei aqui. Aí eu fazia o chamado antigo científico... E aí fui tomando conta, consciência das ideias de esquerda, do Partido Comunista. Isso me facilitava porque eu acabava lendo o que acontecia no mundo. Na Ásia, África, com o país... Isso facilitava muito pros grandes debates. Questão negra na década de 1960, Estados Unidos. Aquilo ajudava, a questão feminista que já cresceu muito nessa década de 1960... Aí discutia pílula, discutia a questão da droga... Enfim, a cor do período, eu vivi num período de muita discussão e como eu era de esquerda... **Eu ia ter que tomar um partido...** Então desde 1960, eu tinha que tomar partido, do lado das mulheres, do lado dos negros, dos homossexuais... A gente discutia muito pouco, muito pouco, na realidade... Não era muito discutido, Pessoas com Deficiência discutia mas pouco também, né!? É... Acompanhamos é... **Os direitos humanos era muito dividido. Havia uma discussão que hoje ela não tem nenhum sentido, os Estados Unidos falava dos direitos políticos...** Partido, religião, etc... Político. E a União Soviética, Estados Unidos liderava uma parte do mundo e a **União Soviética a outra parte... Falava em direitos econômicos e sociais.** Enquanto americano falava liberdade de ir e vir, liberdade partidária, liberdade de religião e liberdade de ter propriedade, era um direito que os Estados Unidos. Batia nele... Falava de manhã, de tarde e de noite. Apesar da Declaração Universal ser de 1945, 1948. **E do outro lado, os países ditos socialistas... Eram um terço da humanidade falavam dos direitos econômicos, direito de comer, beber, vestir, ter uma casa, é... Como se tivesse dois direitos humanos brigando um com o outro e por parte de algumas áreas de esquerda até dando a entender que a defesa dos direitos humanos é...** Pudessem ser alguma coisa assim de interesse dos Estados Unidos ou da CIA pra combater a esquerda. E teve em 1973 uma Conferência, acho que em Viena, que na... Aí praticamente junta os dois direitos, econômicos, sociais culturais e alimentares... Portanto, aí você já funde os dois direitos. Então você já não tratava apenas do direito... Direito de comer é direito humano, direito de beber, direito de estudar; enfim, ganha uma nova dimensão, então pra nós foi mais fácil isso."

As prisões e o posicionamento definitivo pela luta dos direitos humanos... Os estudos na União Soviética. O racismo do capitalismo... A clandestinidade! A prisão no Nordeste, os codinomes e os 10 anos de clausura...

"É... Então eu fiquei nesse período e quando a gente de fato assume mais a luta dos direitos humanos, quando eu fui preso... Eu fui preso em 1965, levado pelo trigésimo batalhão dos caçadores. Fiquei três dias lá. Fui preso um dia, uma tarde... Eu fiquei

aqui na Polícia Militar, tinha feito uma greve na odontologia Fui preso em 1966, 1967 em Niterói, fiquei uma noite lá no DOPS de Niterói. Na luta do Movimento Estudantil. É, quando, quando eu fui... Aí depois eu fui pra União Soviética, fiquei uma ano e pouco lá, eu percebia isso também. Lá um dia eu conversando com uma pessoa lá... Você vê o que é a ideologia, como é difícil você se livrar dela. É... Um dia eu conversei com uma pessoa lá, muita gente eu conversei... 'Aqui não tem gay?' A expressão não era nem gay na época... Bom, aí esse jovem falou: 'Aqui não tem nenhum!' Eu fiquei assustado porque 200, acho que 230 milhões de habitantes a União Soviética... São dezesseis repúblicas, não tinha nenhum?! Mas a gente via na cara das pessoas, né... É que tem coisas... Também não é só pela cara... Quer dizer, sabia que tinha né... (riso)... Mas nenhum? Era a questão da ideologia... Porque era aquela visão da degeneração burguesa, capitalista. Lá eu vi também algum racismo, o russo ele... Eu fui estudar, estudei lá um período na... Ucrânia, estudei Direito Internacional. E eu vi preconceito. O russo tinha um certo preconceito contra o ucraniano... Chamado pequeno, é... Quase como se fosse o alemão e o pomerano... O russo era, a Rússia é que era a república maior e a Ucrânia que é mais, do ponto de vista da história, é até mais antiga que a da Rússia, eles tinham um predomínio maior. Eu estudava na Ucrânia, que tem a língua ucraniana que é um pouco parecida com o russo e um pouco... E lá eu estudava em russo, os ucranianos falavam: 'Como pode ser isso? Vocês estrangeiros vem estudar aqui e estuda em russo, por que não estuda em ucraniano?'. Então o próprio ucraniano já estava se queixando do russo... Achavam estranho, de fato eles tinham razão. Lá eu vi também de como o racismo às vezes nasce. Os negros que lutavam pela autonomia, tô falando os negros enquanto África... Um continente inteiro pela sua independência, o russo noticiava todo dia... 'Luta no país tal, independência no país tal...' Aquela luta muito ampla mesmo, que praticamente na década de 1960... Aqueles países todos se tornaram livres, quase todos, menos Angola, Moçambique e Guiné... Bom, então eles falavam do negro, qual era o negro que o russo conhecia? O negro lutador pela independência, o revolucionário, o mártir, criou uma imagem do negro. E o outro negro que o, que o... Eu tô falando do senso comum?! E o outro negro que eles tinham era o negro africano americano, que lutava contra o governo que... Os Pantera Negra, os não sei o que mais, o... O racismo que tem no capitalismo, né?! Então, os soviéticos, como era Partido Comunista... Eles viam dois negros, dois tipos de negros a expressão... Talvez não seja a expressão muito boa, o da África lutando pela sua independência, autonomia... Então heróis, oprimidos, discriminados, violentados e lutadores, mártires... E nos Estados Unidos do mesmo jeito, os lutadores, os sofridos que o capitalismo oprimia nos Estados Unidos. Esses dois. Quando eles criam a Universidade Patrice Lumumba que fui até depois estudar lá... Quando eles criam a Universidade Patrice Lumumba é pra trazer gente da África. Patrice Lumumba foi morto e a CIA que ajudou a matá-lo e a elite do seu país. Ele criou a Universidade Patrice Lumumba pra levar... E aí começou a levar muito africano. Mas muitos, pra estudar na União Soviética, mas quem... Ainda que fosse na África... Quem podia estudar na União Soviética era quem tivesse alguma escolaridade... Mesmo na África quem tinha alguma escolaridade era uma classe média ou um pouco mais rico. Então esses é que vão pra lá, não era o pobre... É revolucionário, é lutador, mas de qualquer maneira já tinha uma certa distinção entre o africano mais pobre e nesse momento surgem alguns problemas... Eles vão pra universidade, eu escutei um falando comigo, quer dizer... Ele tinha um preconceito mas gerou preconceito nos outros. Eu, nós passamos perto de uma... Tava lá um negro, mas é um negro classe média, não era só cor, não era só raça, não era só etnia... Ele era dum status social no seu país. E ele foi estudar. E tinha uma construção civil e tinha muita mulher trabalhando na construção civil. No Brasil só agora, mas lá já trabalhava mulher pedreira, engenheira... Mulher enfrentou uma guerra que foi muito violenta... A metade dos mortos na última guerra foi da União Soviética. Então as mulheres ocuparam os postos de trabalho muito cedo, dirigia ônibus, caminhão, construção civil... E eu lembro que ele falou comigo. Ele viu lá uma ucraniana bonitona. Eu não sei se era ucraniana ou russa, acho que era ucraniana, bonita... Elas são mulheres muito bonitas. Ele viu lá e falou assim: 'No meu país uma mulher dessa não trabalharia nisso'. Claro que não trabalharia, uma mulher bonita daquela certamente... Um cara mais rico ou sequestrava ela, ou corrompia ela, ou de qualquer maneira

levava ela pra tirar dali. Quer dizer, ele vinha com esse preconceito. Então essa pessoa também trata alguns russos de maneira diferenciada. E os russos... Vê também esses, essas pessoas também... Aí começa a surgir um certo racismo em algum lugar contra o negro. Nós tivemos na um inquérito na ocasião, não presenciei... É... Também os ucranianos... Jovens meio rebeldes que não tem ninguém, que controla a juventude... Nem nunca vai ter ainda bem, eles... Teve vários casos deles [que] baterem em negros... Que às vezes o negro arranjava uma ucraniana daquela pra namorar... Saia na rua e criava-se um impacto... Então alguns deles apanhavam. Então do russo, [...] parte daquelas pessoas de classe média que foram pra lá também começava o preconceito. É... Então, e na prisão... Aí eu fiquei lá um período, voltei. Quando volto, eu sou preso em Pernambuco na década de 1960, 1970, no comecinho de 1970... Eu andei naquela região canavieira e vi de como os preconceitos também... Vão nascendo. Um dia eu fui... Eu tinha andado pelo Nordeste, com nome de Pedro Ramos, fazendo levantamento da região... Pra guerrilha fazendo esse levantamento, aí... Eu sei, quer dizer... Eu voltei lá da União Soviética então depois eu fui pro Nordeste. Um dia eu fui numa zona canavieira, junto com uma pessoa – que eu encontrei ela agora esses dias, foi uma alegria imensa, só agora que eu encontrei – Hildete... Que eu não sabia o nome dela, nem ela sabia meu nome. Nós moramos numa mesma... Eu trancado num quarto, que as pessoas não podiam me ver. Nem eu ver as pessoas. Nem saber quem eram. Durante quase um mês nós conversamos por bilhetes. Eu não tava preso, eu tava clandestino... Mas não podia ninguém saber quem eu era. Aí depois eu fui autorizado. Eu fui junto com ela na região canavieira, visitamos lá umas casas, eu fiquei impressionado, as casas... Meio metro da casa tinha plantação de cana, então... Quem morava ali só tinha cana, não podia fazer nada, nem plantar um pé de batata. Aí conversando lá com os trabalhadores, um cara me mostrou a carteirinha lá do... Das ligas camponesas, aí um trabalhador falou comigo. Ele contou pra gente o seguinte, como o ódio vai surgindo e o preconceito. Ele falava de, dos filhos do dono de engenho que tinham cavalos, bonitos, gente rica, né?! Pegava aqueles cavalos e disparava por aquelas estradas estreitas e lá estavam indo os cortadores de cana com sua família, né?! Pra trabalhar. E eles que pulassem fora, porque senão?! Houve caso de cavalo que atropelasse as pessoas, cavalo correndo. Então eles tinham ódio, esse trabalhador falou comigo: ‘Eu às vezes tenho vontade de matar esse filho do senhor do engenho, tenho vontade matar e comer o cavalo dele’... Você vai imaginar essa pessoa roubando desse filho do fazendeiro?! Isso é gente sem direito, né?! Tanto é que naquela região eles tinham, passavam tanta fome, que tava surgindo uns homens menores... Até usavam uma expressão que eu não me lembro qual era, é, então esse é o preconceito. Aí quando eu fiquei, eu fui preso, foi uma outra conversação... Eu já vivia voltado pros direitos humanos, mas aí eu acabei tendo que estudar mais...”

A prisão, os estudo dos direitos humanos, as denúncias de nível nacional e internacional... Os vários nascimentos... *‘O da Mãe e o que eu nasci de mim mesmo... Eu nasci várias vezes’*... A fé na mudança e na construção de uma sociedade solidária e justa! O combate à tortura...

“Na prisão a gente mandava muitas denúncias nossas para a OAB, é... Para um setor do MDB... Para um setor da CNBB... Às vezes pra ABI e também começamos a mandar a coisa pra Anistia Internacional. Nós não queríamos mandar nada pra Anistia Internacional, porque dizia, muitos de nós dizia: ‘Esse pessoal tá ligado aos Estados Unidos’... E às vezes algum falava que até da CIA. Mas a Anistia Internacional tinha de tudo. Ela não, ela não, apoiava nem ajudava os presos que pegaram em armas... Então os presos políticos brasileiros... Inicialmente quando eles começam a falar os presos é, é... Que eles falavam delito de opinião. Se fosse Partido Comunista e não tivesse pagado em arma eles topavam... E eu fui

talvez um dos primeiros, se não o primeiro. Por razão que eu nunca soube na minha vida e nem sei como é que eu vou saber isso... Eu fui adotado, apesar de se preso, ser condenado a 94 anos e 8 meses... E ter, ser acusado de ter participado de ações aramadas, né?! Não sei porque eu fui adotado por um sueco... Aí ele mandava correspondência, mandou correspondência aqui pro posição... Jornal Posição aqui no Espírito Santo... Aqui tinha o Josimar Nogueira que, que tinha o Jornal Posição... Junto com um aqui. Aí mandou carta pro Jornal aqui que eu era capixaba, querendo saber onde estava o capixaba, o dentista... Não tinha terminado o curso, faltava um mês... Mas aí eles procuravam, e mandaram carta pra Dom Élder... Aí nós começamos a ter contato com a Anistia Internacional... Aí eu fiquei 10 anos preso, fiquei 10 anos. Fiquei preso de março de 1970 até dezembro de 1979. É 9 meses e ... 9 meses, 9 anos e... 10 meses parece. Então, aí nós começamos a estudar mais a questão dos direitos humanos. Aí nós associamos a luta também contra a ditadura... Fui preso em Pernambuco, fiquei em Pernambuco uns tempos... E de lá eu fui transferido pro Rio de Janeiro. Fiquei mais tempo... (Vou te dar um livro aí também sobre isso...) Eu conto a história do dia da prisão... Até o dia que eu vim pro Sul... 10 anos como é que, como é que se passou isso, em diferentes áreas. Aí a gente começou a discutir mais a questão dos direitos humanos... E as pessoas do lado de fora também começaram a discutir mais. Aí procurava a Anistia Internacional e tal: 'Violaram os direitos humanos'... Aí falava da Declaração Universal... Aí fomos fomos... Estudar e se embasar mais, quer dizer. Dar uma fundamentação àquilo que a gente instintivamente vinha tocando... Tava tocando. Aí isso foi, eu chamo, eu chamo... **A segunda conversão... É assim que o ser humano faz. O ser humano nasce várias vezes: Ele nasce da mãe, nasce sagrado, nasce do sangue e ele nasce dele mesmo... No dia que descobre, qual é a primeira vez que você lembrou que você existia? É o dia que você nasce de você mesmo... O dia que tem um acidente e você escapa... Eu já nasci de mim mesmo muitas vezes, né?! Então você vai... Então eu vinha tocando, com a visão de esquerda. Com essa visão, um dia acreditando que a pessoa pode mudar. Pode transformar, que infelizmente é isso... É o que tá na sua frente não é uma coisa... Não ficar pensando uma coisa natural, é uma coisa construída. Que pode ser preservada, deve ser preservada, ou precisa ser modificada... Então modificar não tem jeito sem lutar. Aí quando... Aí na cadeia já começo a trabalhar nessa área mais intensamente, discutindo, debatendo... Aí quando eu saio da cadeia depois dos 10 anos... Na cadeia a gente fazia isso, denúncia à tortura. Pra mim pessoalmente, eu já disse em Brasília uma vez... Olhava pra mim até de cara estranha, falei: 'Olha, se não tivesse nenhum motivo pra ter Secretaria de Direitos Humanos, nenhum, nenhum... Fosse só pra lutar contra a tortura, acho que já valia à pena ter a Secretaria!' E falei esses dias com um delegado aqui no Espírito Santo; que tá numa delegacia de enfrentamento à tortura... Como nós fomos torturados... Vimos gente ser torturada. Vimos gente ser morto na tortura. Aí a gente teve uma dimensão maior da importância dessa luta... Não é apenas uma pessoa que tá batendo em outra, não é isso. É uma violação dos direitos humanos. Então nós, ganhamos essa consciência na prisão."**

A experiência que leva entrevistado a cargos no Executivo Estadual e Federal sempre na defesa dos direitos humanos... O povo cigano e a construção de uma política. A diversidade religiosa. *'Quem faz guerra é ser humano, não é muçulmano não...'* A ilusão do hemisfério norte de ostentar as riquezas usurpadas do hemisfério sul do planeta...

"Quando eu venho pro Espírito Santo... Aí atuei nessas áreas, atuei sempre aqui nessa área. Nessa área de direitos humanos. Na luta dos trabalhadores. Questão das mulheres que o tema se parecia, pessoas com deficiência... Aí já com essa visão

mais ampla... Fui ser Secretário de Justiça e na Secretaria de Justiça. Tive que tocar todos esses temas, a luta da violência contra a mulher, enfrentamento a tortura, questão dos quilombolas... As pessoas até faziam gozação de mim, Otaviano⁹⁶... Falava assim: 'Tá faltando os ciganos'... Você falava pros negros, os quilombolas, os pomeranos, os ciganos... Aí eu falei pera aí. Que na realidade essa comunidade tradicional, que ninguém trabalha. Eu lidei no Brasil com a temática dos ciganos, que ninguém trata, quase não tratava... Fui eu que puxei, nós criamos: 'Cigano tem direito a sua mão'... Fiz um levantamento de discussão muito ampla, fiz divulgação que Juscelino é um cigano, Washington Luiz foi um cigano, né?! Então, que o Juscelino foi aparecer... Que, que é a luta dos direitos, o Juscelino foi aparecer na novela... Na minissérie, bonita, ele namorado, bravo, guerreiro, político, tudo que ele podia ser, namorado, não tem nenhum problema. Ele não podia ser cigano, ele era filho de um tropeiro, mas todo tropeiro é cigano, cigano tcheco, mas isso não podia, né?! Então, a questão cigana, a questão da diversidade religiosa, que é... Como nós vamos mudar nesse país nosso? Nós temos que... Nós já vimos um Pastor com a Santa na mão, chutando a Santa. Discriminando a Santa. O momento mais importante que já vi foi aquele, mas eu já vi em Brasília... Em Brasília lá e aqui também já vi isso de perto... As pessoas destruindo as imagens da religião de matriz africana, né?! E as pessoas, o noticiário todo fala dos mulçumanos. A França foi derrotar os mulçumanos, como a França? Mulçumano não tem em guerra não... **Quem tem guerra é o homem que é mulçumano que tem ódio do americano, ou tem ódio do governo lá.** Quando bombardeiam o Afeganistão. Todos noticiam o seguinte: 'Bombardeio americano com os ingleses...' E quando uma bomba explode na embaixada os mulçumanos aí... Então você imagina... Então você vai criando nas pessoas que o mulçumano é o homem que carrega uma bomba. No Brasil tem mais de 1 milhão de mulçumanos. Então esse preconceito precisa combater... Então basicamente é isso... Eu fui Secretário aqui de Justiça⁹⁷, lidei com essa temática amplamente. Em virtude dessa atuação, fui eu que propus a criação do Conselho de Direitos Humanos... Foi proposta minha, a questão da criação dos programas de proteção... É... A questão dos quilombolas... Tem texto que eu preparei sobre isso, pra ser criado... Tem o acesso a documentação que eu já localizei, acesso a documentação não tinha a força que tem hoje da Lei de acesso. Então eu tratei com todos esses temas, aqui. E em função, em virtude disso... Quando o Lula foi eleito e eu fui na posse, voltei.... Aqui mal, mal tinha chegado aqui no Espírito Santo. Tinha o Nilmário Miranda que era, que era...Tinha sido convidado pra ser o Ministro na área de Direitos Humanos... E ele me liga, me convida pra ir a Brasília. Eu fui junto com o Mário Américo. Foi uma coincidência cheguei lá na posse eu encontrei o Mario atravessando os carros... Eu cheguei: 'Mas o que você tá fazendo aqui?' 'Não... Eu tô vindo pra uma conversa com o Nilmário'... Nós fomos pra ter uma conversa inicia. Ele falou assim: 'Já vou ficar aqui... Que você vai ser Subsecretario de Promoção de Direitos Humanos e eu quero ver se o Mário Américo cuida dessa outra parte'. Aí eu fiquei lá nessa área e cuidei da questão do LGBT. Que... É pessoa com deficiência, idoso, questão indígena, a questão quilombola, nós fizemos direitos humanos quilombola eu tenho esse material aí... E da diversidade religiosa. Eu não tenho, mas porque foi pouco tratado. E terá que ser tratado, o Brasil trata isso ou ele vai, ele vai... Numa situação ruim... O americano vai ser derrotado no Iraque, já foi no Iraque? Vai ser no Afeganistão, e se entrar no Irã vai ser derrotado também. Não apenas porque o soldado que eles levam é pago... É, que eles não tem noção do peso do papel da religião nas na unificação. Hoje, os Mulçumanos são... É a religião que mais cresce... É... Os Mulçumanos, hoje já são mais numerosos que os Católicos... E não vai demorar muitos anos eles vão ser mais numerosos que os Cristãos... Porque como na África eles estão chegando. E eles chegam como se tivessem incorporando a luta daquelas pessoas... Então eles acabam crescendo, não cresce apenas porque a sua pregação é mais convincente. Mas porque fala de que, faz a identidade... Dele enfrentando a chamada religião ocidental e cristã. Tem uma frase do, dum negro africano, do ... Não lembro o nome do país agora... Que ele um dia fala: 'Antigamente vocês tinham a Bíblia e nós

⁹⁶ Companheiro do Partido dos Trabalhadores, moto no acidente de trânsito no interior do Estado. E o entrevistado também envolvido no mesmo acidente.

⁹⁷ No Governo do Estado.

tínhamos a terra, agora nós temos a Bíblia e vocês são donos da nossa terra'... Porque foi a religião, foi lá pra servir como um instrumento... Como aqui no Brasil também. Foi um instrumento... **Então a temática religião é preciso entender, a diversidade religiosa ela é um tema que precisa ser compreendido.** Nós cuidamos; coordenei essa Conferência, o Idoso... Fui presidente do Conselho do Idoso. Fizemos inúmeras atividades nessa área, incentivamos a questão de leis, a questão da temática mulher, criança. **Enfim, todos os temas de direitos humanos nós trabalhamos lá. Eu era Subsecretário de Promoção e Defesa dos Direitos Humanos. Então eu tratei disso no Brasil inteiro... A questão indígena, o registro indígena, o índio o não tinha direito de registrar com o seu nome. Aí eu cito um exemplo, uma, uma, numa reunião que eu fiz... Estavam discutindo sobre documentos e o índio falou... Ele queria, ele queria botar o nome do filho dele é não sei se era Tucunaré, um nome assim, é o nome de um peixe sagrado...** Ele foi, porque quando eles nasciam a FUNAI botava um nome, depois eles iam... Quando ele nasce à aldeia bota o nome, né?! Como é que ele chama? Mas aí quando ia lá na... FUNAI bota um nome... Quando ia no cartório acabava virando outro. Esse, eles queriam o nome do índio acho que era Tucunaré, Buiú... Acho que um nome assim, não to lembrando agora. Mas acho que é Buiú. É o nome que significava Tucunaré, um peixe sagrado pra eles. Eles queriam botar o nome no filho. Foi no cartório, não aqui não pode. E o índio tá vivo ainda, ele se chama John Kennedy... J-o-h-n Kenedy K-e-n-n-d-y... Você pode imaginar o que que é?! Violação de direitos humanos, a gente fala, como? Imagina o índio lá no meio do mato, que a família... A história dele, que a história dele que gera uma chuva muito forte... Pode influir o seu nome, como assim os cristãos faziam... (O meu, por causa do avô, José Scardua, Maria José Scardua...) Conheci todos eles, conheci o José Scardua, muito. Bom, mas voltemos, então, é... É uma cultura familiar... Aí... Eu chego lá John Kennedy, o que, que significa? Nada, nada. Então, aí viola a religião deles, costumes, os hábitos, né?! Hoje em dia eu fico olhando as pessoas assim, anunciar atriz fulano de tal vai fazer uma, uma... Uma exposição de fotos nu, é... O nu parece que mudou... Aí, tava nu, não tinha nenhuma, não tinha ali nenhum elemento que fosse condenado... Nós criamos um costume e agora exaltamos quando uma mulher ou um homem tira a roupa. Eu quero dizer só assim, pra gente entender essas mudanças que não é simples. **Em direitos humanos tem que ter isso tudo, então... É assegurar o direito à diversidade, o direito da pessoa ser diferente, então quando a pessoa... Quando a diferença, nós temos que exigir ser tratado igualmente quando a diferença nos prejudica. Se eu disser todos são iguais na sociedade... Você fala eu sou mulher e mulher tem mais dificuldade de conseguir emprego, aí você tem que...** Então você tem que exigir igualdade quando os direitos é... De todos, nós escrevemos, todos tem direito à universidade. Então você tá no meio, com a mesma faixa, mas quando chegar... **Mas você tem direito de ser tratado de maneira diferente quando a igualdade te prejudica,** porque todos iguais... Aí a mulher tá grávida, vou botar ela no exército pra sair correndo, não posso. **Mas aí, como a sociedade é injusta dá impressão que a mulher é incompetente por isso.** Só que o que... Que pode ser mais sagrado do que ter um filho? Então, vale pro negro... Então você fala... Não. Todos tem direitos iguais, mas o negro mora na favela, desempregado, não tem escola e entra numa universidade igual. Não, tem que ter a cota. **Então é preciso tratar os iguais, assegurar um tratamento de igualdade quando a diferença prejudica a gente. E exigir ser tratado de maneira diferente quando essa igualdade nos anula.** Aí eu não dou aula pro cigano, ainda hoje isso é um problema que eu tenho que trabalhar... O cigano é nômade não tem aula e aí sabe o que, que falam? Por que, que ele não frequenta aquela escola? Ele vai deixar a cultura dele?! De 2 mil anos, ou mais, pra ir ficar numa escola chata? Eu é que tenho que, nós é que temos que arranjar uma maneira dele ter uma escola, ou seja, itinerante... Que quando ele passar num município ele vai ter aula, nós é que precisamos compreender... Nós não podemos, nós não podemos querer que uma pessoa com deficiência ele suba as escadas. É preciso que a sociedade entenda, faça uma rampa, tá. Quando a Presidente Dilma fala das pessoas com deficiência são 45.500 milhões de pessoas no Brasil. Não tem uma única pessoa que na sua família não tenha um indivíduo com deficiência. Mas aí eu exijo eu não tenho calçada pra mim andar, o elevador... Nosso aqui... Nesse

prédio onde nós estamos, quando nós chegamos no prédio, mudamos pra um prédio novo. Não tinha um banheiro que comportasse uma pessoa entrar com a cadeira de roda, um banheiro! Isso na... Agora tiveram que quebrar e fazer. Seria mais fácil ter feito já com aberto, seria mais barato, e até valorizaria mais o imóvel, né?! Ter... O elevador num falava... Aí eu imagino o cego, ele vai se virar como? Como ele vai saber o andar que ele está? Então... **Aí precisa ter isso, mas precisa mudar a cultura do país. Então direitos humanos é isso... Eu acho que essa é minha preocupação. Eu acho que direitos humanos é na realidade hoje a utopia. Daqui o século que vem, daqui uns tempos eu vou embora pra outro mundo. Depois vai ter meus filhos, meus netos, meus bisnetos, quer dizer... Eles vão tratar dois temas centrais, que na realidade é um só... Vão tratar de direitos humanos porque a questão ambiental. É direitos econômicos, sociais, culturais, ambientais... E daqui uns tempos sexuais também já se trata. Direito, então acho que essa é uma nova utopia embora sem ter a ilusão. A gente tem que fazer uma discussão muito séria e isso eu faço... Porque também os direitos humanos já foram... Não é só pra libertar, lembrar bem que a Declaração Universal de Direitos Humanos foi feita e assinada como?"**

Os Direitos Humanos ditos pela ONU, a contradição de culpar os outros países... A tortura e o pau-de-arara... Nossos preconceitos! A população de rua e o acolhimento.

Pelos Estados Unidos que tinha jogado a bomba atômica em Hiroshima e Nagasaki... 150 mil mortos... Principalmente mulher, crianças e idosos, sem nenhuma necessidade. Apenas prepotência e demonstração de força e controle do mundo. A França que tinha... A França e a Inglaterra também assinaram... Que tinha metade, quase toda a África e grande parte da Ásia... Colônia, né?! A gente chega lá, nós assim... Quando a gente vai sem visão correta. Chega na Inglaterra vê aquela riqueza, ostentando, a gente tem que falar: 'Boa parte da beleza dessa mulher ou desse homem ou desse patrimônio artístico. Ele veio da dor, do sofrimento, do sangue, do suor daqueles negros, daqueles latinos, aqui dos índios nossos...' É daqui que veio. Aí é fácil pra ele, né?! Que o francês, o americano invade... Que as mulheres não têm direito... Aí ele fala, que quando convém... Direitos Humanos pela ONU, controlada pela ONU... Só tinha violação de direitos em Cuba, no Irã e na Coreia, só. Aí o Bush, e não é uma coisa que tá garantida que ele vai ser pra frente... O Bush botou leis e normas que tão sendo discutidas até hoje, autorizando a tortura. Você vê, interrogatório sob pressão, afogamento. Eu já fui afogado... Eu sei o que que é isso. Lá no pau de arara, dependurado. O cara botar uma toalha cheia d'água, botou na minha cara. Não conseguia respirar, sentindo dor... Quer dizer, isso não é tortura segundo eles. Mas é tortura, então a gente precisa tá sempre atento. Fazer avançar, mas só faz avançar se a gente envolver a população... Criando redes, fazendo os debates e ter paciência. Não se muda a cultura de um dia pra outro. Tem que fazer a revolução dentro de nós e fora de nós. **Cada um de nós ainda carrega algum tipo de preconceito, né?!** Teve um programa de televisão que eu gostava muito: 'Onde você carrega o seu preconceito?'. Aí um falava: 'Carrego contra nordestino'. O outro: 'Carrego contra a mulher'... E você que é mulher sabe bem o que é. Até hoje tem as piadas, assim, ainda tem, se deu problema no trânsito, foi uma mulher. Aí a mulher, quando a gente vai pagar seguro, da mulher paga menos porque elas são mais seguras, né?! Então mas isso já mudou, mas a cabeça não mudou ainda... É mulher e você que é mulher você tem que tá atenta... Leia bastante o seguinte: acidente automobilístico, faça uma estatística de quantos acidentes foram feitos por mulher dirigindo?! Que fosse culpa dela. Você vai localizar um número pequeno, ela é mais cuidadosa... Mas ela é que é considerada... *Mulher no volante, perigo constante...* É, loura é burra, né?! Toda mulher é incompetente, não tem capacidade. E hoje tão passando aperto porque eu cheguei a ver a última eleição... Quando a Marina Silva tinha crescido e a Dilma tava na frente... Eu escutei uma

peessoa, que não é uma pessoa muito atrasada, pessoa que se considera razoavelmente esclarecida, ele falou: 'Será pra nós uma desgraça se no final tiver duas mulheres disputando'. Foi um custo pra aceitar isso e aí vale pros partidos, sindicatos, você... **Eu sou, acho que eu nasci condenado a ser otimista. Eu sei que não é fácil mas... Direitos humanos tem que ser uma coisa nossa. A gente tem que saber lá na praça, eu sinto, direitos humanos às vezes é... Fazer com, eu já fui ativo em Brasília, fui Secretário... To aqui, já fui Deputado... Já fui Vereador, mas não existe direitos humanos se eu fizer para ninguém...** A população de rua, se conversar com ela e discutir com ela vai encontrar muito mais saída do que essa estupidez de querer internar compulsoriamente. Não vai acontecer nada, vai acontecer o que aconteceu com os hansenianos, né?! Internava compulsoriamente o hanseniano, eu visitei muitos deles. Felizmente o Governo Lula lá na Secretaria de Direitos Humanos, é lá que tá organizado... Se criou uma lei para assegurar um reconhecimento de que houve uma violação contra aquelas pessoas, e o filho que nascia lá, dos hansenianos, tomavam os filhos, os filhos... Estamos ajudando a criar uma associação dos filhos que foram tirados dos pais e da mães... E eu conheço uma pessoa que veio aqui não faz muito tempo. Ela foi retirada da mãe, ela cresceu com outra pessoa sabendo que a mãe era uma pessoa ruim, má, mal caráter, que não gostava dela. Ela cresceu assim, e ela depois descobriu que a mãe dela... Tá viva... E agora elas se reencontraram. Daqui uns tempos vai ser a mesma coisa do crack. Os loucos tem que internar todo mundo. Olha, de louco todos nós temos um pouco, né?! Se você quiser... Se você quiser saber da normalidade não olhe no espelho... Tem coisa que a gente pensa que o outro assusta com a gente, né?! Então é, se discutir com aquelas pessoas que tem transtornos na forma de funcionar, com eles nós encontramos saída. Eu vi aqui um exemplo, quando Secretário... Nós fomos fazer um manicômio que hoje é Casa de Custódia, ali em Mochuara, e... Fazendo o melhor que tinha, que o lugar era um depósito, um negócio terrível. As pessoas eram castigadas, tomava o dinheiro dele... Tudo o que não pode ser, existia. Aí nós fomos mudar pra lá, e eu fui acompanhar: 'Vamos ver se a gente faz uma coisa sem grade, né?!' Que eu não queria que ficasse ofensivo. Vamos ver se tem a rampa... E fomos acertando tudo. Aí falei tudo o que eu achava pra fazer... Aí um dia, acho que fiquei uma semana sem ir por lá, quando cheguei levei um susto. Encontrei um banheiro, encontrei uma cela, que é cela, bota o nome que você quiser, mas é cela... Onde ficaria uma pessoa e não tinha banheiro. Falei: 'Como não tem banheiro, por quê?' 'Não, não, isso é por causa dos guardas, que eu quero que os guardas... Quando ele chamar, o guarda vai levar ele lá no banheiro e vai ter trabalho'. Você acha que algum guarda ia de madrugada pegar uma pessoa e levar? Eu falei com ele: 'Mas, eles têm que ir ao banheiro, não tem nenhum perigo pra eles, se vocês não podem fazer aquele... Façam de uma outra maneira mas eles...' O cachorro, o gato, eu tenho lá em casa, me arrumou um gato. O gato sai de manhã vai lá... Na areiazinha dele e faz... Outro faria também. E até para sua vida seria melhor, né?! Ele fazendo alguma coisa... Aí, disseram que eles tinham que comer com a mão... 'Por que, que eles não podem ter, não podem ter garfo?' 'Que eles furam o outro'. 'Então corta a mão deles, que o forte mata o outro'. Eu queria que... Levaram essas pessoas pra trabalhar ali na... Perto do Mochuara, tem um lugar ali que é da Emater, tinha criação de peixes e de animais. Eu tentei na Justiça pra ver se eu conseguia o direito de alguns deles trabalhar lá. A resposta deles: 'Não, que se ele tiver uma foice eles podem matar alguém'. Eu voltei com o mesmo discurso: 'Com a mão um cara mata o outro, então corta a mão dele'. Porque você... Se conversar com eles... Qual é a melhor maneira de ser atendido?! Os abrigos e os albergues que é feito pra população em situação de rua não dão certo porque costumam fazer aquele... Banheiro tem que ser assim, aí eles estabelecem as regras assim, assim, assim que vai ser. Eu vim de São Paulo, vi uma reportagem que eles queriam elogiar a mulher do Alckmin, ela falando e... Falando várias coisas. Aí uma pessoa vai lá e fala: 'Muitos deles preferem... Não ficam aqui onde nós botamos'. Aquele lugar bonitinho e tal, e vai mostrando várias coisas e no meio dela mostra um lugar... O cara tinha botado um papelão pra... Se enfiado embaixo do papelão... Ele morava com dez cachorros. Aí a pessoa fala pra ele assim: 'Porque você não fica lá e fica aqui?' 'Aqui eu tenho o calor desses bichos, aqui abraço neles e eles me lambem, aqui tenho amizade, lá...' Chegava lá diziam assim: 'Dorme 9h, escova o dente, corta

o cabelo, corta a unha, não faz barulho... Entre viver com cachorro, ali com um mínimo de carinho...' As crianças que tão na rua, necessariamente... Hoje não são tão pobres como se pensa. Pai e mãe, madrasta ou padrasto, batendo muito nele ele prefere a rua. Você vai dizer: 'Quem prefere um lugar pior?' Ninguém. Não é que quer ser do mundo. Se aquela casa tivesse uma capacidade de acolher, mas não. Aí bate, e ele vai embora. Entre apanhar, entre apanhar e ficar na rua aí fazendo um assalto... Ele prefere as vezes isso. Então a gente chama... Quer dizer com outra pessoa... Eu não vou ter política quilombola se eu não conversar com o quilombola, com população se não tiver discussão com ela, com os presos... **É preciso conversar com eles... Então direitos humanos faz isso... É, é a ideia é que vai emergindo nas pessoas um grau de consciência. De organização pra ele mesmo se tornar independente. Eu acho que isso é uma utopia, mas essa é a utopia que nós temos pra... Eu sou gramsciano... Gramsci fala pra gente dizer: 'Pessimista na hora de avaliar e otimista na ação'. E Goethe falava: 'A teoria é cinzenta e a vida é verdejante'. De vez em quando tem uma desgraça... Tá tudo um caos, o mundo acabou. A gente tá desesperado, daí um pouquinho você vê uma criança no meio da rua rindo, né?! Você leva um susto, você começa a rir como a criança, né?! Às vezes até um passarinho passa perto cantando... Então a gente tem que ter um pouco de... Eu sei que tem que ter, tem que avaliar de maneira sempre crítica. Tem muito por fazer, mas precisa também tá examinando de maneira, vamos dizer os avanços. Eu cito a questão das mulheres, porque... E dos negros que imaginar na década de 1960... Aliás tinha uma costureira também... Eu não to lembrando o nome dela. Essa costureira ela tava num ônibus, aí chegou uma branca: 'Levanta daí!' [Ela respondeu:] 'Não levanto!' 'Levanta!' 'Não levanto!'"Tiraram ela, deu uma rebelião... Mas essa mulher ela falou: 'Eu existo!'. E não levantou do ônibus, e o negro foi pra lá... Um exemplo é o Lula, né?! Retirante, nordestino, vendedor de amendoim... Quando é candidato não sabe inglês, não sabe francês, não sabe nada, não tem curso universitário... Até hoje foi o melhor Presidente que já teve, independente de quem goste, quem não goste.... O melhor presidente que teve. A Dilma, ela... Eu lembro que as pessoas falavam: 'Essa mulher nunca foi nem vereadora'... Por que é mulher? Se for com... Fernando Henrique também não tinha sido vereador, né?! Tinha sido senador, mas não haverá a barreira contra ele... Então, essas coisas nós temos que discutir muito e ter uma certa paciência... Escrever sobre, falar das experiências, dos êxitos e não... Tem dificuldade! A gente tem que aprender isso. É... Difícil mas tem que fazer. Na casa da gente, a gente tem... Quem tem filhos... Quem tem filhos ele, antes de ele ter filho na cabeça dele tá tudo certinho... Como é que vai ser o filho, ele sabe até o sorriso, né?! Quando nasce o filho bagunça a cabeça da gente e nós vamos quase tudo atrás dos filhos. A gente sabe o rumo deles... A gente sabe uma parte, mas ele tem uma maneira de ver, de pensar, de agir que de vez em quando você leva um susto. Por isso dizem que os filhos assustam os pais sempre, né?! Pergunto, por quê? Aí que você tá acostumado a falar, é por isso, por isso, você tá acostumado. A pessoa pergunta, por que? Você nunca pensou o porque, né?! Porque que ele tem que te obedecer, porque você é mais velho? Você tem... Você tá entendendo? Às vezes nós temos argumentos que não são argumentos consistentes e o Direitos Humanos obriga isso... Muito... Obriga isso muito, e refletir também que as vezes autoritariamente as pessoas querem impor direitos humanos... Os Estados Unidos queria, só tinha três países no mundo que fazia violação de direitos humanos: Cuba, Iran e Coréia. Agora mudou, agora não é mais uma Comissão, é um Conselho... Agora é uma... É um Conselho em Direitos Humanos na ONU... Então agora já melhorou um pouco, melhorou um pouco, mas eu quero saber, quem é que vai botar o Bush numa cadeira de réus... Na Corte Interamericana ou na Haia... Embora um grupo lá já fez uns processos contra ele, porque o americano não assinou os Tratados e Convenções... É o país mais poderoso em armas, também se sente no direito de... Saber se o Irã tá fazendo bomba atômica, mas ele tá experimentando as armas dele, ninguém visita lá... Então, os Direitos Humanos tem que obrigar a gente a pensar muito...**

6. CONCLUSÃO – O ponto de chegada, as histórias de vidas, a continuidade da militância e a transformação pelos que virão –
“Quero lhe contar como eu vivi e tudo o que aconteceu comigo. Viver é melhor que sonhar, eu sei que o amor é uma coisa boa. Mas também sei que qualquer canto é menor do que a vida de qualquer pessoa”!

*Como nossos pais
Belchior*

*Não quero lhe falar,
Meu grande amor,
Das coisas que aprendi
Nos discos...*

*Quero lhe contar como eu vivi
E tudo o que aconteceu comigo
Viver é melhor que sonhar
Eu sei que o amor
É uma coisa boa
Mas também sei
Que qualquer canto
É menor do que a vida
De qualquer pessoa*

*Por isso cuidado meu bem
Há perigo na esquina
Eles venceram e o sinal
Está fechado prá nós
Que somos jovens*

*Para abraçar seu irmão
E beijar sua menina na rua
É que se fez o seu braço,
O seu lábio e a sua voz...*

*Você me pergunta
Pela minha paixão
Digo que estou encantada
Como uma nova invenção
Eu vou ficar nesta cidade
Não vou voltar pro sertão
Pois vejo vir indo no vento
Cheiro de nova estação
Eu sinto tudo na ferida viva
Do meu coração...*

*Já faz tempo
Eu vi você na rua
Cabelo ao vento
Na parede da memória
Essa lembrança
É o quadro que dói mais...*

*Minha dor é perceber
Que apesar de termos
Feito tudo o que fizemos
Ainda somos os mesmos
E vivemos
Ainda somos os mesmos
E vivemos
Como nossos pais...*

Nossos ídolos

*Ainda são os mesmos
E as aparências
Não enganam não
Você diz que depois deles
Não apareceu mais ninguém
Você pode até dizer
Que eu to por fora
Ou então
Que eu to inventando...*

*Mas é você
Que ama o passado
E que não vê
É você
Que ama o passado
E que não vê
Que o novo sempre vem...*

*Hoje eu sei
Que quem me deu a ideia
De uma nova consciência
E juventude
Tá em casa
Guardado por Deus
Contando vil metal...*

*Minha dor é perceber
Que apesar de termos
Feito tudo, tudo
Tudo o que fizemos
Nós ainda somos
Os mesmos e vivemos
Ainda somos
Os mesmos e vivemos
Ainda somos
Os mesmos e vivemos
Como nossos pais...*

Quero contar como vivi e tudo que aconteceu comigo, nesse ouvir com aspas e contar com reticências de vidas militantes... Logo me fez pensar de como é urgente e importante rememorar as marcas e ditames da nossa sociedade e da história do país com o olhar para o que virá. Isso faz e fará de nós um povo mais militante e mais solidário. Além de, principalmente, nos caracterizar através de uma identidade construída na luta e na verdade. Na verdade de conhecer sua história, como a entrevista de número três ao se remeter a ela, quando nos lembra:

“Mas há quinze anos atrás, vinte anos atrás era uma droga bem maior do que essa droga aí de hoje, entendeu?! A gente tem pra onde ir... Então assim, isso é construção... Quem não tiver a perspectiva histórica dos movimentos, melhor não fazê-los porque o nível de frustração vai ser brutal... Então velhinhas como eu assim já, conseguem entender melhor... Já não tem aquele ímpeto de achar que as coisas se resolverão assim num passe de mágica ou que, não é passe de mágica, né?! É que as coisas se resolverão depois de muito histórico com essa, com essa é... Com essa rapidez porque eu já vi, já vivi muita coisa, mas não quer dizer que tá bom lá fora, lá fora tá ruim...”

Digo que estou encantada como uma nova invenção, pois o pulsar das cinco entrevistas aqui contadas me deixou algumas certezas. Certeza de invenções de

vidas que fizeram e fazem a diferença, certeza da continuidade e da invenção de uma militância viva, coletiva e individual, a certeza de uma invenção na novidade de passos e fenômenos, a certeza de um caminho longo a percorrer e uma nova aurora que está por vir,... A fé na vida e na juventude, para a mudança

“Para mudar essa perspectiva e ter a retomada dos movimentos sociais... Enquanto tiver nesse ciclo é muito difícil, acho que a única expectativa hoje é com a juventude que tá conseguindo manter a luta, é... Muito ainda fragilizada, mas eu acho que enquanto não passar esse ciclo e as pessoas se derem conta de que tem que mudar...” (Entrevista número quatro).

Viver é melhor que sonhar, por isso esses entrevistados e entrevistadas me ensinaram e fazem toda a diferença pois vivem a militância na carne, no corpo. Para eles o único caminho conhecido. Contudo, como suas vidas e suas lutas são dinâmicas e em constante movimento; necessário que as conheçamos. Conheçamos suas marcas e seus rastros de uma militância do acontecimento que transformou e transforma o mundo, o Estado do Espírito Santo e Vitória...

“Do nosso trabalho, a gente sabia de gente que fazia aquilo. Então, mas acho que foi um momento muito importante que isso aí, de qualquer forma deu uma outra imagem ao Espírito Santo, né?! Eu acho que o Espírito Santo hoje é um Estado é... Promissor, um Estado que mais cresce, apesar ainda de continuar a desigualdade da distribuição de renda, no Brasil todo e tal... Mas o Espírito Santo teve uma outra imagem hoje, né?! E eu acho que o Movimento Nacional de Direitos Humanos contribuiu pra isso, né?! Foi decisivo porque encarou uma estrutura criminal, criminosos, né?! De alto poder, com a participação de todos os membros do sistema, né?! Dos poderes do Estado, então acho que foi muita, foi muito risco que nós corremos, né?! Apesar de ter perdido alguns companheiros... Na periferia de todo esse movimento, né?! Pessoas da nossa... Mas acho que foi um momento muito importante pra... Que ficou na história do Espírito Santo. Essa mudança da ordem política e econômica, do respeito que o Estado do Espírito Santo. Hoje realmente o Estado do Espírito Santo é um Estado que compõe de fato a Região Sudeste, né?! Que até antes não era reconhecido. Acho assim, foi marcante pra minha vida, né?! E eu não me arrependo de nada que fiz, né?!”(Entrevista número quatro).

Por isso cuidado meu bem a perigo na esquina, eles venceram e o sinal está fechado pra nós que somos jovens. Na certeza de uma urgência, ainda hoje, dos direitos humanos serem efetivados em políticas públicas e na vida; os entrevistados deixam ainda o olhar para o horizonte com algumas profecias. Os entrevistados três, quatro e cinco anunciaram o fenômeno de um momento como o de julho de 2013 nas ruas de todo o país. A energia e efervescência da juventude e dos novos caminhos virtuais, que levou milhões às ruas das cidades pelo país. É o que diz a

entrevistada de número três quando faz um balanço da militância com olhar no futuro:

“Nós vivemos num país que... Diferentemente da maioria é um país que constrói perspectivas, tem um legado brutal de desigualdades e de violência e de misérias e... Mas eu acho que militância de direitos humanos ganhou um novo, um novo perfil, no Estado e no Brasil. Eu acho que avança porque ganha mais musculatura, tem mais repercussão... É menos marginalizado do que quando nós ousamos começar esse *negócio* aqui no Estado e no Brasil. É, é uma contradição, os nossos números são altíssimos; talvez por isso a gente seja vanguarda... Porque eu acho que nós estamos, eu acho que é... **O momento da luta, a gente ainda não conseguiu virar. Porque eu acho que nós ainda acreditamos no paraíso e nos preparamos assim.**”

Nossos ídolos ainda são os mesmos e as aparências não enganam não, e você diz que depois deles não apareceu mais ninguém, mas pelo contrário os entrevistados nos ensinam que nossos ídolos podem até ser o mesmo – o capitalismo selvagem e a ganância humana – mas temos outras roupagens e ainda muito que fazer. Muito que pensar sobre os direitos adquiridos e ainda não realizáveis. Que a vida é um eterno movimento... E no fim da entrevista quatro, o movimento e a permanência da militância no corpo

“Mas vou continuar refletindo, contribuindo, né?! Eu acho que... Não sei se tenho mais disposição para a... Uma militância no movimento social, né?! Do jeito que eu militei, mas eu acredito que a responsabilidade... Eu me dou por satisfeito, né?! De ter contribuído no que eu pude contribuir, né?! E quero agora aproveitar e aceitar o novo... Que essa turma tá trazendo, né?! E tentar de certa forma trabalhar mais uma forma de assessoria, de conversa, porque pra mim é muito importante você, mesmo criando novo, renovando... Isso é importante, mas tem que olhar pra trás, né?! Pra entender o momento e visualizar, enxergar pra frente, pro futuro, né?! Então acho que... Isso eu quero trabalhar muito com o... Com essa juventude pra tentá-los, né?! Porque aí a... A memória ela é muito importante, né?! Eu que convivi com algumas pessoas... Porque eu comecei minha militância ainda dentro do regime militar, em 1975 é... Mais nessa área mais classista, né?! Eu convivi com algumas pessoas... Que hoje não existem mais e que me deram muita, muita, é... Me contaram muita história, né... Que foi a história deles, o que eles acreditavam... Então pra mim a esperança ela não pode acabar... Eu acho que tem possibilidade de mudar esse quadro, né?! Mas é... O que eu tenho que ser real na minha, na minha análise, né... É de que pra mim não é uma coisa a curto prazo, né... *A não ser que aconteça alguma outra... Um fenômeno qualquer até que...* Mas eu acho que esse círculo ele tende a ter um foro maior, né... Então é preciso... Agora é preciso de que a, a tanto o Movimento Nacional de Direitos Humanos, como outras organizações de movimento social tem que ter a habilidade... A capacidade de refletir... Porque tá todo mundo voltado pro institucional, né... E aí isso pode, né... Fazer com que essa história, esse círculo, né... Tenha uma durabilidade maior por causa disso, né... Então tem que criar uma estratégia de sair dessa, de romper com essa lógica é estabelecida.”

7. Bibliografia:

- ALBERTI, Verena. **Tradição oral e história oral: proximidades e fronteiras**. In: História Oral. Vol. 1, no. 8 p. 11-28, jan-jun 2005,
- _____. **Ouvir e contar: textos em História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. (p13-31),
- ALTOÉ, Sônia (Org.). **René Lourau – Analista Institucional em tempo integral**. São Paulo: HUCITEC, 2004. (p. 187 – 198),
- BARROS, Regina Benevides de. **Grupo: a afirmação de um simulacro**. 2ª Ed. – Porto Alegre: Sulina/Editora da UFRGS, 2009,
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaio sobre literatura história de cultura**. Tradução Sérgio Paulo Rouanet; prefácio Jeanne Marie Gagnebin. 7ª Ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994. Obras escolhidas v. 1,
- BORGES, Jorge Luis. **Funes ou a Memória**. In: Ficções. Lisboa: Teorema, 2000. (p.73-80),
- _____. El outro. In: **Naraciones**. 20ª Madrid: Cátedra, 1998. (p.215-223),
- CANDIOTTO, Cesar. **Foucault e a crítica da verdade**. Belo Horizonte: Autêntica Editora; Curitiba: Champagnat, 2010,
- CIPRIANO, Perly. **Pequenas Histórias de Cadeia**. Vitória/ES, s.n., 2002,
- COIMBRA, Cecília Maria Bouças. **Guardiães da Ordem: Uma viagem pelas práticas psi no Brasil do “Milagre”**. Oficina do Autor. Rio de Janeiro; 1995,
- COGGIOLA, Oswaldo. **Governos Militares na América Latina**. São Paulo: Contexto, 2001 – Repensando a História do Brasil,
- DELEUZE, Gilles. **Conversações, 1972-1990**. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1992,
- _____. **Foucault**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2005,
- _____. **Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia 2, vol 1**. Gilles Deleuze, Félix Guattari; tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Ed. 34, 1995,
- _____. **Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia 2, vol 2**. Gilles Deleuze, Félix Guattari; tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Ed. 34, 1995,

- _____. **Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia 2, vol 3.** Gilles Deleuze, Félix Guattari; tradução de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 1996,
- _____. **Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia 2, vol 4.** Gilles Deleuze, Félix Guattari; tradução de Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 2012,
- _____. **Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia 2, vol 5.** Gilles Deleuze, Félix Guattari; tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Ed. 34, 2012
- DOMINGUES, Leila. **À flor da pele: subjetividade, clínica e cinema no contemporâneo.** Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2010,
- FAUSTO, Boris. **História do Brasil**, 4ª Ed. – São Paulo: Editora da universidade de São Paulo: Fundação para o Desenvolvimento da Educação, 1996.
- FERREIRA, Marieta Moraes. **Desafios e dilemas da história oral nos anos 90: o caso do Brasil.** In: História Oral, 3, 2000. (p. 117-127),
- _____. **História, tempo presente e história oral.** In: Topoi. Rio de Janeiro. Dezembro de 2002, p. 314-332,
- FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito: curso dado no Collège de France 1981-1982.** Edição estabelecida sob a direção de François Ewald e Alessandro Fontana, por Frédéric Gros: tradução Márcio Alves da Fonseca, Salma annus Muchail. 3ª Ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010, Obras de Michel Foucault,
- _____. **A verdade e as formas jurídicas.** 3ª Ed. Rio de Janeiro: Nau editora, 2008,
- _____. **Em defesa da Sociedade.** Curso no Collège de France (1975-1976). Martins Fontes, São Paulo, 4ª Tiragem, 2005,
- _____. **Estratégia, poder-saber – Ditos e escritos IV.** Organização e seleção de textos, Manoel Barros da Motta; tradução, Vera Lucia Avellar Ribeiro. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010,
- _____. **História da sexualidade: A vontade de saber.** Rio de Janeiro: Graal, 1984,
- _____. **História da sexualidade: O uso dos prazeres.** Rio de Janeiro: Graal, 1988,

- _____. **História da sexualidade: O cuidado de si.** Rio de Janeiro: Graal, 1985,
- _____. **O governo de si e dos outros: Curso no Collège de France – 1982-1983.** Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010, Obras de Michel Foucault,
- _____. **O nascimento da medicina social.** In: **Microfísica do poder.** 4ª Ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984,
- _____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão.** Tradução de Raquel Ramallete. 38. Ed. Petrópolis, rio de Janeiro: Vozes, 2010,
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e narração em Walter Benjamin.** São Paulo: Perspectiva, 2011. Estudos; 142 – dirigida por J. Guinsburg,
- _____. **Lembrar escrever esquecer.** São Paulo: Ed. 34, 2006,
- _____. **Sete aulas sobre linguagem, memória e história.** 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Imago, 2005,
- GASPARI, Elio. **A ditadura escancarada.** São Paulo: Companhia das Letras, 2002,
- GUARINELLO, Norberto Luiz. **Breve arqueologia da historia oral.** In: Historia Oral. No. 1, 1998 (p.61-65),
- GUATTARI, Félix e ROLNIK, Suely. **Micropolítica, cartografias do desejo.** Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2010.
- HABWALCHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Centauro, 2006. (p.29-70),
- HERKENHOFF, João Baptista. **Gênese dos Direitos Humanos.** 2ª Ed. Ver. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2002,
- HESS, Remi. **Produzir sua obra: O momento da tese.** Série Pesquisa. Editora: Liber Livro, 2005,
- KROHLING, Aloísio. **Justiça e libertação: a dialética dos direitos fundamentais.** Organizador Aloísio Krohling. 1. Ed. Curitiba: Editora CRV, 2009,
- LE GOFF, Jaques. **História e memória.** Vol. 2, Lisboa: Edições 70, 2000. (p.9-59; 103-115),

- LINHARES, Maria Yeda L. (Organizadora). **História geral do Brasil: da colonização portuguesa à modernização autoritária**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1990.
- LOBO, Lilia Ferreira. **Os infames da história: pobres, escravos e deficientes no Brasil**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008,
- MACHADO, Assis. **O espelho: esboço de uma nova teoria sobre a alma humana**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996. (p.95-110),
- MACHADO, Roberto. **Foucault a ciência do saber**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2009,
- MARMELSTEIN, George. **Curso de Direitos Fundamentais**. São Paulo: Editoria Atlas, 2009,
- MIRANDA, Nilmário. **Por que Direitos Humanos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006,
- MONDAINI, Marco. **Direitos Humanos**. 1ª ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2008,
- _____. **Direitos Humanos no Brasil**. – São Paulo: Contexto, 2009,
- MORAES, Alexandre de. **Direitos Humanos Fundamentais**. São Paulo: Editora Atlas, 2011.
- MOTA, Carlos Guilherme. **Viagem Incompleta: a experiência brasileira (1500-2000): a grande transação**. Org. Carlos Guilherme Mota. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2000,
- NALINI, José Renato (Coordenador). **Direitos Humanos e Formação Jurídica**. Rio de Janeiro. Editora Florense, 2010,
- PANDOLFI, Dulce Chaves; GRYNSZPAN, Mario. **A violência vista da favela. História Oral**. Vol.8, no. 1, p. 129-146, jan-jun 2005,
- PASSOS, Eduardo, KASTRUP, Virgínia e ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Organização Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana da Escóssia. Porto Alegre: Sulina, 2010,
- PEREIRA, Lígia Maria Leite. **Algumas reflexões sobre histórias de vida, biografias e autobiografias**. In: História Oral, 3, 2000. (p117-127),

- PEREIRA, Valter Pires e MARVILLA, Miguel. **Ditadura não são eternas: memórias da resistência ao golpe de 1964, no Espírito Santo**. Vitória: Gráfica Aquarius: Assembléia Legislativa do Estado do Espírito Santo, 2005,
- PROST, Antoine e CHARTIER, Gérard. **História da vida privada, 5: da Primeira Guerra a nossos dias**. Organização: Antoine Prost e Gérard Chartier; tradução Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1992,
- ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2011,
- SANTOS, Boaventura Souza. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2005,
- _____. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência**. São Paulo: Cortez Editora, 2009,
- _____. **A construção multicultural da igualdade e da diferença**. In: Congresso Brasileiro de Sociologia, Rio de Janeiro: Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 4 a 6 de setembro (Conferência), (1995).
- SILVA, Maria Aparecida Moraes. **A terra no imaginário dos migrantes temporários**. História Oral. Vol.4, 2001, p. 103-120.
- THOMPSON, Paul e Bourdieu, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996. (p. 183-191),
- THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. (p.104-137),
- TRINDADE, José Damião de Lima. **História Social dos Direitos Humanos**. São Paulo: Editora Peirópolis, 3ª Ed, 2011,
- VIANA, Gilney e CIPRIANO, Perly. **Fome de liberdade: a luta dos presos políticos pela anistia**. 2. Ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2009.